

Roberto Fontana Talau

**O MÉTODO ALEGÓRICO DE ANTÔNIO VIEIRA:
FUNDAMENTOS, FUNÇÕES E PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Edinei da Rosa
Cândido.

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

TALAU, Roberto Fontana

O método alegórico de Antônio Vieira: fundamentos,
funções e perspectivas / Roberto Fontana Talau; orientador,
Edinei da Rosa Cândido – Florianópolis, SC, 2019.

121 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de
Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. Antônio Vieira. 2. Alegoria. 3. Evangelização.

Roberto Fontana Talau

**O MÉTODO ALEGÓRICO DE ANTÔNIO VIEIRA:
FUNDAMENTOS, FUNÇÕES E PERSPECTIVAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 12 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Edinei da Rosa Cândido
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Raphael Novaresi Darella Lorenzin Leopoldo
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Ms. Siro Manoel de Oliveira
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Aos meus pais, minha irmã e minha avó.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que em sua infinita bondade me concedeu as forças para a realização desta pesquisa. Agradeço também aos meus familiares pela compreensão e auxílio. Estendo meus agradecimentos à Diocese de Criciúma, aos membros do Seminário Teológico Bom Pastor, à Paróquia Santo Antônio de Pádua, através do pároco Pe. Antônio Mendes, amigo e apoiador, e ao professor Dr. Pe. Edinei da Rosa Cândido, orientador da pesquisa. Finalmente, agradeço a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização desta pesquisa, demonstrando que ela é fruto da dedicação de muitas mãos.

Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa,
como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus?
(Padre Antônio Vieira)

RESUMO

A presente pesquisa busca apresentar o método alegórico vieiriano como proposta de transmissão da mensagem cristã, encontrando relevância frente a algumas problemáticas da sociedade atual. A partir de uma abordagem bibliográfica, a pesquisa se insere na relação entre teologia e linguagem, e tem por base os Sermões de Padre Antônio Vieira, além de documentos eclesiais, textos teológicos e comentadores dos assuntos analisados. Embora necessária, a evangelização atual se depara com dificuldades para a realização de sua atividade. Nesse sentido, a pesquisa propõe o método alegórico desenvolvido por Antônio Vieira como possibilidade a esse contexto, com as devidas atualizações. Para tanto, fundamenta-se a alegoria e seu método na teoria e na história da Igreja, apresentam-se as principais funções para as quais Vieira as desenvolve e, por fim, demonstram-se as razões e a metodologia adequada para a aplicação desse método contextualizado na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Antônio Vieira. Alegoria. Evangelização.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1 Cor – Primeira Carta aos Coríntios
CIC – Catecismo da Igreja Católica
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Ct – Cântico dos Cânticos
DAp – Documento de Aparecida
Doc. – Documento
EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*
EN – Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*
Mc – Evangelho segundo Marcos
Sum. Theol. – Suma Teológica
VD – Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 LANÇANDO FUNDAMENTOS: A ALEGORIA NA TEORIA, NA HISTÓRIA E EM VIEIRA	21
1.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	21
1.1.1 Alegoria: história do conceito	21
1.1.2 Alegoria sob a ótica de João Adolfo Hansen.....	23
1.1.2.1 Alegoria dos poetas	25
1.1.2.2 Alegoria dos teólogos.....	27
1.1.2.3 Alegoria de Renascimento.....	31
1.2 FUNDAMENTOS HISTÓRICO-TEOLÓGICOS	32
1.2.1 Fílon de Alexandria	33
1.2.2 A Escola de Alexandria: Clemente e Orígenes	36
1.2.3. Agostinho de Hipona.....	41
1.2.4 Beda, o venerável	43
1.2.5 Tomás de Aquino	45
1.3 A BASE DAS ALEGORIAS DE ANTÔNIO VIEIRA	46
1.3.1 Vieira e a alegoria dos poetas.....	47
1.3.2 Vieira e a alegoria dos teólogos.....	48
1.3.3 Vieira e a alegoria de Renascimento	50
1.3.4 Uma visão integral.....	51
2 CONSIDERANDO OS ESCRITOS: AS FUNÇÕES DAS ALEGORIAS DE VIEIRA	55
2.1 A TRANSMISSÃO DOS CONTEÚDOS DA FÉ	55
2.2 AS INSTRUÇÕES AOS PREGADORES	60
2.3 A VALORIZAÇÃO DA FIGURA FEMININA	63
2.4 A CONVERSÃO E VALORIZAÇÃO DOS NEGROS E ÍNDIOS	67
2.5 O CARÁTER POLÍTICO E A SUPERIORIDADE DO REINO DE PORTUGAL.....	74
3 SEMEANDO PERSPECTIVAS: A APLICAÇÃO DO MÉTODO ALEGÓRICO	83
3.1 AS RAZÕES DO MÉTODO ALEGÓRICO.....	83
3.1.1 A problemática do contexto	84
3.1.2 A recomendação eclesial do uso de imagens.....	89
3.1.3 Artifícios linguísticos no contexto bíblico.....	95
3.1.4 As virtudes retóricas da brevidade e clareza	101
3.2 OS MÉTODOS E MOMENTOS DE APLICAÇÃO ALEGÓRICA	103
CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

A vida de Jesus Cristo e, com ela, os ensinamentos dados pelo Senhor são conteúdos essenciais para a vida cristã. Ademais, aquele que segue esses ensinamentos tem o dever, dado pelo próprio Cristo, de ser testemunha dessa mensagem de vida em abundância e plenitude.

Entretanto, como já se pode perceber a partir da prática pastoral, há certa dificuldade em transmitir essa mensagem, sobretudo quando levado em conta o contexto social da atualidade. Conforme reconhece a sociologia, a sociedade contemporânea é marcada por constantes transformações culturais, o que dificulta o anúncio de algo perene, como é, de fato, a mensagem cristã para a teologia.

Nesse sentido, a problemática que se instaura diante do exposto é o contrassenso que há entre a necessidade de exposição da mensagem cristã e sua recorrente recusa por parte de alguns grupos da sociedade. Há uma mensagem a ser anunciada, mas os métodos de anúncio dela parecem falhos ou, ao menos, não são suficientemente chamativos.

No século XVI, época do descobrimento dos novos continentes, a Europa viu surgir a chamada Companhia de Jesus (jesuítas), fundada por Santo Inácio de Loyola, que, entre seus objetivos, visava o anúncio do Evangelho e a conseqüente conversão dos povos recém descobertos. Quase um século depois, entre os jesuítas, estava o Padre Antônio Vieira, nascido em Portugal e vindo, ainda criança, ao Brasil Colônia. Mesmo diante dos inúmeros contextos que Vieira encontrou na colônia, seus sermões (desenvolvidos com muitas alegorias e adaptados à realidade particular que encontrava em cada um deles) foi capaz de atingir os numerosos ouvintes da preleção.

Destarte, a presente pesquisa tem por tema central o método alegórico desenvolvido pelo Padre Antônio Vieira, considerando os fundamentos da alegoria nos âmbitos teórico e histórico-teológico, identificando as principais razões para o desenvolvimento das alegorias vieirianas e, finalmente, percebendo novas perspectivas para o método de Vieira na atualidade.

Para isso, a pesquisa, que tem por objetivo geral apresentar o método alegórico vieiriano como proposta de transmissão da mensagem cristã, organiza-se com três objetivos específicos. Em primeiro lugar, são lançados os fundamentos da alegoria e do método alegórico vieiriano, partindo das considerações teóricas e dos usos teológicos na história, para fazer surgir um método propriamente identificado como do jesuíta português. Em segundo lugar, ao tomar os escritos de Vieira e

muitos comentários de estudiosos do assunto, identificam-se as cinco principais funções para as quais o jesuíta desenvolve suas alegorias a partir de seu método. Finalmente, o terceiro objetivo propõe aplicar o método de Vieira para a sociedade atual, pontuando as quatro principais razões dessa aplicação e os principais locais e artifícios para esse uso.

De ordem bibliográfica, a pesquisa se faz por meio da leitura, coleta e seleção de dados relevantes, fundamentando-se, sobretudo, nos Sermões do Padre Antônio Vieira, além de muitos comentadores, próprios para cada item no interno dos objetivos. Para fundamentar a alegoria, por exemplo, os textos mais utilizados são o de João Adolfo Hansen, intitulado *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*, e alguns manuais de história da Igreja, além de artigos sobre os assuntos tratados. Para identificar as principais funções das alegorias de Vieira, as citações diretas ocorrem apenas de trechos dos Sermões e, a partir deles, vários comentadores são mencionados. Por fim, para atualizar o tema, são utilizadas algumas reflexões sociais, eclesiais, teológico-bíblicas e literárias.

Dos três objetivos específicos emergem os três capítulos da pesquisa. Entre eles, faz-se uma diferenciação no quesito da escrita e uso de materiais. O primeiro e o segundo capítulos, por exemplo, adquirem, durante a produção, um caráter mais descritivo. O terceiro, por sua vez, toma um tom mais reflexivo.

Além disso, os capítulos são intitulados com verbetes relacionados ao *Sermão da Sexagésima*, importante sermão sobre a preleção e os pregadores: lançando, considerando e semeando. O primeiro capítulo, intitulado *Lançando fundamentos: a alegoria na teoria, na história e em Vieira* lança os fundamentos teóricos, apresentando a história do conceito e a alegoria sob a ótica de João Adolfo Hansen; os fundamentos histórico-teológicos, expondo a alegoria em Filon, Clemente, Orígenes, Agostinho, Beda e Tomás de Aquino; e a base das alegorias de Antônio Vieira, relacionando-a à alegoria dos poetas, dos teólogos, de renascimento e propondo uma visão integral.

O segundo capítulo, por sua vez, intitulado *Considerando os escritos: as funções das alegorias de Vieira*, considera os Sermões e identifica as cinco principais funções para as quais Vieira desenvolve suas alegorias, a saber: a transmissão dos conteúdos da fé, as instruções aos pregadores, a valorização da figura feminina, a conversão e valorização dos negros e índios e o caráter político e a superioridade do Reino de Portugal.

Finalmente, o terceiro capítulo, intitulado *Semeando perspectivas: a aplicação do método alegórico*, semeia novas possibilidades de utilizar o método alegórico vieiriano para o contexto atual, apresentando as razões pelas quais se recomenda o método e, após, a metodologia e os momentos de aplicação alegórica. Quanto às razões, pode-se mencionar que o contexto aconselha, a Igreja recomenda, o texto bíblico sugere e a literatura indica.

A leitura fará perceber, ao menos, duas razões pelas quais o tema encontra relevância. Em primeiro lugar pelo contexto atual, que pede um método atrativo. Como se mencionou acima, as transformações culturais da sociedade atual dificulta a transmissão da mensagem cristã. Ao aprofundar um pouco essa temática, percebe-se que uma recusa se dá, sobretudo, por um desinteresse ou desconhecimento de textos muito elaborados e termos muito complexos, exigindo um método que facilite a compreensão. Além dessa razão, também se deve considerar que, mesmo sendo um religioso e tendo escrito inúmeros sermões, Vieira é muito estudado pela literatura e quase esquecido pela teologia. Nesse sentido, a pesquisa também procura devolver a Vieira o posto teológico que ele certamente merece.

1 LANÇANDO FUNDAMENTOS: A ALEGORIA NA TEORIA, NA HISTÓRIA E EM VIEIRA

Para compreender de modo mais pleno o método alegórico de Antônio Vieira, objeto desta investigação, faz-se necessário, em primeiro lugar, lançar seus sólidos fundamentos. Essas bases perpassam as áreas da literatura, da ciência conceitual e da teologia, avançam à compreensão histórica e seus desdobramentos, até atingir uma base comum propriamente de Vieira, identificada por estudiosos desse jesuíta português conhecido por seus inúmeros sermões.

Desse modo, primeiramente lançam-se os fundamentos teóricos, pesquisando a alegoria em seu sentido conceitual, sobretudo a partir de João Adolfo Hansen, pesquisador na área. Em seguida, os fundamentos lançados são histórico-teológicos, ou seja, o modo como a alegoria foi concebida em diversos teólogos ao longo da história. Finalmente, relacionando fundamentos teóricos e históricos, apresenta-se uma base das alegorias de Antônio Vieira, que associa nos sermões teologia e linguagem.

1.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Os fundamentos teóricos, nesta pesquisa, são lançados em primeiro lugar. Considerar aqui o sentido conceitual da alegoria e seu respectivo desenvolvimento tem por objetivo complementar as considerações do método, perceber que a alegoria possui um fundamento, que apesar de ser utilizada na história como método exegético foi desenvolvida anteriormente, e utilizada com outras finalidades.

1.1.1 Alegoria: história do conceito

Conceituando de modo bastante sucinto, a alegoria é um discurso a respeito de uma coisa com o objetivo de fazer compreender outra. O vocábulo tem sua origem entre os gregos, que o empregaram correntemente.¹ Para eles, a alegoria era chamada *hyponoia*, ou seja,

¹ MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 14. Disponível em: <<http://www.eduardoguerreirolosso.com/Massaud-Moisés-Dicionário-de-Termos-Literários.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

algo que remonta a um significado que ultrapassa aquele superficial dos termos e alcança o que está debaixo (*hypo*) da mente (*nous*).²

Em resumo, portanto, a alegoria deseja apresentar uma mensagem utilizando outras palavras, compreender um sentido ultrapassando aquele literal dos vocábulos utilizados. Em seu *Dicionário de termos literários*, Moisés Massaud se refere à alegoria nestes termos:

[...] um discurso que, como revela a etimologia do vocábulo, faz entender outro ou alude a outro, que fala de uma coisa referindo-se a outra, – uma linguagem que oculta outra, uma história que sugere outra. Empregando imagens, figuras, pessoas, animais, o primeiro discurso concretiza as idéias, qualidades ou entidades abstratas que compõe o outro.³

Segundo teóricos, na alegoria há um conteúdo manifesto, relacionado ao aspecto material e um conteúdo latente, ou seja, oculto ou encoberto. O aspecto material funciona como uma espécie de disfarce ou revestimento do aspecto moral, ideal ou ficcional do já referido conteúdo latente.⁴

João Adolfo Hansen, pesquisador na área da literatura, apresenta a alegoria em duas vertentes derivadas do verbo grego *állegorien*. O significado da primeira vertente se refere ao ato de falar alegoricamente, chamado alegoria dos poetas e mestres da retórica da Antiguidade. O significado da segunda, ao mesmo tempo, refere-se ao ato de interpretar alegoricamente as Escrituras Sagradas, ao qual se denomina alegoria dos teólogos.⁵ Afirma Freitas:

Alguns teóricos postulam a existência de uma alegoria poética e uma alegoria hermenêutica ou interpretativa, de modo que, dependendo da

² FREITAS, Jorge de. Considerações sobre a alegoria, a partir de João Adolfo Hansen em *Alegoria: Construção e interpretação da metáfora*. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 2, nº 3. p. 249-260, jul-dez. 2014. p. cit. 250. Disponível em: <<http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol203/249JorgeDeFreitas.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

³ MASSAUD, 2004, p. 14.

⁴ MASSAUD, 2004, p. 14.

⁵ FREITAS, 2014, p. 250.

natureza do texto em que esteja presente, a alegoria é propriamente literária, no primeiro caso, ou bíblica ou teológica, no segundo. E pode ser *intencional* [...] ou *involuntária*. [...] outros estudiosos [...] consideram dois tipos de alegoria, a das palavras (*allegoria in verbis*), e a dos fatos (*allegoria in factis*).

Nesse sentido, complementando as considerações a respeito da dupla vertente, a alegoria poética é aquela que se liga ao ato de falar alegoricamente, dando elegância ao texto, e a alegoria hermenêutica é o segundo nome pelo qual se pode chamar a alegoria dos teólogos, já que interpreta os textos da Sagrada Escritura à luz do mesmo método. Como grande pesquisador na área, cabe aprofundar a ótica de Hansen nesse contexto.

1.1.2 Alegoria sob a ótica de João Adolfo Hansen

Conforme já mencionado anteriormente, João Adolfo Hansen é um pesquisador na área da literatura e, no Brasil, um dos principais teóricos a respeito da alegoria. Em sua obra intitulada *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*, o autor abre a problemática exibindo uma reflexão acerca do termo e depois o apresenta em seus três modos de compreensão: alegoria como expressão (que também pode ser chamada de alegoria dos poetas), alegoria como interpretação (também denominada alegoria dos teólogos) e, por fim, a ainda não mencionada alegoria de Renascimento, um terceiro modo surgido ao longo da história.⁷

Em linhas gerais, e complementando as reflexões já acima mencionadas, Hansen apresenta a alegoria como vinda do grego *allós* (outro) e do verbo *agoréuo* (eu falo), significando, de forma resumida, falar de outro modo, dizer *A* para significar *B*. Entretanto, ao mencionar a alegoria, é preciso realizar uma importante distinção, já que, na história, é possível constatar sua utilização em dois aspectos. O primeiro deles diz respeito a uma expressão verbal retórico-poética, como um procedimento construtivo, numa relação entre pressuposto e efeito,

⁶ MASSAUD, 2004, p. 15, grifos do autor.

⁷ A presente pesquisa fará muitas menções ao referido teórico, tendo em vista que a fundamentação da tríplice distinção é parte de seu desenvolvimento científico.

causando uma analogia mimética, ou seja, de imitação. A essa utilização se dá o nome de alegoria dos poetas. O segundo aspecto consiste em uma interpretação religiosa de coisas, pessoas e eventos em textos sagrados, adotando termos como *antítipo*, *figura*, *tipo*, *tipologia*, entre outros. Esse duplo aspecto é resultado da possível dupla interpretação do verbo grego *alegorien*, que pode significar *falar alegoricamente* e *interpretar alegoricamente*, de modo respectivo ao mencionado acima.⁸

Portanto, o significado enquanto *falar alegoricamente* está mais relacionado ao primeiro aspecto da alegoria, sendo denominado *Alegoria dos poetas*. Este modo é provindo da antiguidade e tem por função a ornamentação e o embelezamento do discurso. Já o significado enquanto “interpretar alegoricamente” está relacionado mais ao segundo aspecto da alegoria, chamado “Alegoria dos teólogos”. De origem cristã medieval,⁹ a interpretação alegórica traz consigo o conceito de essencialismo, no qual o mundo e a Bíblia são como que dois livros escritos por Deus e tudo pode ser interpretado nesse aspecto.¹⁰

O livro bíblico do Apocalipse, por exemplo, pode ser compreendido como uma obra escrita alegoricamente para ser interpretada em seu sentido alegórico. Justo e coerente para a interpretação cristã, já que o Apocalipse seria, então, revelação da Verdade sob o véu de enigmas. Entretanto, para a interpretação retórica, as muitas imagens não são capazes de ornamentar o discurso, nem se consegue arrancar delas certa “moral da história”, caracterizando-se, portanto, como inconsequência ou incoerência, devida a sua má aplicação de regras retóricas.¹¹

Nesse sentido, os poetas falam alegoricamente com o objetivo de embelezar seu discurso. Tomando o texto alegorizado à luz dessa primeira forma, busca-se perceber os níveis de ornamentação, se há um enigma, uma possibilidade de interpretação ou uma incoerência de termos. Os teólogos, por sua vez, utilizam a alegoria não para ornar seus textos, mas para que todo o escrito seja interpretado à luz da Revelação cristã.

⁸ HANSEN. João Adolfo. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Hedra, 2006. p. 7-8.

⁹ Para Hansen, a Idade Média se estende desde o início do primeiro século – concepção idêntica a muitos pesquisadores da área da Filosofia.

¹⁰ HANSEN, 2006, p. 9-12.

¹¹ HANSEN, 2006, p. 14-15.

1.1.2.1 Alegoria dos poetas

Em entrevista ao Instituto Humanitas da Unisinos, Hansen apresentou uma sucinta conceituação do que considera alegoria dos poetas. Em suas palavras:

A chamada *alegoria dos poetas* é uma técnica verbal usada desde os gregos antigos. Corresponde ao procedimento retórico de substituir o sentido próprio dos discursos pelo sentido figurado, ou seja, substituir palavras de sentido próprio por metáforas que, por serem continuadas, constituem a alegoria. Como técnica retórica, é um procedimento construtivo, próprio da elocução.¹²

No desenvolvimento de sua teoria alegórica, Hansen trabalha com o que denomina “alegoria dos poetas”. O ponto central de sua reflexão, nesse caso, é o conceito de tropo, que corresponde, de modo geral, a uma “transposição semântica de um signo presente para um signo ausente”.¹³

Quando essa transposição é feita utilizando termos semelhantes, ou seja, empregando termos mais aprimorados e rebuscados ao invés de palavras comuns, tem-se um discurso metafórico que, na maioria dos casos, deseja sua melhor ornamentação.¹⁴

Esses jogos de transposições semânticas têm por finalidade a construção de um bom discurso retórico, trazendo dois conceitos importantíssimos na alegoria, tratados como critérios de determinação: a brevidade e a clareza.¹⁵

Os critérios de brevidade e clareza são os determinantes da alegoria retórica como instrumento do discurso. **O critério da brevidade**

¹² HANSEN, João Adolfo. **O processo para a construção de metáforas. Uma entrevista com João Adolfo Hansen**. 2009. Disponível em: <<http://unisinos.br/blogs/ihu/invencao/o-processo-de-construir-metaphoras-uma-entrevista-com-joao-adolfo-hansen/>>. Acesso em: 19 dez. 2018. Entrevista concedida a André Dick.

¹³ HANSEN, 2006, p. 230.

¹⁴ FREITAS, 2014, p. 253.

¹⁵ FREITAS, 2014, p. 254.

relaciona-se diretamente com a captura dos espectadores por meio do discurso. [...] O critério da clareza situa-se como a regra central para a classificação dos tipos de alegoria retórica.¹⁶

Esses conceitos de brevidade e clareza são tão importantes para a alegoria que, segundo Hansen, são considerados virtudes retóricas, devido ao seu grande potencial de persuasão no discurso.¹⁷ Além disso, considerando que, na alegoria, o figurado sempre ocupa o lugar do literal, exigindo uma transposição contínua do segundo pelo primeiro, a alegoria possui subdivisões retóricas, classificadas por seu nível de clareza como critério básico: *Tota allegoria*, *Permixta apertis allegoria* e *Mala affectatio*.

A primeira subdivisão, intitulada *Tota allegoria* (ou Alegoria perfeita ou Enigma) é singular por sua ausência de clareza. Nela a imagem é apresentada obscura, a analogia entre o literal e o figurado é fechada ao ouvinte, que não consegue desvendar o véu figurativo, cabendo unicamente ao autor essa possibilidade. A *tota allegoria* é considerada um enigma, por isso não se entende e não pode persuadir, sendo considerada, retoricamente, um erro¹⁸. A fim de exemplificar, Hansen utiliza um exemplo bíblico da história de Sansão, o qual Carvalho assim elucida:

Alguns enigmas são encontrados na Bíblia, o mais conhecido é o “Do que come saiu o que se come; Do forte saiu doçura” (Juízes 14:14). [...] Sansão havia matado um leão nas vinhas de Tamna, depois volta à vinha para ver o cadáver do leão. Ao observá-lo detidamente percebe que na boca do animal havia um enxame de abelhas com mel, Sansão colhe e come esse mel. [...] Elucidando a questão: Do que come (da boca do leão) saiu o

¹⁶ FREITAS, 2014, p. 254-255, grifo nosso.

¹⁷ FREITAS, 2014, p. 255.

¹⁸ CARVALHO, Marcelle Ventura. Vieira e a construção alegórica. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 9, nº. 1, p. 181-187, jan-jul. 2007. p. cit. 183. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/4724/3588>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

que se come (mel); Do forte (do leão) saiu doçura (mel).¹⁹

Avançando à segunda subdivisão, intitulada *Permixta apertis allegoria* (ou Alegoria imperfeita), é importante sublinhar que o atributo *imperfeita* não se refere a um modo defeituoso ou a um mau funcionamento dela. Ao contrário, a Alegoria imperfeita é assim chamada porque, através de uma mistura (*permixta*) entre o literal e o figurado, constituem-se arestas que permitem sua compreensão, sobretudo quando comparada à *tota allegoria*. Os exemplos mais conhecidos dessa subdivisão são as fábulas e parábolas bíblicas em que o sentido figurado está no enredo e o literal na *moral da história*.²⁰ Hansen afirma que “a mistura do próprio e do figurado está a serviço da clareza e, por isso, é tida como mais didática”.²¹

Finalmente há a terceira subdivisão, chamada *Mala affectatio* (ou *inconsequentia rerum* ou Incoerência). Um termo que resume bem a terceira subdivisão, além daqueles que a denominam, é *incongruência*. Nessa subdivisão, há uma mescla criticável de metáforas que pertencem a campos semânticos completamente diferentes, não se ordenando num único feixe de significações.²² Há, portanto, uma mescla de metáforas que se apresenta como mistura, bagunça e livre associação de analogias.²³

1.1.2.2 Alegoria dos teólogos

Para tratar da alegoria dos teólogos, é importante desvelar alguns conceitos nesse contexto. É preciso perceber sua conceituação mais resolvida (inclusive a distinguindo da alegoria dos poetas), partir para os quatro níveis de sentido na Bíblia como Escritura divina (literal, alegórico, tropológico e anagógico), trabalhar a distinção entre o que se chama *allegoria in factis* e *allegoria in verbis* e fazer as devidas distinções entre a alegoria e a tipologia no contexto da Idade Média, já que o mecanismo chave da primeira é o conceito de tipo, o qual se verá adiante.

¹⁹ CARVALHO, 2007, p. 183.

²⁰ CARVALHO, 2007, p. 183.

²¹ HANSEN, 2006, p. 66.

²² HANSEN, 2006, p. 67.

²³ CARVALHO, 2007, p. 185.

Iniciando essa jornada para alcançar a conceituação mais utilizada sobre a alegoria dos teólogos, trazem-se as palavras de Hansen, na mesma entrevista anteriormente citada. Nela, o pesquisador conceitua a alegoria dos teólogos:

[...] *alegoria dos teólogos*, é um método cristão, hermenêutico ou interpretativo, inventado pelos Padres da Igreja no início do Cristianismo e retomado por teólogos escolásticos. Pressupondo que Deus existe e que é eterno e atual em todos os tempos históricos, o método estabelece relação de concordância entre homens, coisas e eventos do Velho Testamento e do Novo, demonstrando que aquilo que é latente como um anúncio profético, no Velho, fica *patente* como uma realização no Novo.²⁴

A alegoria dos teólogos, que também pode ser denominada alegoria hermenêutica, consiste em uma técnica interpretativa com fins de decifração das Escrituras Sagradas. Seu desenvolvimento é outorgado aos Padres e teóricos da Igreja Católica no período do princípio do Cristianismo à Idade Média.²⁵

Se a alegoria dos poetas trabalha com a transposição semântica entre o sentido figurado e o literal do discurso, a alegoria dos teólogos realiza uma transposição semântica entre os eventos da realidade terrena e as verdades bíblicas, depositadas nas coisas, homens e ações. Portanto, há um sentido espiritual na alegoria dos teólogos, presente não nas palavras, mas nas coisas por elas representadas.²⁶ O cerne desse tipo de alegoria “é a presença de Deus nas coisas e nos homens”.²⁷ Nas palavras de Hansen:

A interpretação cristã das coisas das *Escrituras* se faz segundo três grandes coordenadas: consideração da presença de Deus nas coisas sensíveis; consideração da presença de Deus nos seres espirituais, almas e puros espíritos; consideração da presença de Deus na alma

²⁴ HANSEN, 2009, não paginado, grifo do autor.

²⁵ FREITAS, 2014, p. 255.

²⁶ FREITAS, 2014, p. 255-256.

²⁷ FREITAS, 2014, p. 256.

humana, segundo graus de maior ou menor proximidade na maneira pela qual figuram Deus.²⁸

Na mesma obra, porém, em seu glossário, Hansen pondera sobre a alegoria dos teólogos como sendo o nome do processo hermenêutico que define quatro níveis de sentido na Bíblia como escritura divina: literal, alegórico, tropológico e anagógico.²⁹

Desde os primeiros séculos do Cristianismo, esses quatro níveis vinham sendo trabalhados. Cassiano parece ter sido o primeiro autor latino a formulá-los. Cerca de quinhentos anos mais tarde, Rábano Mauro os exemplifica através do termo *Jerusalém*. Hansen assim os apresenta em sua obra: O primeiro nível é o da história: de acordo com a letra e com a história, qual o sentido literal e o significado histórico de determinado conceito? No exemplo de Rábano Mauro, Jerusalém é, segundo a história, a cidade dos Judeus.³⁰

O segundo nível é o da alegoria: de acordo com ela, qual o sentido cristológico ou eclesiológico de determinado termo? No mesmo exemplo de Jerusalém, o conceito deseja representar a Igreja de Cristo.³¹

O terceiro nível é o da tropologia: considerando que o tropo significa o sentido figurado e que a tropologia refere-se a um significado moral das Escrituras, qual o sentido tropológico (individual, moral ou ascético) do conceito utilizado? Com relação ao termo Jerusalém, representa a alma humana que frequentemente com esse nome é amaldiçoada ou louvada pelo Senhor.³²

Finalmente há o quarto nível, o da *anagoge*: podendo também ser chamada de sentido escatológico ou dos fins últimos, qual o significado anagógico de um termo? Jerusalém, no exemplo de Rábano Mauro, é a Cidade de Deus, aquela do Céu, que é a mãe de todos.³³

Partindo da dupla distinção da alegoria, o ambiente medieval desenvolveu dois termos correspondentes aos conteúdos aqui já mencionados: *allegoria in verbis* e *allegoria in factis*, que são a forma cristã de chamar a alegoria dos poetas e a alegoria dos teólogos, respectivamente.

²⁸ HANSEN, 2006, p. 92, grifo do autor.

²⁹ HANSEN, 2006, p. 225.

³⁰ HANSEN, 2006, p. 103.

³¹ HANSEN, 2006, p. 103.

³² HANSEN, 2006, p. 103.

³³ HANSEN, 2006, p. 103.

Embora ambas sejam designações cristãs da alegoria, a primeira é a forma como os autores medievais denominam a alegoria retórica (alegoria dos poetas). *Allegoria in verbis* significa, em tradução livre, *alegoria nas palavras* ou alegoria verbal, uma técnica de ornamentação de discursos.³⁴

O segundo conceito consiste, por sua vez, na interpretação de seres e acontecimentos bíblicos como escritura divina. *Allegoria in factis*, ou *alegoria nos fatos* significa escrita nos acontecimentos, com fatos. O termo se liga, de modo bastante representativo, aos conceitos de tipo e tipologia, relacionando-se à alegoria dos teólogos.³⁵

Finalmente, um conceito fundamental para essa forma de alegoria é *tipo*, que funciona como seu mecanismo chave de construção. Importante frisar que, na alegoria dos poetas, o mecanismo chave não é o conceito de tipo, mas de tropo.³⁶

O conceito de tipo é o procedimento em que um determinado personagem ou acontecimento histórico do Velho Testamento prefiguraria o que está por vir como Revelação no Novo Testamento, de modo que esse personagem ou acontecimento préfigurativo seria a figura tipológica do acontecimento porvir.³⁷

A dupla distinção propiciada pela Idade Média em chamar a alegoria retórica de *allegoria in verbis* e a alegoria hermenêutica de *allegoria in factis* fez com que se consolidasse, com o avançar da história, a distinção entre o conceito central de cada uma: a *allegoria in factis*, que buscou interpretar os fatos, ligou-se ao conceito de tipo e, ao se tornar tipologia, assumiu totalmente a relação entre Antigo e Novo Testamento da Sagrada Escritura. A *allegoria in verbis*, por sua vez, centrou-se na transposição semântica e, assumindo o conceito de tropo, firmou-se como metáfora continuada com objetivo de ornamentação dos discursos.³⁸

³⁴ HANSEN, 2006, p. 226.

³⁵ HANSEN, 2006, p. 226.

³⁶ FREITAS, 2014, p. 256.

³⁷ FREITAS, 2014, p. 257.

³⁸ FREITAS, 2014, p. 257.

1.1.2.3 Alegoria de Renascimento

Além da Alegoria dos Poetas e da Alegoria dos Teólogos, Hansen ainda identifica outra vertente alegórica largamente utilizada entre os séculos XV e XVII: a Alegoria de Renascimento.

Em Florença, no século XV, textos filosóficos e poéticos gregos e latinos são traduzidos e simultaneamente interpretados por meio de referências muito variadas, como os hieróglifos egípcios, a astrologia, a alquimia, a Patrística, a Escolástica, a Cabala etc. **O instrumento principal de interpretação e construção dos discursos é a alegoria.**³⁹

O fenômeno do Renascimento⁴⁰ trouxe à ciência uma nova forma de ver o mundo e suas realidades. Retoma-se o pensamento das sociedades antigas à luz de novas descobertas, o que influencia em toda a cosmovisão. Atuando sobre o modo de ver o mundo, muda-se também de perspectiva sobre o campo da linguagem, já que “se o modo de ver o mundo se modifica, modifica-se também o modo de representá-lo”.⁴¹

Dessa forma, a alegoria do período é marcada pela mistura entre aquela verbal (dos poetas) e a factual (dos teólogos), tirando, contudo, a autoria e autoridade de Deus como propõe a alegoria dos teólogos.⁴² A principal expressão da Alegoria de Renascimento é a experiência ocorrida na região de Florença, na Itália, onde, por meio de alguns humanistas, o método se desenvolveu.

Para os eruditos florentinos, não há diferença essencial entre a autoridade das fontes cristãs e

³⁹ HANSEN, 2006, p. 139, grifo nosso.

⁴⁰ “Designa-se com este termo o movimento literário, artístico e filosófico que começa no fim do séc. XIV e vai até o fim do séc. XVI, difundindo-se da Itália para os outros países da Europa”. (ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 852).

⁴¹ CARVALHO, M. V. Vieira e a alegoria dos teólogos e do Renascimento. In: MEDEIROS, A., org. **Travessias pela literatura portuguesa**: estudos críticos de Saramago a Vieira. Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 207-240, p. 225. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8n8gb/pdf/meheiros9788578792794-10.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

⁴² CARVALHO, 2013, p. 225.

não-cristãs: o que *Júpiter, o Justo* ensinou a Pitágoras ou a Platão não tem menos valor que a revelação de Jeová a um profeta hebreu. [...] O método alegórico florentino baseia-se, pois, numa pressuposição: o ser divino se revela de várias maneiras e a tarefa do erudito-poeta é rastrear-lo em todas as suas manifestações, demonstrando a unidade na diversidade.⁴³

A partir disso, torna-se ainda mais perceptível a distinção entre essa vertente e as outras duas. Enquanto a Alegoria dos Poetas propõe a ornamentação dos discursos através de metáforas continuadas e a Alegoria dos Teólogos interpreta a Escritura como alegoria, remetendo-se a Deus como autor dos livros do mundo e da Bíblia, a Alegoria de Renascimento mistura a ornamentação dos textos com a interpretação dos fatos, embora retire o caráter religioso cristão de seu ofício.

1.2 FUNDAMENTOS HISTÓRICO-TEOLÓGICOS

Como visto anteriormente, o método alegórico foi sendo desenvolvido ao longo da história e trabalhado por várias áreas do conhecimento. Entre elas se destacam a literatura e a teologia. Na busca por compreender a alegoria em si (de modo conceitual, delimitado), pode-se perceber seu desenvolvimento e compreensão especialmente sob o viés literário.

Entretanto, como já antes mencionado, também a teologia fez uso desse método, sob outra perspectiva. Se na literatura a alegoria funcionou como ornamentação de discursos, a teologia a utilizou, sobretudo, como forma de interpretar a Sagrada Escritura e reconhecer, no mundo e na Bíblia, vestígios do Criador.

Por isso, na busca de conhecer mais a fundo o relacionamento entre teologia e alegoria, faz-se agora um apanhado histórico, iniciado com Filon, adentrando no pensamento da Escola de Alexandria e em seus primeiros representantes Clemente e Orígenes, chegando mesmo até Agostinho, Beda e Tomás de Aquino, para enfim, alcançar o pensamento e a compreensão do método alegórico de Antônio Vieira, no século XVII.

⁴³ HANSEN, 2006, p. 141-142.

A intenção desta abordagem não é verificar com minúcias o pensamento de cada um em particular, mas perceber, em conjunto, o desenvolvimento da relação entre a história da teologia e o método alegórico.

1.2.1 Fílon de Alexandria⁴⁴

Nasceu em Alexandria entre os anos 15 e 10 a.C. De família rica e influente, pôde adquirir um bom conhecimento do saber da época e da cultura grega completada com a cultura judaica. Diz-se que passou grande parte de sua vida em meditação, estudando e compondo seus livros, além de envolver-se na atividade política e desempenhar a atividade de rabino.⁴⁵

Afirma-se, com veemência, que Fílon é o principal representante do judaísmo helenístico. A educação grega que recebeu foi muito profunda, entretanto, o alexandrino se manteve sinceramente apegado à fé judaica, por isso foi capaz de realizar o encontro entre as duas culturas.⁴⁶

Apesar de todas essas atividades, sua maior realização foi, sem dúvida, a aplicação da alegoria ao chamado Pentateuco, os cinco primeiros livros da Escritura Judaica, tradicionalmente atribuídos à autoria de Moisés.⁴⁷

Portanto, a obra de Fílon é exegética. Trata-se de uma interpretação da Escritura à luz da filosofia grega e de seu método alegórico, transformado por ele, para que servisse de instrumental. Parte dos seus tratados terá como eixo interpretativo uma exegese literal e moral. Outra parte será composta de explicações alegóricas de alguns trechos do livro do *Gênesis* [...]. Sua obra é constituída de um fundo judeu justaposto com

⁴⁴ Para as considerações a respeito de Fílon de Alexandria, seguiu-se Trópria mais de perto.

⁴⁵ TRÓPIA, Ulysses R. L. No fundamento da alegoria bíblica: Fílon de Alexandria. **Cadernos Patrísticos**: textos e estudos, Florianópolis, v. 4, n. 7, p. 19-41, maio 2009, p. 20.

⁴⁶ CROUZEL, H. Fílon de Alexandria. In: BERARDINO, Angelo Di (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 576-577, p. cit. 576.

⁴⁷ TRÓPIA, 2009, p. 20.

elementos platônicos, estoicos, pitagóricos, aristotélicos, pouco harmonizados.⁴⁸

Tratando sobre alegoria, Jacques Cazeaux a distingue em três sentidos: a alegoria enquanto figura de linguagem, a interpretação alegórica e, finalmente, a alegoria totalitária, da qual considera Fílon um representante. O primeiro sentido decorre do próprio texto, quando se prolonga uma metáfora para falar melhor sobre o objeto referido. O segundo sentido trabalha num grau mais avançado, quando o leitor admite o plano do relato e o plano simbólico e interpreta o texto buscando a verdade. O terceiro, por sua vez, visa uma explicação da Bíblia pela Bíblia, deixando de utilizar a alegoria apenas para salvar certas passagens do absurdo que parecem descrever. Nesse caso, acredita-se em uma harmonia universal, onde “cada uma das células da bíblia encerra virtualmente dentro de si a figura completa do discurso bíblico em sua integridade”.⁴⁹

Portanto, Fílon é alguém que se apropriou da filosofia de sua época, refundou sua observação e concedeu um sentido teológico, podendo ser chamado o inaugurador de uma *filosofia mosaica*.⁵⁰

Importante destacar, também, que ele se dedicou não somente à exegese alegórica do Pentateuco (em suas inúmeras interpretações de algumas partes do Gênesis), mas realizou também exegeses de caráter literal e moral.⁵¹

Pode-se afirmar, segundo Trópia, que três são as fontes da exegese filoniana: a alegoria contida na cultura helênica, a alegoria presente nas práticas de mistérios dos gregos e, por fim, a alegoria no âmbito da cultura hebraica.

Com relação à primeira fonte, já os gramáticos alexandrinos interpretavam alegoricamente Homero e Hesíodo. Além disso, os estoicos da época helenista tomavam os textos da teologia politeísta e os interpretavam alegoricamente, como se simbolizassem poeticamente os seus dogmas teológicos.

⁴⁸ TRÓPIA, 2009, p. 20-21.

⁴⁹ “cada una de las células de la biblia encierra virtualmente dentro de sí la figura completa del discurso bíblico en su integridad”. (CAZEAUX, Jacques. **Fílon de Alejandría**: de la gramática a la mística. Estella: Verbo Divino, 1984. p. 26), tradução nossa.

⁵⁰ TRÓPIA, 2009, p. 22.

⁵¹ CROUZEL, 2002, p. 576.

Quanto à segunda fonte, os gregos acreditavam que a verdade se encontrava escondida nos símbolos. Já Orfeu, na época dos mistérios órficos e de sua evolução, falava por meio de símbolos, e isso representava uma forma de linguagem e de conhecimento.

Finalmente, a terceira fonte assinala que havia influência da alegoria já na cultura hebraica. Quem assegura essa informação é o próprio Fílon, ao se referir aos homens inspirados que liam as coisas da Lei por meio de sinais visíveis de coisas invisíveis.⁵²

Algo próprio do pensamento de Fílon, que certamente marca seu modo de compreensão, é o entendimento de dois tipos de exegese da Escritura: o sentido literal e o sentido alegórico. Para apontar sua preferência, ele os compara ao corpo e à alma, assinalando uma influência platônica.

O corpo seria a prescrição literal, enquanto a alma, o espírito invisível colocado nas palavras. A relação entre eles revela o inferior e necessário ponto de partida (sentido literal entendido enquanto corpo) até alcançar o superior e autêntico espírito da Escritura (sentido alegórico entendido enquanto alma).⁵³

Portanto, três características do pensamento de Fílon se apresentam: a letra da Sagrada Escritura contém uma verdade autêntica que deve ser considerada; a alegoria precisa ser vista em uma tradição e em um contexto cultural; a exegese bíblica possui uma dimensão social-religiosa de serviço à comunidade.⁵⁴

Ao mesmo tempo, se há uma distinção entre o sentido literal e o alegórico de compreensão das Escrituras, predominando, para Fílon, o segundo, há também dois tipos de interpretação alegórica: o físico e o ético, que correspondiam à distinção clássica da exegese grega. Esses dois tipos também podem ser compreendidos em quatro níveis, que os abarcam: o nível cosmológico (a narrativa bíblica pode significar a relação com o cosmo e sua estrutura), o antropológico e psicológico (a Sagrada Escritura revela a relação do ser humano e suas faculdades cognitivas), o metafísico ou teológico (a Bíblia pode ser interpretada segundo a ordem da atividade humana ou do suprassensível) e, por fim, o moral-teológico ou místico (o texto se relaciona à vida interior e

⁵² TRÓPIA, 2009, p. 23-24.

⁵³ TRÓPIA, 2009, p. 24-25.

⁵⁴ TRÓPIA, 2009, p. 25.

religiosa do ser humano). Importante ressaltar que esses níveis se entrelaçam, unindo-se e distinguindo-se uns dos outros.⁵⁵

Apesar de judeu, Fílon exerceu grande influência no cristianismo. Mais à frente, junto ao desenvolvimento da chamada Escola de Alexandria, seu método exegético será base para a construção da exegese alegórica cristã, estendida do Pentateuco aos demais livros da Escritura. Nesse sentido, Fílon era plenamente grego, convictamente judeu por suas crenças de base, e praticamente cristão por muitas vezes, em sua teologia e espiritualidade. Quem assegura tais considerações são Eusébio e Jerônimo, dois ícones do Cristianismo das origens.⁵⁶

1.2.2 A Escola de Alexandria: Clemente e Orígenes

Com a morte dos apóstolos é encerrado um período na história da Igreja e dado início a outro, denominado pós-apostólico. Esse período, que se estende dos séculos II ao V, é marcado por intensos debates teológicos sobre questões doutrinárias importantes para a vida da Igreja. Os personagens principais dessa época são chamados “Pais (ou Padres) da Igreja”.

Algo que está, nesse contexto, fazendo surgir grandes reflexões é a questão bíblica. Nela, várias iniciativas hermenêuticas se tornam conhecidas nos primeiros séculos cristãos.⁵⁷ Edinei da Rosa Cândido afirma: “[...] foi o final do segundo século início do terceiro que viu surgir em horizonte intra cristão a existência de um espaço específico para desenvolvimento e aprimoramento de um método interpretativo da Bíblia”.⁵⁸

Assim, é justamente nesse período que surgem as duas mais importantes vertentes hermenêuticas cristãs, que posteriormente se desenvolveram como verdadeiras escolas de pensamento: Alexandria e Antioquia. A primeira mais ligada à interpretação alegórica da Escritura e a segunda à compreensão mais literal.

⁵⁵ TRÓPIA, 2009, p. 25-26.

⁵⁶ CROUZEL, 2002, p. 576-577.

⁵⁷ LOPES, Augustus Nicodemus. **História da Interpretação Cristã da Bíblia**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/hermeneuticas/he_aug1.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

⁵⁸ CÂNDIDO, Edinei da R. Duas chaves e uma porta: na casa da Palavra. **Cadernos Patrísticos**: textos e estudos, Florianópolis, v. 4, n. 7, p. 45-62, maio 2009, p. cit. 45.

Alexandria, na época, é uma grande metrópole egípcia. Além disso, um centro intelectual de grande prestígio. O desenvolvimento da região contou com duas influências entre o final da era pré-cristã até o início do período pós-apostólico: a cultura judaica original (séc. III a.C – I a.C.) e a filosofia neoplatônica (séc. III d.C.).⁵⁹

No tempo de Ptolomeu II (1º. metade do século III a.C.) Alexandria já era um grande entreposto comercial do Mediterrâneo oriental, uma cidade bem construída, grandiosa e rica, e tornara-se assim um dos pólos comerciais, políticos, e culturais da civilização helenística, junto com Atenas, Pérgamo, Éfeso, e Antioquia da Síria.⁶⁰

Além disso, Alexandria era vista como um ambiente muito culto, onde o confronto entre cristãos e intelectuais exigiu que os seguidores do cristianismo dessem explicações daquela nova doutrina aos não cristãos. Também foi marcante, em Alexandria, o surgimento de uma escola cristã, o Didaskalion.⁶¹

O diálogo sistemático e continuado entre o cristianismo e as filosofias helenísticas teve em Alexandria uma das suas mais importantes, se não a mais forte, matriz original. Anteriormente encontravam-se traços desse diálogo nos escritos dos Padres Apologéticos, nomeadamente em Justino, mas eles estão dispersos, embrionários e não formam uma *escola*. Contudo em Alexandria este diálogo começou nas primeiras gerações cristãs e foi amplo e consistente, sobretudo a partir do Didaskalion.⁶²

⁵⁹ LIÉBAERT, Jacques. **Os Padres da Igreja**: séculos I-IV. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2013, p. 87.

⁶⁰ LUPI, João E. P. B. **A Escola de Alexandria como núcleo**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/23811/21367>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

⁶¹ LUPI, João E. P. B. Texto e contexto. **Cardernos Patrísticos**: textos e estudos, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 23-50, novembro 2014, p. cit. 32-33.

⁶² LUPI, 2014, p. 33.

O pensamento alexandrino encantou a muitos em sua época⁶³ e Alexandria tornou-se uma verdadeira escola de pensamento, com renomados pensadores da teologia cristã: “Em Alexandria, no final do século II d. C., mais do que em qualquer outro lugar, assistimos ao nascimento do cristianismo como forma doutrinária de pensamento”⁶⁴. Dois grandes nomes nesse contexto são Clemente e Orígenes, que desenvolveram a interpretação alegórica da Escritura ao ponto de tornar o método alegórico um complexo sistema hermenêutico, conforme se verá adiante.

Clemente e Orígenes, grandes expoentes da Escola de Alexandria, foram fundamentais no desenvolvimento da alegoria como método exegético cristão. Neste tópico são tratados juntos pois, de fato, o mestre Clemente como que *cristianizou* o método alegórico desenvolvido por Fílon. Sua atividade se tornou uma propedêutica para que o discípulo Orígenes tornasse a alegoria um amplo sistema de interpretação das Escrituras.

Se Fílon, ao aplicar a alegoria na interpretação de textos do Antigo Testamento, tinha de mira a abertura do horizonte helenista à valorização do pensamento hebraico, **os alegoristas cristãos, por sua vez, tinham de mira, dentre outras coisas, a difusão e reconhecimento, nos espaços conquistados pelo cristianismo, não só do Antigo mas também do Novo Testamento, mormente dos evangelhos.**⁶⁵

Clemente de Alexandria⁶⁶ foi o primeiro, depois de Fílon, a utilizar o sistema alegórico dentro da hermenêutica bíblica. Importante

⁶³ LIÉBAERT, 2013, p. 87.

⁶⁴ LUPI, 2014, p. 33.

⁶⁵ CÂNDIDO, 2009, p. 47, grifo nosso.

⁶⁶ “Nascido por volta do ano 150, em Atenas, e falecido em 215, foi um dos primeiros Padres da Igreja. Apologista, ele se dedicou a esclarecer os pontos de consenso e de dúvida entre a filosofia grega e o nascente cristianismo. Ensinou em Alexandria, terreno de especulações filosóficas e teológicas e ambiente fértil, onde semeou a doutrina cristã. Sua obra literária, encadeada em fases progressivas, pretendia conduzir o leitor do paganismo à religião cristã, da adesão ao cristianismo à disciplina e da disciplina à gnose, fases que correspondiam aos três graus do neoplatonismo: a purificação, a iniciação e a visão: “Seu plano apologético pode ser compreendido desta maneira: Primeira

ressaltar que o feito dele é um passo a mais dado na proposta filoniana, já que ele fez as primeiras aplicações da alegoria em âmbito cristão.⁶⁷

Natural de Atenas, Clemente foi diretor do *Didaskalion* e também bispo. De acordo com suas concepções, a filosofia era necessária para modelar a fé cristã a fim de chegar a aceitação da verdade. Nesse sentido, o pensamento filosófico é necessário para que o cristão possa explicar a doutrina que segue e defendê-la contra os pagãos.⁶⁸

Suas obras, escritas com vigor e criatividade, chamam a atenção pela liberdade com que utilizam as doutrinas pagãs clássicas. Clemente insere-se, pois, naquela tradição de Justino da Samaria (c. 100-c.165), que considerava a filosofia grega uma preparação para o Evangelho, e até um modo de revelação da verdade que Deus usara para salvar os pagãos.⁶⁹

A diferença, porém, como assinala Lupi, entre as filosofias helenísticas não cristãs e as concepções filosóficas do cristianismo é a noção de Providência Divina. Para os não cristãos, Deus não tem interesse pelas vidas humanas, enquanto, para a compreensão cristã, o divino possui um plano, o mundo tem uma ordem estabelecida pela vontade divina.⁷⁰

Entretanto, ainda era necessário que se avançasse um pouco, chegando a alguém que, além de utilizar o método alegórico para interpretar o texto bíblico, fosse capaz de fundar um complexo, coerente e esquemático sistema hermenêutico a partir da alegoria. A história aponta para Orígenes, sucessor de Clemente no *Didaskalion*:

Orígenes (ca. 185-254) foi quem mais contribuiu para que esse objetivo fosse atingido. Assumindo

etapa: a *Protréptica* (ou preparação) ou exortação aos gregos, que abre os espíritos à verdade revelada. Segunda etapa: A *Pedagógica* (Pedagogo), que fornece ao neófito os elementos da verdadeira fé. Por fim, a *Didascália* que conduz o crente à verdade perfeita”. (FRANGIOTTI, Roque. **História da Teologia**: período medieval. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 36).

⁶⁷ CÂNDIDO, 2009, p. 47.

⁶⁸ LUPI, 2014, p. 34.

⁶⁹ LUPI, 2014, p. 34.

⁷⁰ LUPI, 2014, p. 34.

a Bíblia como um conjunto, procura traduzi-la, comentá-la, sistematizá-la com um método próprio. Até então, ninguém jamais comentara, de modo integral e sistemático, um livro nem do Antigo nem do Novo Testamento. [...] Orígenes reverte esse quadro, chegando, inclusive, a comentar todo o saltério. **Tudo isso dentro de um complexo, mas coerente e esquemático, sistema alegórico.**⁷¹

O uso da alegoria por Orígenes recebeu três aceitáveis justificativas. Em primeiro lugar, as profecias sobre o Messias não vinham acontecendo de modo literal. Foi preciso, portanto, para que elas se cumprissem, uma compreensão de outra maneira, certamente mais profunda. A segunda justificativa mostra a alegoria como um método mais equilibrado entre o literalismo judaico e a interpretação gnóstica, já que ambas distorciam e impossibilitavam uma compreensão correta de Deus. Finalmente, a terceira justificativa está relacionada aos trechos provocativos, censuráveis e obscuros do Antigo Testamento, que sempre parecem apontar à busca de um entendimento mais profundo.⁷²

Nesse sentido, com Orígenes, o método alegórico cristão é completamente sistematizado e, aos poucos, difundido, embora seja “usual lembrar que Orígenes não inventou, mas apenas se inseriu numa corrente de estudos literários que fizera *escola* na cidade”⁷³. Em sua sistematização, há três níveis de compreensão da Escritura: o primeiro extraído da carne da Escritura (menos complexo e acessível aos mais simples), o segundo extraído de sua alma (mais profundo e acessível aos que estão em aperfeiçoamento) e, finalmente, o terceiro e mais complexo entendido como nível espiritual (destinado aos perfeitos ou maduros). Há, ao mesmo tempo, três distintos níveis de sentido na Bíblia: o físico (literal), o psíquico (moral) e o espiritual (místico), que se encaixam paralelamente aos três elementos constituintes do ser humano segundo os parâmetros alexandrinos (corpo, alma e espírito).⁷⁴

No entendimento das Escrituras, os cristãos também se apresentam segundo três modos: como incipientes, ou seja, fixados no nível carnal e incapazes de superar o sentido literal ou físico; como

⁷¹ CÂNDIDO, 2009, p. 47, grifo nosso.

⁷² CÂNDIDO, 2009, p. 49.

⁷³ LUPI, 2014, p. 49, grifo do autor.

⁷⁴ CÂNDIDO, 2009, p. 48.

proredientes, isto é, capazes de chegar ao sentido psíquico ou moral das Escrituras, em sua dimensão psíquica; por fim, como *perfecti*, capazes de chegar ao nível de compreensão espiritual.⁷⁵

Nesse contexto, para Orígenes, a Escritura contém sentidos que precisam ser revelados e que ultrapassam a palavra originária. Esses sentidos são mais amplos e superiores e apontam para um entendimento espiritual do texto bíblico, profundamente necessário para o cristianismo. O método alegórico de interpretação é o principal responsável por fazer essa passagem, saindo do literal e atingindo o espiritual, ultrapassando o conhecimento comum e atingindo o *mysterion*.⁷⁶

1.2.3. Agostinho de Hipona

Nascido em 354 d.C., Agostinho não conheceu a Bíblia como se conhece atualmente. Havia, na realidade, um conjunto de escritos ainda não canonizados. O povo da época, nesse sentido, mais ouvia que lia os textos, sobretudo nas celebrações litúrgicas, tendo em vista as restrições quanto ao número de leitores, o custo dos escritos e sua escassez. Diferentemente, Agostinho tinha a possibilidade de tomar e ler os textos sagrados.⁷⁷

Nesse sentido, Como bispo de Hipona, suas preocupações com relação às escrituras giravam em torno de duas inquietações: a espiritual e a *pastoral* (atividade transmissora).⁷⁸

Em Agostinho, o tema da alegoria é tratado em relação ao tema das figuras. Dawson classifica ambas como formas em que Deus utiliza a Bíblia para transformar aos homens, indo de uma relação de oposição a outra de obediência a sua vontade. De acordo com estudiosos, o referido tema é tratado em *De doctrina christiana*.⁷⁹

Em sua concepção, o tema é trabalhado junto à classificação dos signos. Há, de acordo com o bispo de Hipona, em nível

⁷⁵ CÂNDIDO, 2009, p. 48-49.

⁷⁶ LUPI, 2014, p. 44-49.

⁷⁷ O'DONNELL, James J. Bíblia. In: FITZGARALD, Allan D. (Coord.). **Diccionario de San Agustín**: San Agustin a traves del tiempo. Burgos : Monte Carmelo, 2001. p. 176-182. p. cit. 176.

⁷⁸ O'DONNELL, 2001, p. 177.

⁷⁹ DAWSON, David. Figura, Alegoria. In: FITZGARALD, Allan D. (Coord.). **Diccionario de San Agustín**: San Agustin a traves del tiempo. Burgos : Monte Carmelo, 2001. p. 575-579. p. cit. 575.

interpretativo, signos naturais e signos instituídos. Os primeiros dizem respeito aos sinais que, naturalmente, correspondem a outra coisa (como a relação entre fumaça e fogo). Os segundos, por sua vez, estão ligados às insígnias, bandeiras e outros sinais instituídos pelo ser humano.⁸⁰

Além do nível interpretativo, Agostinho também trabalha o nível retórico e, nele, haveria signos próprios e signos translatos. Nesse nível, o primeiro grupo representa todos os sinais e palavras que foram instituídos e que podem ser compreendidos pelos falantes do mesmo idioma (como a palavra *boi* que significa um mesmo animal para todos os falantes da língua portuguesa). O segundo grupo, por outro lado, está relacionado ao tema da alegoria e das figuras, pois representa as metáforas utilizadas na linguagem (a palavra *boi* que deseja representar um dos evangelistas).⁸¹

Nesse contexto, alegoria e figura (que são distintas) assumem, respectivamente, as características da novidade e eternidade (já que denotam um sentido espiritual) e da conservação e temporalidade (denotando um desdobramento histórico ao sentido pleno), como sentidos complementares, embora aparentem contradição.⁸²

Como mencionado acima, a figura, para Dawson é caracterizada considerando sua realidade histórica e o desenvolvimento de seu sentido pleno. A alegoria, por sua vez, trabalha com as palavras e suas referências espirituais, ignorando a realidade histórica das palavras utilizadas. A arca de Noé como figura da cidade de Deus em peregrinação pelo mundo não ignora sua existência histórica, ao passo que a mesma arca considerada como alegoria pode designar alguma coisa de sentido espiritual, independente se a arca nunca tenha existido.⁸³

Entretanto, não se deve ignorar o sentido próprio (literal) na compreensão das Escrituras, mas se deve realizar uma correta percepção de modo que se perceba a necessidade de tender para o literal ou para o figurado na interpretação. De acordo com o bispo de Hipona, tudo o que parece não levar à pureza e às virtudes da vida cristã precisa ser compreendido como translato, ou seja, figurado. Quando se diz que é necessário comer a carne e beber o sangue do Filho do Homem é preciso compreender figurativamente. O mesmo ocorre quando se diz

⁸⁰ HANSEN, 2006, p. 109-110.

⁸¹ HANSEN, 2006, p. 110-111.

⁸² DAWSON, 2001, p. 576.

⁸³ DAWSON, 2001, p. 576-577.

para amontoar carvões acesos na cabeça dos inimigos. Diferente, porém, de quando se ordena dar de comer e beber aos inimigos, já que, significando um bem para a vida cristã, não há figura, mas um sentido próprio.⁸⁴

1.2.4 Beda, o venerável

Nascido no Reino da Nortúmbria, por volta de 672-673 d.C., Beda foi um monge beneditino enviado ao mosteiro aos sete anos de idade pelos pais, lugar onde se tornou muito estudioso, orante e apegado ao pensamento dos Padres da Igreja, sobretudo os santos Agostinho e Isidoro.⁸⁵

Uma das grandes atividades que desenvolveu foi a criação de um florilégio (compilação) de textos patrísticos cujo objetivo era facilitar a interpretação da Sagrada Escritura. Nesse propósito também buscou conhecer a literatura clássica, os poetas latinos cristãos, além do latim e do grego, e algumas noções do hebraico.⁸⁶

A sua atividade literária é atestada pela variedade dos assuntos tratados, apesar de que grande quantidade de sua produção não foi redescoberta. Os seus interesses eram quase enciclopédicos: ciências do *trivium* e do *quadrivium*, exegese bíblica, teologia dogmática, moral, história. [...] No campo da exegese, os vários comentários e as homilias mostram o recurso à metodologia dos sentidos tradicionais (literal, moral, alegórico), sem, no entanto, revelar uma preferência especial por uma ou outra dessas interpretações.⁸⁷

Além disso, considerando a distinção dos signos elaborada por Agostinho, o monge Beda dedicou-se, também, a diferenciar *allegoria in verbis* e *allegoria in factis*. Afirma-se, inclusive, que seu

⁸⁴ HANSEN, 2006, p. 111-112.

⁸⁵ GRÉGOIRE, Réginald. Beda o venerável. In: BERARDINO, Angelo Di (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 222.

⁸⁶ GRÉGOIRE, 2002, p. 222.

⁸⁷ GRÉGOIRE, 2002, p. 222, grifo do autor.

maior feito, nesse sentido, foi o de assimilar a interpretação tipológica a categorias retóricas da alegoria antiga.⁸⁸

Beda retoma Santo Agostinho e a retórica antiga, mantendo a fragmentação dos signos em próprios e translatos ou figurados. A sua contribuição é a sistematização e a explicação do tipo de alegoria. Beda divide a alegoria em duas: *allegoria in verbis* (alegoria verbal) e *allegoria in factis* (alegoria factual).⁸⁹

De acordo com esse monge, na Escritura há coisas propriamente factuais (históricas) e coisas meramente verbais. Factual, por exemplo, é que Abraão teve dois filhos. Meramente verbal é que despontará um rebento do tronco de Jessé e um renovo da raiz, apontando para o nascimento de Cristo da linhagem de Davi através de Maria (há alegoria nas palavras). Ambas, porém, parecem possuir um sentido figurado, já que elas contêm um significado que varia entre histórico, tipológico, moral e anagógico ou escatológico.⁹⁰

A alegoria verbal dá-se por uma semelhança aparente, incerta, eventual, criada pelo homem, mesmo que esteja alegorizando um fato, esse fato figurado não prefigura outro, o seu acontecimento não tem reflexo em outro acontecimento análogo no decorrer da história, como ocorre na alegoria factual. Se a alegoria verbal é criação do homem, a alegoria factual é criação de Deus, que estabelece uma semelhança escrita, criada e desejada por Ele.⁹¹

Assim, a *allegoria in verbis* se caracteriza por um discurso figurado com o objetivo de significar algo profético, embora seja obra humana. Já na *allegoria in factis*, Deus escreve através de dois acontecimentos: por verdades factuais (como a vida de Isaac no Antigo Testamento) e por tipologia das coisas (como Isaac prefigurador da vida

⁸⁸ HANSEN, 2006, p. 113.

⁸⁹ MEDEIROS, Aldinida. **Travessias pela literatura portuguesa**: estudos críticos de Saramago a Vieira. SciELO-EDUEPB, 2013, p. 223.

⁹⁰ HANSEN, 2006, p. 113-114.

⁹¹ MEDEIROS, 2013, p. 223.

histórica de Jesus). Posterior a Beda há o trabalho de Tomás de Aquino que, cinco séculos depois, nega que a alegoria verbal tenha um sentido espiritual, supervalorizando a alegoria factual.⁹²

1.2.5 Tomás de Aquino

Frade católico da Ordem dos Pregadores (Dominicanos), Tomás de Aquino nasceu na Itália em 1225 e faleceu no mesmo país em 1274. Recorrente comentador dos Padres da Igreja, o dominicano cita muitas vezes em seus escritos renomados autores como Agostinho de Hipona, Gregório e outros. O tema das metáforas é tratado, sobretudo, na primeira questão da Suma Teológica, mais especificamente nos artigos nove e dez.⁹³

Ao desenvolver sua compreensão a respeito da alegoria, Tomás inaugura uma separação entre o simbolismo das palavras e o simbolismo das coisas, afirmando uma distinção entre o sentido literal, o sentido literal figurado e o sentido espiritual (essa realidade é tratada nas *Quaestiones quod libetales*). Relacionado aos dois pensadores antes mencionados (Agostinho e Beda) o sentido literal e o sentido literal figurado são equivalentes ao signo próprio e à alegoria verbal, enquanto o sentido espiritual ao signo translato e à alegoria factual.⁹⁴

Partindo dessa distinção, Tomás de Aquino hipervaloriza o sentido espiritual, ou ainda, a alegoria factual, em detrimento da alegoria verbal, da qual é tirada qualquer possibilidade de sentido espiritual em si.⁹⁵

Como obra do próprio Deus, o significado espiritual mostra-se muito superior às representações humanas, que são a ficção e a história, sendo a alegoria divina a única arte autêntica. Isso se dá pelo fato de que, de acordo com Tomás, a ficção e a história são meros significantes de um significado que, em si, já é signo e coisa, o senso espiritual. Sendo a coisa, nesse caso, o próprio Deus.⁹⁶

⁹² HANSEN, 2006, p. 117.

⁹³ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 151-156. Sum. Theol. I,q.1,a.9,10.

⁹⁴ MURASHIMA, Mary K. G. Alegoria e segredo III: reinterpretação de alegorias hermenêuticas: *o evangelho segundo Jesus Cristo*. **Princípios**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 25, p. 55-66, 2012. p. cit. 59.

⁹⁵ HANSEN, 2006, p. 121.

⁹⁶ MURASHIMA, 2012, p. 59.

A essa reflexão de Tomas de Aquino se pode lembrar a dicotomia existente na realidade mistérica, como a relação entre a ausência e a presença, o sinal e a coisa, apontando para a promessa e sua realização. O senso espiritual acima citado sustenta a realidade de oposição e complementação entre os termos, considerando que, para Tomás, a alegoria realmente importante é “quando as coisas da lei antiga significam as da nova”⁹⁷, ou seja, a alegoria factual.

A utilização das metáforas (compreendendo a alegoria como um dos exemplos), para Tomás é apropriada, já que “convém à Sagrada Escritura transmitir as coisas divinas e espirituais, mediante imagens corporais [...] porque todo o nosso conhecimento se origina a partir dos sentidos”.⁹⁸ Ainda apontando para a valorização da realidade espiritual, o aquinate considera que as imagens corporais tornam a realidade espiritual compreensível aos mais simples.⁹⁹

1.3 A BASE DAS ALEGORIAS DE ANTÔNIO VIEIRA

Com o objetivo de compreender a alegoria em si e o método alegórico de Antônio Vieira, este capítulo foi dividido em três pontos. O primeiro, indo à raiz da alegoria, buscou compreender o desenvolvimento do termo, sua apropriação e utilização nas diversas áreas do conhecimento, a fim de adquirir uma visão geral da alegoria em si.

O segundo ponto, avançando um pouco mais, foi à história da teologia e, conseqüentemente, à história da Igreja, para buscar a relação entre alegoria e história, sua utilização e desenvolvimento pelos Padres da Igreja e grandes mestres da teologia, inclusive indo aos influenciadores e desenvolvedores do sistema alegórico de compreensão das Escrituras.

Chegando ao terceiro ponto, certamente o mais importante deste capítulo, alcança-se o Padre Antônio Vieira, jesuíta português do século XVII que, com muita sabedoria, utilizou a alegoria em seus sermões e, com isso, se tornou grandemente conhecido e estudado, ao tomar os elementos alegóricos já elaborados, atualizar alguns aspectos e inovar em sua pregação.

⁹⁷ TOMÁS DE AQUINO, 2001. p. 154. Sum. Theol. I,q.1,a.10.

⁹⁸ TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 151-152. Sum. Theol. I,q.1,a.9.

⁹⁹ TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 152. Sum. Theol. I, q.1,a.9.

Padre Antônio Vieira foi um presbítero português pertencente à Companhia de Jesus. Nascido em 1608, em Lisboa, veio para o Brasil aos sete anos de idade já pertencendo à comunidade jesuítica. De boa capacidade na oratória, Vieira ficou conhecido ao escrever seus sermões e apresentá-los com excelente dicção, pronúncia, técnicas vocais e modulação de voz.

O contexto de Vieira era o da chamada Contrarreforma, e seu estilo era o Barroco, na modalidade do conceptismo, ao utilizar a lógica argumentativa (no estilo do silogismo aristotélico) com fim de convencimento de seus ouvintes. Do ponto de vista temático, Vieira possuía um viés claramente religioso e, ao mesmo tempo, aproximava-se dos índios, possivelmente novos fiéis. Possui em média duzentos sermões, entre os quais estão o *Sermão da Sexagésima* (1655), o *Sermão do bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda* (1640) e o *Sermão de Santo Antônio* (1654).¹⁰⁰

Partindo do esquema desenvolvido por Hansen, que trata a alegoria enquanto *dos poetas*, *dos teólogos* e *de Renascimento*, é possível perceber que Vieira toca cada uma delas em alguns aspectos e, ao mesmo tempo, delas distancia-se. Por isso, para entender o método alegórico de Antônio Vieira, será preciso perceber a sutileza dessas utilizações e a compreensão integral entre todas elas.

1.3.1 Vieira e a alegoria dos poetas

A primeira forma alegórica a qual se pode relacionar com Vieira é a alegoria dos poetas. Conforme mencionado anteriormente, nessa forma de utilização, a alegoria se mostra como ornamento das palavras, criação de metáforas, enigmas e comparações, buscando a construção do bom discurso retórico através do conceito de tropo (transposição semântica). Afirma Carvalho:

A função da alegoria, nesse momento, é imprimir elegância ao texto. Ela é, por isso, ornamento, maquiagem, perfumaria de palavras. O poeta ou o orador, se desejar, podem exprimir-se literalmente, mas o poder das figuras de linguagem cativa, prende, envolve o ouvinte, não

¹⁰⁰ HEXAG MEDICINA. **Literatura – Padre Antônio Vieira**. 2015. (9m41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9PuihwScvIk>>. Acesso em 12 fev. 2019.

apenas pela beleza, mas também pela clareza que muitas imagens veiculam.¹⁰¹

Essa forma alegórica ainda é subdividida em três itens, de acordo com o nível de clareza de cada um: perfeita, imperfeita e incoerente. A Alegoria perfeita é assim chamada porque é um enigma, e apenas o autor é capaz de revelá-lo. A Alegoria imperfeita se mostra como uma metáfora em que o leitor pode compreender certa *moral da história*. Por fim, a Incoerência é uma incongruência, uma mistura desorganizada de metáforas incompreensíveis.¹⁰²

Nesse sentido, Vieira se utiliza de elementos da alegoria dos poetas. Quando subdividida, o jesuíta emprega apenas a Alegoria imperfeita, uma metáfora que traz consigo uma lição de fundo, já que os outros dois tipos “são antiretóricos, pois inviabilizam a compreensão do ouvinte e dificultam a persuasão”.¹⁰³

Entretanto, classificar Vieira como um *alegorista dos poetas* seria um erro, uma compreensão apenas de parte de seus objetivos. Vieira é retórico sim, é um bom orador que ornamenta seus discursos e constrói metáforas compreensíveis. Porém, ultrapassa essas questões: para além da alegoria dos poetas, Vieira trabalha de modo que suas alegorias se tornam uma arma de combate na elucidação e persuasão em questões teológicas e políticas, não mero embelezamento retórico.¹⁰⁴

1.3.2 Vieira e a alegoria dos teólogos

A segunda forma alegórica a qual se pode relacionar com Vieira é a alegoria dos teólogos. De acordo com aquilo que já foi apresentado anteriormente, nesse modo, a alegoria é feita não entre uma palavra escrita e outra escondida, mas entre um fato (ou um personagem) apresentado e outro oculto. Por isso é que a alegoria dos teólogos também pode ser chamada de alegoria factual.

Se, como mostrado anteriormente, Alegoria dos Poetas é a construção do autor, a Alegoria dos Teólogos é a construção de Deus. Se na Alegoria dos Poetas metaforizam-se termos, na Alegoria

¹⁰¹ CARVALHO, 2007, p. 182.

¹⁰² CARVALHO, 2007, passim.

¹⁰³ CARVALHO, 2007, p. 186.

¹⁰⁴ CARVALHO, 2013, p. 230.

dos Teólogos metaforizam-se fatos, daí ser chamada também de Alegoria Factual. Os poetas **criam** suas alegorias, os teólogos **interpretam** a alegoria *escrita* por Deus. Para os teólogos, Deus escreveu dois livros: o Universo visível e as Sagradas Escrituras, deixando nessas obras as suas marcas ocultas.¹⁰⁵

Também foi mencionado, entre outras coisas, que o conceito principal da alegoria dos teólogos é o *tipo*, ou seja, um fato ou personagem do Antigo Testamento prefigura um fato ou personagem do Novo. Além disso, citou-se que, aos poucos, essa compreensão foi se alargando e o conteúdo da chamada tipologia foi se distanciando da alegoria dos teólogos, de modo que as relações não mais se davam apenas entre um e outro Testamentos bíblicos na alegoria.¹⁰⁶

Desse modo, Vieira se utiliza também de elementos da alegoria dos teólogos. Como teólogo, orador e hermeneuta, o jesuíta busca decifrar as marcas divinas no tempo, na história, na natureza, no mundo e na Bíblia, já que Deus é a causa de tudo o que existe e as coisas criadas por ele conservam os vestígios de seu divino criador, como efeitos da causa primeira. Quando o ser humano lança seu olhar sobre o mundo, a natureza, a Bíblia e as demais coisas criadas, é chamado a perceber sempre uma mensagem oculta, deixada por Deus, o idealizador do mundo.¹⁰⁷

Entretanto, assim como em relação à alegoria dos poetas, Vieira não pode ser considerado um *alegorista dos teólogos*. Considerá-lo assim também seria ignorar parte de sua obra. Mesmo que busque perceber a presença de Deus em todas as coisas criadas e que faça relações entre fatos do Antigo e Novo Testamento e bíblicos em geral, Vieira se distancia da alegoria dos teólogos em alguns aspectos: o jesuíta, por exemplo, estende suas analogias não mais apenas entre o Antigo e o Novo Testamento, mas também entre as Escrituras, a história dos portugueses e a natureza, como se pode constatar claramente através de seus sermões.¹⁰⁸

¹⁰⁵ CARVALHO, 2013, p. 216, grifo do autor.

¹⁰⁶ FREITAS, 2014, p. 257.

¹⁰⁷ CARVALHO, 2013, p. 216.

¹⁰⁸ CARVALHO, 2013, p. 230.

1.3.3 Vieira e a alegoria de Renascimento

A terceira forma alegórica com a qual se pode relacionar Antônio Vieira é a chamada alegoria de Renascimento. Como afirma o próprio nome, esta vertente surgiu em meados do século XV, durante o período do Renascimento ou Renascença. Conforme aquilo que se apresentou antes, esse modo de alegorizar possui por características principais a mistura entre a ornamentação do discurso (como propõe a alegoria dos poetas) e a interpretação factual (como propõe a alegoria dos teólogos), embora retirando seu caráter religioso cristão.

Os séculos XV e XVI veem despontar uma nova forma de perceber e apresentar o mundo, sobretudo, pelo renascimento das ideias das sociedades antigas, como a egípcia e a greco-romana. [...] A alegoria desse período é o resultado da analogia levada ao esgotamento lógico, mistura-se alegoria verbal com alegoria factual destituindo a autoria e autoridade de Deus nessa última.¹⁰⁹

À medida que o ser humano passa a ver o mundo com novas perspectivas, ou seja, através das ciências e técnicas recém-descobertas, o modo que ele encontra para representá-lo também se altera, utilizando essas novas concepções. Por isso, a alegoria de Renascimento traz novas referências em sua interpretação factual.¹¹⁰

Portanto, Vieira também parece utilizar alguns elementos da alegoria de Renascimento. Tanto Vieira quanto esse grupo de alegoristas misturam a ornamentação dos discursos e a criação das metáforas com as interpretações dos fatos.

Contudo, o jesuíta português não é um alegorista de Renascimento. Nessa perspectiva, a característica pagã própria do período e adotada pelo grupo não consta nos sermões de Vieira. Em contrário, suas analogias direcionam-se à vontade da divindade cristã, refletem sempre as concepções propriamente teológicas cristãs.¹¹¹

¹⁰⁹ CARVALHO, 2013, p. 225.

¹¹⁰ CARVALHO, 2013, p. 225.

¹¹¹ CARVALHO, 2013, p. 230.

1.3.4 Uma visão integral

Antônio Vieira, como antes mencionado, não está nem entre os poetas, nem os teólogos e nem mesmo os renascentistas no tocante ao método alegórico. O olhar atento aos seus escritos pede uma compreensão adequada que conduzirá a uma visão integral do autor.

Que faz então Vieira? Apropria-se dos modos de elaboração da alegoria dos poetas, da alegoria dos teólogos e da alegoria de renascimento, construindo suas alegorias segundo a analogia de atribuição e de proporção. Mas distancia-se da alegoria factual por estender a analogia não mais entre o Antigo e o Novo Testamento, mas entre as Escrituras, a história dos portugueses e a natureza; distancia-se da alegoria de renascimento, visto suas analogias refletirem a *vontade divina*, direcionando-a sempre para a *utilitas causae*.¹¹²

Como pontuado acima, as alegorias de Vieira são construídas segundo a analogia de atribuição e de proporção. Na primeira, o autor de um texto atribui uma analogia a partir do momento em que identifica certas semelhanças entre duas coisas. Nesse sentido, a analogia de atribuição dura enquanto permanece a expressão daquele determinado texto. Na segunda, dois fatos proporcionalmente iguais ou semelhantes são reconhecidos, e duram infinitamente, ou enquanto existir a humanidade.¹¹³

Desse modo, pode-se perceber que enquanto a analogia de atribuição parece relacionada à alegoria dos poetas, a analogia de proporção parece mais ligada à dos teólogos. Por exemplo, nos textos de Vieira, analogamente atribuídos estão os peixes aos homens¹¹⁴ (enquanto durou aquele sermão) e proporcionalmente análogos são o pecado de Eva e o pecado da mulher de Jó¹¹⁵ (até o fim dos tempos).

Alcir Pécora, crítico literário e professor na área da literatura, reconhece uma unidade em Vieira a partir de três articulações presentes em seus sermões: o ano litúrgico, o evangelho do dia e as circunstâncias

¹¹² CARVALHO, 2013, p. 230.

¹¹³ CARVALHO, 2013, p. 219-220.

¹¹⁴ Imagem trazida do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, de 1654.

¹¹⁵ Imagem trazida do *Sermão da Degolação de São João Batista*, de 1652.

da pregação. A coesão que Pécora apresenta consiste em uma unidade teológico-retórico-política como categoria pertinente para analisar diferentes obras entre os séculos XVI e XVIII.¹¹⁶

A técnica básica a que me refiro é a de estabelecimento de analogias entre três linhas semânticas necessariamente envolvidas no sermão: primeira, a das comemorações do ano eclesiástico ou litúrgico (tempo santo); segunda, a das passagens escriturais do Evangelho do dia, definidas, por sua vez, pelo calendário litúrgico; terceira, a das circunstâncias presentes na enunciação do sermão, entendidas como circunstâncias do tempo comum ou histórico do sermão.¹¹⁷

Nesse sentido, em primeiro lugar, Vieira considera as comemorações do ano litúrgico. Pensando nos diversos tempos do calendário eclesiástico, o jesuíta precisa levar em conta as temáticas levantadas pelos diversos tempos na liturgia, seja a vinda ou volta do Messias no Advento, a redenção e a misericórdia de Cristo desde a Septuagésima¹¹⁸, ou os benefícios do Espírito Santo da Ascensão a Pentecostes.¹¹⁹

Além do tempo litúrgico, Viera ainda precisa considerar, em suas analogias, o Evangelho selecionado para o dia, sempre em concordância com o respectivo tempo. O jesuíta já recebe o texto como num repertório desenvolvido antes mesmo dele compor seu sermão pela primeira vez.¹²⁰

Finalmente, a terceira articulação que Viera precisa considerar são as circunstâncias da enunciação de seus sermões. Nesse tópico é necessário levar em conta que o jesuíta precisou reescrevê-los nos últimos dezoito anos de sua vida a pedido do Geral da Companhia de Jesus, Padre Giovanni Paolo Oliva. Portanto, pode-se falar em

¹¹⁶ PÉCORA, Alcir. Para ler Vieira: As três pontas das analogias nos sermões. **FLOEMA**: Caderno de Teoria e História Literária, Vitória da Conquista, ano I, n. 1, p. 29-36, 2005. p. cit. 29-30.

¹¹⁷ PÉCORA, 2005, p. 30.

¹¹⁸ Domingo celebrado aproximadamente setenta dias antes da Páscoa, assim chamado até a reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II.

¹¹⁹ PÉCORA, 2005, p. 31.

¹²⁰ PÉCORA, 2005, p. 32-33.

circunstâncias diretas da pregação e circunstâncias indiretas: o primeiro grupo corresponde às conjunturas em que Vieira as teria pregado realmente (como a Capela Real de Lisboa, por exemplo). O segundo grupo, por outro lado, considera as circunstâncias atuantes no momento da reescrita do sermão, que por vezes há longa distância (física e cronológica) da pregação original.¹²¹

¹²¹ PÉCORÁ, 2005, p. 34.

2 CONSIDERANDO OS ESCRITOS: AS FUNÇÕES DAS ALEGORIAS DE VIEIRA

No capítulo anterior, conforme atestado desde o próprio título, buscou-se lançar os fundamentos a respeito da alegoria, seja na teoria, seja na história da teologia, seja no modo como Antônio Vieira conjugou ambas e desenvolveu seu método. Com fundamentos lançados, agora o intento consiste em tomar seus Sermões e, a partir deles, perceber as funções para as quais o jesuíta português emprega suas alegorias.

Segundo Alcir Pécora, estudioso de Vieira no Brasil, os Sermões do jesuíta são de caráter sacramental, ou seja, carregam em si a presença de Deus e convertem como o próprio Deus. Além disso, haveria também, segundo Pécora, uma unidade teológico-retórico-política nos mesmos Sermões, culminando em uma unidade entre tempo litúrgico, Evangelho do dia e circunstâncias da pregação, já mencionada anteriormente.

Desse modo, percebeu-se alguns temas que são fortemente recorrentes nas prédicas vieirianas. A descoberta deles é parte da pesquisa, já que não consta em nenhuma bibliografia de tal modo. Tais temas serão daqui para frente mencionados e tratados. Com eles se buscará fazer uma análise, procurando fundamentos nos próprios Sermões, bem como em estudiosos sobre cada um.

Considerar os escritos levará o leitor a perceber que as alegorias de Vieira possuem funções bastante distintas: transmitir os conteúdos da fé, instruir os pregadores, valorizar a figura feminina, converter e estimar os negros e índios, instruir a respeito de atitudes do campo político e, nesse sentido, convencer da superioridade do Reino de Portugal, que segundo Vieira viria a ser o *Quinto Império*. Certamente há ainda outros temas, entretanto, no desenrolar das leituras, esses mencionados se mostraram bastante peculiares e, portanto, merecem destaque.

2.1 A TRANSMISSÃO DOS CONTEÚDOS DA FÉ

A primeira temática aqui reconhecida como função dos Sermões e, nesse caso, das alegorias neles desenvolvidas, é a transmissão dos conteúdos da fé. De fato, entre os muitos ofícios desenvolvidos por Vieira, está o ministério presbiteral e, de acordo com essa missão, tem o dever de evangelizar, o que inclui também a transmissão dos conteúdos que crê.

Os Sermões são, de fato, um importante veículo de comunicação e de transmissão da fé.¹²² Não se pode negar, porém, que em muitos deles há outros fins diversos, os quais serão vistos posteriormente. Para fundamentar esse primeiro objetivo, recorre-se a alguns textos de Vieira apresentando excertos relacionados aos temas próprios da fé cristã.

No *Sermão Nossa Senhora do Rosário com o Santíssimo Sacramento*, por exemplo, Padre Vieira deseja convencer da importância da oração do Rosário e da participação no Sacramento da Eucaristia, inclusive conjugando ambos para maiores efeitos. Para isso, toma o seguinte trecho do Cântico dos Cânticos: “teu ventre, monte de trigo rodeado de açucenas”,¹²³ e realiza os movimentos de interpretação e construção de uma alegoria.

Naquele misterioso livro, [...] descreve Salomão [...], o corpo místico da Igreja Católica. E, [...] diz que o ventre da Igreja é semelhante a um monte de trigo, cercado ou valado de rosas: *Venter tuus sicut acervus tritici vallatus liliis.* – [...] ninguém duvida que o trigo no ventre da Igreja é o diviníssimo Sacramento do Altar, do qual ela sobrenaturalmente se alimenta, como de pão de vida [...]. Nem também se pode duvidar que as rosas que cercam o trigo sejam as do Rosário [...].¹²⁴

No que diz respeito ao *trigo*, Vieira pode facilmente relacioná-lo à Eucaristia, obrigatoriamente produzida com pão desse material. Entretanto, o termo *lírios* (ou açucenas, de acordo com a tradução bíblica) não se relacionaria facilmente com o Rosário. Carvalho assinala, nesse sentido, que a alteração de Vieira para o tipo de

¹²² FERNANDES, Márcio Luiz. O Padre Antônio Vieira e o método da pregação. *Revista Pistis & Praxis: teologia e pastoral*, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 211-230, 2010. p. cit. 213. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/4497/449749239012/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

¹²³ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002; Ct 7,3.

¹²⁴ VIEIRA, Antônio. *Sermão Nossa Senhora do Rosário com o Santíssimo Sacramento*. 1654. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=49901>>. Acesso em: 15 abr. 2019, grifo nosso.

flor – de lírios para rosas – não é feita por acaso ou descuido, mas atende a necessidade interpretativa do jesuíta,¹²⁵ que segue:

Sendo, pois, o trigo do nosso texto o Santíssimo Sacramento, e as rosas que o cercam o santíssimo Rosário, muita razão terá a devoção de todos os que com tanta piedade se ajuntam aqui nesta hora ao rezar ou cantar a coros; muita razão, digo, terá de querer ouvir e saber que conveniência ou proporção tem o Rosário com o Sacramento, e que utilidades poderão conseguir os que unirem entre si estas duas grandes devoções, a de freqüentar o Sacramento e a de rezar o Rosário.¹²⁶

A tradução que, nesse caso, Vieira cunha é: teu ventre, monte de trigo rodeado de rosas. Agora, portanto, as rosas que cercam o Santíssimo Sacramento podem ser entendidas como as do Rosário, uma metáfora para isso. Ademais, assim como o Corpo de Cristo precisa ser fragmentado para ser consumido, o mesmo Cristo se encontra fragmentado nos mistérios de sua Encarnação, Vida, Morte e Ressurreição no Rosário. Isso assegurará o objetivo final de Vieira: relacionar a necessidade de rezar o Rosário unido à recepção do Sacramento da Eucaristia:¹²⁷

Seja, pois, a conclusão de tudo que, unindo a meditação do Rosário com o Santíssimo Sacramento, e a comunhão do Santíssimo Sacramento com o Rosário, digiram as nossas almas em um o que comem no outro, de tal sorte que aquele divino pão cresça em nós à grandeza de um monte: *Sicut acervus tritici*. - E das rosas, com que a Virgem do Rosário o cerca nesta vida: *Vallatus liliis* – nos teça na outra, como faz a seus devotos, uma coroa de glória, etc.¹²⁸

Embora alegorias e metáforas sejam conteúdos diferentes, o método de construção de ambas é o mesmo, sobretudo quando se pensa

¹²⁵ CARVALHO, 2007, p. 185.

¹²⁶ VIEIRA, 1654, não paginado.

¹²⁷ CARVALHO, 2007, p. 185.

¹²⁸ VIEIRA, 1654, não paginado.

a alegoria no molde dos poetas: a apresentação de termos análogos que representam outros não explícitos. A diferença, porém, consiste no fato de que as metáforas substituem um termo no discurso e as alegorias substituem muitos, formam várias comparações, sendo entendidas como metáforas continuadas, conforme se mencionou anteriormente.¹²⁹

Vem ao encontro dessa reflexão o fato de que Vieira também constrói metáforas com o mesmo fim de transmitir a fé, objeto desta parte da pesquisa. No mesmo sermão anteriormente citado, ele trata da graça divina e dos sacramentos da Igreja, comparando-os (metaforizando) às águas do Rio Nilo, construindo um discurso:

O Nilo da Igreja Católica é a graça divina. Esta graça, como o mesmo Nilo, se divide em sete canais, que são os sete sacramentos, por meio dos quais, como por sete bocas, se comunica a nossas almas.¹³⁰

De acordo com Carvalho ocorre uma definição metafórica, já que *graça divina* é conceituada com a metáfora *Nilo da Igreja Católica*. Nesse sentido, Vieira parece acreditar que entre o Rio Nilo e a graça divina há uma grande semelhança: o Nilo é benefício de Deus para a África ao passo que a graça é auxílio de Deus para os cristãos.¹³¹

Ademais, da mesma forma que o Rio Nilo é dividido em sete canais, a graça divina também é dividida em sete sacramentos: batismo, confirmação, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordem e matrimônio. Vieira cria uma analogia de proporção, formando essa metáfora que, se fosse continuada em todo o sermão ou em parte dele (como o fará aqui com a relação entre o Rosário e o Santíssimo Sacramento) haveria uma alegoria.¹³²

No *Sermão de Nossa Senhora do Ó*, de 1640, Vieira procura discorrer, a partir de particular alegoria, sobre o mistério da concepção de Jesus no seio virginal de Maria. Para estabelecer uma relação entre a

¹²⁹ CARVALHO, 2007, p. 181.

¹³⁰ VIEIRA, 1654, não paginado, grifo nosso.

¹³¹ CARVALHO, 2007, p. 181.

¹³² CARVALHO, 2007, p. 181.

finitude e a infinitude, o jesuíta recorre à imagem dos círculos, fortemente relacionada à ideia de eternidade.¹³³

O círculo criado, que cerca o mundo, é o céu; o círculo inciado e imenso, que cerca o céu, é Deus; e o círculo imensíssimo, que cercou a esse Deus imenso, é Maria [...]. O círculo que cerca o céu é aquele que cerca e encerra em si todas as coisas, que é Deus. Este círculo, porém, por sua essência e grandeza, é tal que se não pode cercar [...]. Mas esse impossível, [...] venceu a capacidade, não só imensa, mas imensíssima, do útero e grêmio virginal de Maria.¹³⁴

Sendo o círculo um símbolo conhecido e utilizado por muitas tradições, Vieira o aproveitou, tomando-o como seu ponto de partida. Assim, desejando alegorizar sobre o ventre da Virgem Maria, receptáculo que recebeu o infinito, o jesuíta utilizou essa figura circular em todas as suas dimensões, desenvolvendo as possíveis e necessárias reflexões.¹³⁵

Nesse sentido, o mundo é um círculo criado por Deus. Esse círculo criado, ao mesmo tempo, é cercado por outro círculo maior: o próprio Deus. No divino, porém, diferente do mundo, não se pode ver circunferência, tendo em vista que é imensidão. Porém, esse círculo imenso foi cercado por outro: o ventre virginal de Maria, que é o círculo mais imenso que o círculo divino.¹³⁶

¹³³ VILAR, Fernanda S.; SILVA, Tiago E. da. **A representação do círculo no Sermão do Padre Antônio Vieira**. Acesso em: <<http://www.unicamp.br/iel/sit e/alunos/publicacoes/textos/r00006.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

¹³⁴ VIEIRA, Antônio. **Sermão de Nossa Senhora do Ó**. 1640. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=49840>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

¹³⁵ LOPES, Vinícius F. **O simbolismo do círculo no Sermão de Nossa Senhora do Ó de Padre Antônio Vieira**. 2016. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16266/1/2016_ViniciusFerreiraLopes_tcc.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2019.

¹³⁶ VILAR; SILVA, não paginado.

2.2 AS INSTRUÇÕES AOS PREGADORES

Além da transmissão dos conteúdos da fé, Vieira também desenvolve alegorias com fins metalinguísticos, como no caso do Sermão da Sexagésima: um sermão sobre como desenvolver sermões e fazer uma boa pregação, semeando com palavras.¹³⁷

Pregado na Capela Real, em 1655, Vieira mostra-se como alguém que acredita na eficácia da palavra quando proferida simples e diretamente, acompanhada do necessário testemunho. Partindo da parábola bíblica do semeador, em que a semente é a Palavra de Deus¹³⁸, o jesuíta procura compreender (tomando como exemplo as missões no Maranhão) os motivos pelos quais a palavra divina é semeada mas não gera conversões.¹³⁹

Lêde as histórias eclesiásticas e achá-las-eis tôdas cheias de admiráveis efeitos da pregação da palavra de Deus [...]. E hoje? Nada disto. Nunca na igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? [...] Esta tão grande e tão importante dúvida será a matéria do sermão. [...] A mim será, e também a vós: a mim, para aprender a pregar; a vós, para que aprendais a ouvir.¹⁴⁰

Ao partir desse problema, Vieira identifica os três prováveis responsáveis: Deus, o ouvinte e o pregador. Deus sempre dispensa sua

¹³⁷ LUFT, Joise Maria. A construção alegórica no *Sermão da Sexagésima* de Antônio Vieira. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 4, nº 7. p. 198-213, jul-dez. 2016, p. cit. 203. Disponível em: <<http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol407/13%20A%20constru%C3%A7%C3%A3o%20aleg%C3%B3rica.%20Joise%20Maria%20Luft%20PRONTO.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

¹³⁸ Lc 8,11.

¹³⁹ HINRICHSEN, Luís Evandro. A arte homilética segundo Antônio Vieira: Estudo do Sermão da sexagésima ou sobre o poder e alcance da Palavra. **Cadernos da ESTEF**, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, n.51, p. 43-54, 2013, p. cit. 44-47.

¹⁴⁰ VIEIRA, Antônio. **Sermão da Sexagésima**. 1655. Disponível em: <<http://www.culturatura.com.br/obras/Serm%C3%A3o%20da%20Sexag%C3%A9sima.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

graça, portanto, não seria o culpado. Também o ouvinte não o seria, porque a semente sempre nasce pois é sempre boa. O pregador, por sua vez, deve atuar em sua pregação sobre os ouvidos e sobre a visão: pelos sons e pelo testemunho. Nesse sentido, quando a palavra pregada não gera frutos de testemunho, não é a palavra de Deus e, nesse caso, não causa as conversões.¹⁴¹

Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumando. [...] Sabeis, cristãos, porque não faz fruto a palavra de Deus? **Por culpa dos pregadores.** Sabeis, pregadores, porque não faz fruto a palavra de Deus? -- **Por culpa nossa.**¹⁴²

Nesse sentido, sendo os pregadores os principais responsáveis pelas conversões, Vieira identifica cinco elementos próprios daquele que profere o sermão: a pessoa que é, o estilo que segue, o assunto que trata, a ciência que tem e a voz que fala.¹⁴³

Quanto à pessoa do pregador, seriam diferentes o semeador e aquele que semeia (assim como o pregador daquele que prega). O semeador e o pregador são nomes, ao passo que o que semeia e que prega são ações. Nesse sentido, Vieira pensa que em sua atualidade, pregavam-se palavras e pensamentos (semeador e pregador) e não palavras e obras (o que semeia e o que prega), como se fazia nos inícios da Igreja.¹⁴⁴

Quanto ao estilo da pregação, Vieira denuncia a forma muito dificultosa de fazer o sermão, exigindo aos pregadores que preguem com simplicidade, clareza, espontaneidade, permitindo cair a semente. Em sua concepção, o céu seria o primeiro pregador: suas palavras, as estrelas, sua composição em harmonia, o sermão.¹⁴⁵

¹⁴¹ HINRICHSEN, 2013, p. 48.

¹⁴² VIEIRA, 1655, não paginado, grifo nosso.

¹⁴³ HINRICHSEN, 2013, p. 49-52.

¹⁴⁴ HINRICHSEN, 2013, p. 49.

¹⁴⁵ HINRICHSEN, 2013, p. 49-50.

O assunto da pregação, segundo Vieira, deve ser um só e muito bem explicado, de modo que se compreenda: com uma só cor, um só objeto, um só assunto e uma só matéria. A chave de compreensão dada pelo pregador deve ser silogisticamente disposta, provada na Escritura e confirmada com a vida.¹⁴⁶

Com relação à ciência que deve ter o pregador, Vieira ratifica a necessidade de que os pregadores tenham ciência do Evangelho que pregam, para não pregar aquilo que não conhecem. Seria como exaltar a temperança sem o mínimo esforço para viver tal virtude.¹⁴⁷

Finalmente, a voz proferida pelo pregador deve ser de tom moderado, de modo que se escute a pregação apenas no ambiente em que ela está acontecendo. Assim, é preciso discutir e defender, embora não bradando ou clamando durante a fala.¹⁴⁸

Apesar de todos esses elementos, que de fato podem atrapalhar a pregação quando não colocados em prática, o verdadeiro problema de não haver inúmeras conversões, segundo Vieira, não está em nenhum deles:

Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus? Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus [...]. As palavras de Deus, pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do Demônio.¹⁴⁹

Tendo consciência que se anuncia Jesus Cristo, o Verbo (Palavra) de Deus, Vieira afirma que os pregadores pregam palavras de Deus, mas não pregam a Palavra de Deus, pois não pregam em união com seu próprio testemunho do que creem.¹⁵⁰

Além de tudo isso, Vieira se utiliza do estilo barroco em sua produção textual, desenvolvendo florões, nos quais uma ideia central

¹⁴⁶ HINRICHSEN, 2013, p. 50-51.

¹⁴⁷ HINRICHSEN, 2013, p. 51.

¹⁴⁸ HINRICHSEN, 2013, p. 51-52.

¹⁴⁹ VIEIRA, 1655, não paginado.

¹⁵⁰ HINRICHSEN, 2013, p. 52-53.

gera alegorias ramificadas, que se comunicam à ideia central.¹⁵¹ No Sermão da Sexagésima, o jesuíta vai desenvolvendo o signo *árvore* a partir de cada um de seus elementos, associando-os ao significado na natureza ao ato de pregar.¹⁵²

Assim há-de ser o sermão: há-de ter raízes fortes e sólidas, porque há-de ser fundado no Evangelho; há-de ter um tronco, porque há-de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco hão-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos [...]; estes ramos hão-de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão-de ser vestidos e ornados de palavras. Há-de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há-de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo, há-de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há-de ordenar o sermão.¹⁵³

Embora complexo, o processo de desenvolvimento dos florões são, em Vieira, uma forma palpável de trabalhar as alegorias, criando seqüências lógicas que levam o leitor ou o ouvinte ao convencimento das ideias. O abstrato, nas alegorias de Vieira, é convertido ao plano do concreto através de conceitos materiais conhecidos.¹⁵⁴

2.3 A VALORIZAÇÃO DA FIGURA FEMININA

Além daquilo que já se viu, Vieira também trabalha suas alegorias de modo a valorizar a figura feminina. Cabe ressaltar, como pontuam alguns estudiosos, que no *corpus* de Vieira não há sermões inteiramente dedicados à reflexão sobre a condição feminina. De qualquer modo, porém, existem passagens onde o tema é abordado.¹⁵⁵

Conforme já mencionado anteriormente, Padre Antônio Vieira encontra-se inserido no estilo do barroco, próprio de seu contexto. Vigora, nessa corrente de pensamento e expressão, uma visão paradoxal

¹⁵¹ LUFT, 2016, p. 204.

¹⁵² LUFT, 2016, p. 210.

¹⁵³ VIEIRA, 1655, não paginado.

¹⁵⁴ LUFT, 2016, p. 212.

¹⁵⁵ FRANCO, José E.; MORÁN CABANAS, Maria I. **O Padre Antônio Vieira e as mulheres: o mito barroco do universo feminino.** São Paulo: Arké, 2008. p. 15.

a respeito das coisas, a qual Massaud reconhece uma dicotomia de base, com características formais, por exemplo, do jogo entre claro e escuro, luz e sombra, assimetria, contraste e etc.¹⁵⁶

Diante dessa realidade paradoxal, o barroco encontra na figura feminina o melhor dos exemplos: a mulher é possibilidade dos extremos, é o cúmulo dos paradoxos.¹⁵⁷ Na obra de Vieira, a imagem da mulher é capaz de alcançar os dois extremos, do melhor e do pior. Ela pode ser a responsável pelas ações mais sublimes e pelos sentimentos mais divinos e, por outro lado, pode ser o caminho da tentação, originando os desastres mais graves e as paixões mais terríveis da harmonia pessoal e social.¹⁵⁸

Duas figuras femininas bastante presentes nos Sermões de Vieira são Eva e Maria, uma tentadora e outra redentora, respectivamente. Eva seria, na compreensão do jesuíta, a figura contrária ao ideal de santidade proposto ao ser humano, chegando a ser um arquétipo (modelo) para prevenir o auditório contra as seduções do mal.

Nas sentenças da condenação do mesmo pecado temos a prova. Para o primeiro pecado do mundo, que foi o do Paraíso, concorreram três cúmplices: a serpente, Eva, Adão. Pela mesma ordem os condenou Deus a todos três, e nesta ordem tem grande mistério a primeira sentença e a última. Na primeira sentença foi condenada a serpente a que a mulher lhe quebrasse a cabeça: [...] Na última foi condenado Adão, a que a terra lhe produzisse espinhas.¹⁵⁹

O ato pecaminoso de Eva (comer o fruto) é resultante, de acordo com Vieira, de sua condição de fragilidade, responsável pelos defeitos da ambição, curiosidade, astúcia e egoísmo.¹⁶⁰

¹⁵⁶ MASSAUD, 2004, p. 53.

¹⁵⁷ FRANCO; MORÁN CABANAS, 2008, p. 19.

¹⁵⁸ FRANCO; MORÁN CABANAS, 2008, p. 19.

¹⁵⁹ VIEIRA, Antônio. **Sermão Trigésimo com o Santíssimo Sacramento exposto.** 1998a. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=49766>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

¹⁶⁰ FRANCO; MORÁN CABANAS, 2008, p. 24.

Que comesse Eva, não me admira: era mulher, e o seu apetite, a sua **ambição**, e, quando não houvera outro motivo, a sua **curiosidade** [...] Também mostrou ser mulher na **astúcia**. Darei desta mesma maçã a Adão para que coma; comendo, ofender-se-á Deus igualmente; ofendido Deus, desterrá-lo-á também a ele do paraíso; [...] **porque antes quero a Adão no desterro comigo que no paraíso sem mim.**¹⁶¹

Maria, por outro lado, é a correção e a perfeição de todas as mulheres, sobretudo aquelas do Antigo Testamento que eram prefigurações em desejo do que ela seria em realidade. Para Vieira, os seres humanos são plenificados pelo poder de Maria, que chega a ser pensado como de co-redenção.¹⁶²

A mulher que quebrou a cabeça à serpente, todos sabemos que foi a Virgem Maria, no instante de sua conceição, que é o ponto preciso em que a serpente morde a todos os filhos de Adão, concebidos por geração natural. Por isso o texto, com os termos admiravelmente trocados, primeiro diz que a mulher quebraria a cabeça à serpente, e depois que ela a quererá morder: [...] a mulher que venceu a serpente foi a Rosa Mística.¹⁶³

No *Sermão de Nossa Senhora do Ó*, Vieira soluciona a dicotomia entre a primeira mulher, causa de pecado e a nova mulher, causa de salvação: a queda provocada por Eva é resolvida pela salvação possível graças a Maria.¹⁶⁴ Eva é contraposta pela Ave, o veneno é transformado em antídoto.¹⁶⁵

¹⁶¹ VIEIRA, Antônio. **Sermão da Ascensão de Cristo Senhor Nosso**. 1998b. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=49774>>. Acesso em: 26 abr. 2019, grifo nosso.

¹⁶² FRANCO; MORÁN CABANAS, 2008, p. 25-26.

¹⁶³ VIEIRA, 1998a, não paginado, grifo nosso.

¹⁶⁴ FRANCO; MORÁN CABANAS, 2008, p. 30.

¹⁶⁵ GIOVANNINI, Luciana B. Eva e Ave, o veneno e o antídoto: a iconografia da anunciação da capela do rosário dos pretos da vila de São José.

Mas não é coisa nova nesta mesma embaixada trocar a Senhora alguma palavra do anjo em outra. **Assim como trocou o Eva em Ave, assim trocou o et em o.** E reduzidos os nove meses ao círculo perfeito deste O, não é muito que fossem eternos. [...] No *et* do anjo começaram a ser eternos os desejos, que também então começaram a ser; e no O tão continuado e repetido da Senhora, acabaram de cerrar o círculo da sua eternidade.¹⁶⁶

De todo modo, porém, Vieira não encerra sua compreensão em relação ao sexo feminino com Eva e Maria. O jesuíta cita também, em seus Sermões, algumas figuras como Madalena e a Samaritana, e faz ainda sermões comemorativos a algumas santas mulheres (Santa Tereza e Santa Catarina, por exemplo).

Como destacam Franco e Morán Cabanas, uma importante mulher para o contexto de Vieira foi a Rainha dona Cristina da Suécia, que residiu em Roma após abdicar do trono e se converter ao catolicismo: ela o teria convidado insistentemente para o cargo de pregador régio de sua corte, função recusada pelo jesuíta por conta de seu grande amor e saudade de Portugal.¹⁶⁷

À guisa de conclusão dessa temática, alguns estudiosos destacam que Vieira, no tocante à temática das mulheres, é maniqueísta. Em seus Sermões, ou a mulher será paradigmaticamente representada pela figura de Maria, a Virgem, ou então será retratada nas personagens bíblicas com tons prostibulares, como a Samaritana e Maria Madalena, que tendem à tipificação de Eva. Portanto, Vieira é manifestamente dicotômico, bipolarizador e dilemático, já que a figura feminina será sempre, para ele, a mulher diabólica versus a mulher mariana.¹⁶⁸

MEMENTO: revista de Linguagem, Cultura e Discurso, Betim, v. 8, n. 2, p. 1-22, julho-dezembro de 2017. p. cit. 20.

¹⁶⁶ VIEIRA, 1640, não paginado.

¹⁶⁷ FRANCO; MORÁN CABANAS, 2008, p. 16.

¹⁶⁸ MARQUES, António Soares. A mulher nos Sermões do P.e. António Vieira. **Máthesis**, Viseu, 1993, p. 121-141. p. cit. 141. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/24026/1/mathesis2_artigo9.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em: 27 abr. 2019.

2.4 A CONVERSÃO E VALORIZAÇÃO DOS NEGROS E ÍNDIOS

A relação entre o jesuíta Antônio Vieira e os escravos (sejam os indígenas ou os africanos) é um tema bastante polêmico. Se, por um lado, grupos com certas tendências o criticam por suas concepções, outros o *absolvem* de todas as suas possíveis responsabilidades culpáveis. O mais ideal, certamente, é reconhecer, de modo equilibrado, as diversas considerações de Vieira, levando em conta, também, o contexto no qual estava inserido.

Na temática de Vieira em relação aos escravos (índios e negros) três importantes considerações precisam ser feitas: A primeira, como se pode comprovar através de algumas referências, é que a Companhia de Jesus possuía escravos, o que coloca Vieira em uma aparente contradição entre pregação e ação.¹⁶⁹ A segunda, ligada à anterior, é que a proposta da escravidão encontrava vários fundamentos histórico-filosóficos e, inclusive, bíblicos.¹⁷⁰ Por fim, a terceira consideração, talvez a mais importante delas, é que Vieira possuía diferentes concepções entre a escravidão dos índios nativos e a dos negros trazidos do continente africano.¹⁷¹

Nesse sentido, aparentemente, haveria em Vieira uma contradição entre pregação e ação já que ele, enquanto pregador, reclamava aos colonos a liberdade dos índios escravizados e, ao mesmo tempo, a Companhia de Jesus, ordem religiosa a qual estava vinculado, possuía certo número de escravos. Mesmo o catolicismo aprovava a escravidão e os fundamentos não faltavam: Paulo orientava que cada um continuasse na mesma condição em que se encontrava quando foi chamado. Agostinho legitimava, através da guerra justa, que quem foi vencido deve permanecer escravo daquele que o venceu. Também Tomás de Aquino, apoiando-se em Aristóteles, afirmava que a

¹⁶⁹ FERREIRA JÚNIOR, Amarílio; BITTAR, Marisa. A pedagogia da escravidão nos *Sermões* do Padre Antonio Vieira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 84, n. 206/207/208, p. 43-53, jan.-dez. 2003a. p. cit. 44.

¹⁷⁰ FERREIRA JÚNIOR, Amarílio; BITTAR, Marisa. **O Padre Antonio Vieira e a pedagogia da escravidão**. 2003b. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S.22.035.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

¹⁷¹ FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003b, p. 1.

escravidão era natural entre os homens. Assim o catolicismo, além de aceitar a escravidão, possuía fundamentos para justificá-la.¹⁷²

Destarte, Vieira aceitava a escravidão. Contudo, a dos índios só era lícita quando os colonos ou os religiosos os libertavam dos cativeiros de outras tribos, que lhes renderia a morte em rituais de antropofagia. Quanto aos escravos ilícitos (conquistados por invasões em aldeias, por exemplo), Vieira pedia sua imediata libertação.¹⁷³ Os africanos tornados escravos, por outro lado, viviam em uma condição de cativo aceita pelo jesuíta em questão: somente através da escravidão é que os africanos poderiam alcançar a libertação de sua gentildade e a conversão ao catolicismo, possibilitando-lhes a salvação.¹⁷⁴

No Sermão da Primeira Dominga da Quaresma, pregado em 1653, no Maranhão, Vieira busca persuadir os colonos a libertarem os indígenas escravizados, comparando-os aos hebreus cativos do Faraó.¹⁷⁵

O cativo de Israel no Egito, e os cativos injustos do Maranhão. [...] Quem nos há de ir buscar um pote de água, ou um feixe de lenha? Quem nos há de fazer duas covas de mandioca? Hão de ir nossas mulheres? Hão de ir nossos filhos? [...] quando a necessidade e a consciência obriguem a tanto, digo que sim, e torno a dizer que sim: [...] porque melhor é sustentar do suor próprio que do sangue alheio. Ah! fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue!¹⁷⁶

Também o Sermão da Epifania, pregado na Capela Real em 1662 versa sobre a defesa dos índios contra os colonos. Uma relevância ainda maior encontra tal sermão, tendo em vista que, na ocasião, os jesuítas estavam retornando a Lisboa já que haviam sido expulsos pelos colonos após uma série de atritos causados pela questão do cativo. Ademais, o sermão estava sendo pregado diante da rainha viúva dona

¹⁷² FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003a, p. 44.

¹⁷³ FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003a, p. 44.

¹⁷⁴ FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003b, p. 1.

¹⁷⁵ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 49.

¹⁷⁶ VIEIRA, Antônio. **Sermão da Primeira Dominga da Quaresma**. 1653. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01941.html>. Acesso em: 07 mai. 2019.

Luísa e de seu filho, dom Afonso VI.¹⁷⁷ O motivo que Vieira encontra para defender os índios consiste em uma igualdade com razões naturais e razões escriturais:

As razões naturais apresentadas por Vieira consistem na exposição ao sol:

As nações, umas são mais brancas, outras mais pretas, porque umas estão mais vizinhas, outras mais remotas do sol. E pode haver a maior inconsideração do entendimento, nem maior erro do juízo entre homens, que cuidar eu que hei de ser vosso senhor, porque nasci mais longe do sol, e que vós haveis de ser meu escravo, porque nascestes mais perto?

As razões escriturais que o jesuíta apresenta versam sobre os magos vindos do Oriente, ao considerar que dois deles eram brancos e um, negro:

Dos Magos, que hoje vieram ao presépio, dois eram brancos e um preto, como diz a tradição; e seria justo que mandasse Cristo que Gaspar e Baltasar, porque eram brancos, tornassem livres para o Oriente, e Belchior, porque era pretinho, ficasse em Belém por escravo, ainda que fosse de S. José? [...] Não há diferença de nobreza, porque todos são filhos de Deus; nem há diferença de cor, porque todos são brancos. Essa é a virtude da água do batismo.¹⁷⁸

Como reconhece Bosi, o pensamento de Vieira era respaldado pela autoridade eclesiástica, mesmo através de documentos papais favoráveis à liberdade dos índios, como a *Sublimis Deus*, de Paulo III, do ano de 1537, que afirmava a liberdade de todos os povos, mesmo dos não-cristãos.¹⁷⁹ Entretanto, a mesma autoridade compromissada com os

¹⁷⁷ BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 134.

¹⁷⁸ VIEIRA, Antônio. **Sermão da Epifania**. 1662. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01843.html>. Acesso em: 07 mai. 2019.

¹⁷⁹ BOSI, 1994, p. 135-136.

índios encontrava nos padres uma contradição com o compromisso político assumido pelos religiosos de domesticar e reduzir os aborígenes à obediência, para que trabalhassem a metade do ano e fossem catequizados na outra metade.¹⁸⁰ Vieira não esconde sua culpa nessa questão:

Não posso, porém, negar que todos nesta parte, e eu em primeiro lugar, somos muito culpados. E por quê? Porque, devendo defender os gentios que trazemos a Cristo, como Cristo defendeu os Magos, nós, acomodando-nos à fraqueza do nosso poder, e à força do alheio, cedemos da sua justiça, e faltamos à sua defesa.¹⁸¹

Vieira segue desenvolvendo uma alegoria, ao comparar os escravos aos magos do Oriente, afirmando que Cristo não consentiu que os magos perdessem sua pátria, sua liberdade e sua soberania, mas reconhece que os colonizadores (incluindo-se) consentiram que os escravos perdessem tudo isso.¹⁸²

Nesse sentido, uma tensão se consolida, e precisa ser resolvida com uma de duas atitudes: ou o compromisso com os colonos, ou a resistência a eles. As ações jesuíticas de resistência lhes renderam o choque e a conseqüente expulsão das terras de missão. Os escritos messiânicos de Vieira, além disso, provocaram sua condenação pela Inquisição, que lhe proibiu de pregar em terras portuguesas.¹⁸³

Diferente concepção possuía Vieira, conforme mencionado anteriormente, no tocante à escravidão dos negros africanos. Para esses, o trabalho escravo era possibilidade real de conversão e de salvação.

De acordo com alguns teóricos, há três sermões principais que relatam a concepção de Vieira a respeito da escravidão dos africanos, sermões dirigidos especialmente aos negros que trabalhavam nos engenhos: o XIV, o XX e o XXVII Sermões do Rosário. Os mesmos teóricos afirmam que há, em Vieira, uma concepção pedagógica da escravidão, como um milagre divino possibilitante da transição da

¹⁸⁰ BOSI, 1994, p. 136.

¹⁸¹ VIEIRA, 1662, não paginado.

¹⁸² VIEIRA, 1662, não paginado.

¹⁸³ BOSI, 1994, p. 137-138.

gentilidade para o Cristianismo.¹⁸⁴ De todo modo, Vieira equiparava os sofrimentos dos escravos aos de Cristo.¹⁸⁵

Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado: *Imitatoribus Christi crucifixi* - porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. [...] A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despídos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo.¹⁸⁶

A continuação do sermão dá a entender que não haveria, naquele contexto, nenhuma outra forma de sofrimento que se assemelhasse tanto ao de Cristo quanto o trabalho escravo nos engenhos:

Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio. [...] Em todas as invenções e instrumentos de trabalho parece que não achou o Senhor outro que mais parecido fosse com o seu que o vosso.¹⁸⁷

Nesse sentido, as condições de trabalho dos escravos negros no Brasil eram brutalmente desumanas, mas Vieira não permaneceu insensível a elas, embora precisasse, de algum modo, justificá-las. O engenho seria a cruz, o negro a própria imitação do Cristo sofredor.¹⁸⁸

De acordo com Ferreira Júnior e Bittar, há um aspecto pedagógico muito presente nos sermões de Vieira dirigidos aos negros, ou aos *pretos da Ethyopia*, como Vieira se referia a eles. O tom

¹⁸⁴ FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003b, p. 1.

¹⁸⁵ BOSI, 1974, p. 50.

¹⁸⁶ VIEIRA, Antônio. **Sermão XIV**. 1633. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01858.html>. Acesso em: 07 mai. 2019.

¹⁸⁷ VIEIRA, 1633, não paginado.

¹⁸⁸ FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003b, p. 2-3.

pedagógico se dava no desejo de inculcar nos negros a concepção cristã de mundo.¹⁸⁹

No Vigésimo Sermão do Rosário Vieira aborda três elementos de distinção entre os senhores e os escravos: o nome, a cor e a fortuna. Quanto ao nome, evoca a fala de Maria que se chamou *escrava do Senhor*.¹⁹⁰

Quando o Anjo trouxe a embaixada à Senhora, [...] depois de replicar o que podia fazer dúvida à sua pureza, as palavras com que aceitou a embaixada foram: *Ecce ancilla Domini* (Lc.1, 38): Eis aqui a escrava do Senhor. [...] Quando se viu Senhora do reino e Senhora do mundo, então se chamou escrava, para que julguem os senhores e os escravos se estimará mais os escravos ou os senhores.¹⁹¹

Quanto à cor, Vieira relata que antes do evangelista Mateus chegar à Etiópia, já um negro havia pregado a fé e a veneração de Cristo.¹⁹²

Quando os apóstolos repartiram entre si o mundo, coube a S. Mateus a Etiópia; mas, quando lá chegou S. Mateus, que foi no ano quarenta e quatro do nascimento de Cristo, já havia nove anos que o eunuco da rainha Candaces, guardador do seu erário, convertido e batizado por S. Filipe, lhe tinha levado e mostrado os tesouros do Evangelho, sendo ele o primeiro apóstolo da sua pátria, da mesma nação, da mesma língua e da mesma cor que os outros etíopes.¹⁹³

¹⁸⁹ FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003b, p. 3.

¹⁹⁰ FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003b, p. 3.

¹⁹¹ VIEIRA, Antônio. **Sermão XX – Maria Rosa Mística**. 1998c. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01866.html>. Acesso em: 07 mai. 2019.

¹⁹² FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003b, p. 3.

¹⁹³ VIEIRA, 1998c, não paginado.

Por fim, quanto à riqueza, o jesuíta compara o rico com os senhores e Lázaro com os pobres escravos.¹⁹⁴: “Digam-me os ricos quem foi este rico, e os pobres, quem foi este Lázaro? O rico foi o que são hoje os que se chamam senhores, e Lázaro foi o que são hoje os pobres escravos”.¹⁹⁵

De qualquer forma, Vieira considerava a escravidão dos negros uma graça, ao afirmar que o sofrimento, que pode parecer desterro, cativo e desgraça é um milagre, um grande milagre, como afirma no XIV Sermão, já que a alma não convertida consistiria em um cativo pior que o cativo corporal da escravidão, temática apresentada no XX.¹⁹⁶

Também é o XX Sermão que instrui os negros a não trabalharem de má vontade, mas reconhecendo que não servem aos senhores, mas ao Senhor. Nele Vieira propõe que o Senhor haveria de recompensar todo o trabalho servil na terra com o próprio serviço divino no céu:

Pois, esta grande mudança de fortuna que digo, não há de ser entre vós e eles, senão entre vós e Deus. Os que vos hão de servir no céu, não hão de ser vossos senhores, que muitos pode ser que não vão lá; mas quem vos há de servir é o mesmo Deus em pessoa. Deus é o que vos há de servir no céu, porque vós o serviste na terra. Ouvi agora com atenção.¹⁹⁷

Portanto, ao mesmo tempo em que Vieira se mostra sensível aos males gerados pela escravidão, ele não aceita uma rebelião dos escravos. No pensamento do jesuíta, ser escravo consistia em uma verdadeira glória, a de imitar o sofrimento de Cristo e, portanto, trilhar um caminho rumo a outra vida, onde Deus é o servidor.¹⁹⁸

¹⁹⁴ FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003b, p. 3.

¹⁹⁵ VIEIRA, 1998c, não paginado.

¹⁹⁶ FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003b, p. 3-4.

¹⁹⁷ VIEIRA, Antônio. **Sermão XXVII com o Santíssimo Sacramento Exposto.** 1998d. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01872.html>.

Acesso em: 08 mai. 2019.

¹⁹⁸ FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 2003b, p. 5.

2.5 O CARÁTER POLÍTICO E A SUPERIORIDADE DO REINO DE PORTUGAL

Finalmente, o quinto item destacado como função das alegorias de Vieira consiste em apresentá-lo como crítico em temas políticos e, em decorrência disso, afirmar a superioridade de Portugal. Nesse sentido, é importante perceber que muitos dos textos de Vieira (ou mesmo todos, como afirmará Pécora) possuem uma forte temática política de fundo e, com isso, as alegorias que ele desenvolve seguem a mesma lógica.

Em resumo, a temática política de Vieira consiste na interpretação da Escritura a partir da ideologia lusa, desenhando o futuro português. Sua base de pesquisa se estende dos Padres da Igreja até profecias populares, alcançando também a visão messiânica de Joaquim de Fiore. Poder-se-ia dizer, de acordo com Libânio, que sob a veste da dilatação da fé escondem-se, em Vieira, interesses econômicos e políticos da expansão do Reino de Portugal.¹⁹⁹

Alcir Pécora, estudioso de Vieira no Brasil, compila em obra os escritos históricos e políticos de Vieira e desenvolve seu prefácio. Nesse desenvolvimento, ele divide o pensamento do jesuíta em seis períodos, reconhecendo, em cada um deles, uma forma peculiar de temática política.²⁰⁰

Desse modo, ao considerar a prática da caridade cristã, Pécora afirma categoricamente que não há escrito de Vieira que não seja radicalmente político. A caridade, segundo ele, é a busca de intervir nas formas da vida social do ser humano para torná-lo, a partir de seu livre-arbítrio, co-autor da providência.²⁰¹ Assim, não haveria um modo de falar de Deus sem provar um bocado do mundo: sua pregação aponta sempre para uma ação. Quando Vieira prega, ele quer agir.²⁰²

Conforme reconhece Moacyr Scliar, em um artigo de 2008 publicado no Jornal Folha de São Paulo, a vida do Padre Vieira praticamente coincide ao período do século XVII, século de

¹⁹⁹ LIBÂNIO, João Batista. Padre Antônio Vieira. **Jesuítas**, Porto Alegre, n. 259, jul-set 2008. p. 19.

²⁰⁰ VIEIRA, Antônio. **Escritos históricos e políticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. VIII.

²⁰¹ VIEIRA, 2002, p. VIII.

²⁰² PÉCORA, Alcir. A fala sinfônica. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 de fevereiro de 2008. Mais! n. 826. p. 4.

consolidação e ampliação dos chamados valores da modernidade (novos instrumentos, avanços da medicina, surgimento de grandes personalidades científicas e filosóficas e outros). O jesuíta, portanto, é um homem sintonizado com o espírito de sua época.²⁰³

Nesse sentido, o primeiro período supracitado corresponde aos anos iniciais de Vieira, desde seus inícios na pregação até o início dos anos quarenta. As temáticas aqui destacadas versam sobre a censura contra os colonos que não permitiam aos escravos a possibilidade das práticas religiosas, devido aos difíceis e sofridos trabalhos que os últimos eram obrigados. Além disso, é nesse período que Vieira trata a invasão dos Holandeses na Bahia como uma intervenção divina por conta dos pecados do povo.²⁰⁴

De fato, sobre a relação com os outros povos (escravos), Vieira é considerado por Scliar um homem sem preconceitos, justamente por ser de origem mestiça.²⁰⁵ Seu pai, por exemplo, era descendente de europeus e africanos.²⁰⁶ A respeito da temática dos escravos desse período, em 1633 Vieira escreve:

Não se pudera nem melhor nem mais altamente descrever que coisa é ser escravo em um engenho do Brasil. Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à Cruz e Paixão de Cristo que o vosso em um destes engenhos. *O fortunati nimium sua si bona norint!* Bem-aventurados vós, se soubéreis conhecer a fortuna do vosso estado, e, com a conformidade e imitação de tão alta e divina semelhança, aproveitar e santificar o trabalho!²⁰⁷

A alegoria desenvolvida por Vieira consiste em comparar, nesse caso, o trabalho dos escravos nos engenhos aos sofrimentos de Cristo na Paixão e Cruz. A escravidão, como se viu anteriormente, é

²⁰³ SCLIAR, Moacyr. Um homem, um século. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 de fevereiro de 2008. Mais! n. 826. p. 6.

²⁰⁴ VIEIRA, 2002, p. VIII-IX.

²⁰⁵ SCLIAR, 2008, p. 6.

²⁰⁶ COBRA, Rubem Queiroz. **Padre Antônio Vieira**. 1997. Disponível em: <<https://www.cobra.pages.nom.br/fbp-vieira.html>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

²⁰⁷ VIEIRA, 1633, não paginado.

tratada como possibilidade de redenção aos negros, ouvintes do sermão mencionado.

O segundo período destacado por Pécora corresponde aos anos quarenta. Para entender o primeiro de seus temas, é importante considerar um mito existente em Portugal naquela época: o sebastianismo. O rei de Portugal, dom Sebastião, havia ido para uma guerra e dela não mais retornou. Os chamados sebastianistas acreditavam que dom Sebastião retornaria triunfante e instauraria Portugal como grande império diante de todo o mundo.²⁰⁸

Mesmo contemporâneo, Vieira não parece acreditar no retorno de dom Sebastião, mas acredita em Portugal como grande império (que chamará de Quinto Império) responsável por instaurar o Cristianismo em todo o mundo, a partir do rei dom João IV.²⁰⁹ Sua crença é considerada por Pécora como neo-sebastianismo, temática principal do segundo período de seus escritos.²¹⁰ Por ela, Vieira acreditava que quando o tempo favorável chegasse, o próprio Cristo reinaria por meio do Papa e do rei de Portugal, também os ritos judaicos voltariam a ser praticados numa Jerusalém que reencontraria sua antiga glória.²¹¹ Ainda outra temática do segundo período consiste na condenação dos impostos e de seu método de aplicação, além do rechaço à morosidade nos despachos ministeriais do governo e nos atos do soberano.²¹²

No Sermão da Primeira Domingo do Advento, pregado em 1650, Vieira desenvolve uma alegoria comparando Elias aos ministros do governo:

Tinha Deus feito a Elias profeta do povo de Israel, [...]; e estar Elias no deserto quando havia de andar na corte; estar metido em uma cova, quando havia de aparecer na praça; estar contemplando no Céu, quando havia de estar emendando a terra, era muito grande culpa.²¹³

²⁰⁸ SCLIAR, 2008, p. 6.

²⁰⁹ PIRES, Francisco Quinteiro. O imperador da língua portuguesa. **A notícia**, Joinville, 17 de fevereiro de 2008. Ideias. p. 1.

²¹⁰ VIEIRA, 2002, p. X-XI.

²¹¹ SCLIAR, 2008, p. 6.

²¹² VIEIRA, 2002, p. X-XI.

²¹³ VIEIRA, Antônio. **Sermão da Primeira Domingo do Advento**. 1650. Disponível em: <

Conforme sua metodologia alegórica das comparações entre personagens do Antigo Testamento e figuras contextuais, Vieira relacionará, a seguir, os atos do profeta Elias aos pecados dos ministros do governo:

É muito bom exemplo este para a corte e para os ministros que tomam a ocupação por escusa da salvação. [...] Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrúpulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram no mês que vem o que se havia de fazer no passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois, o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo, o que se havia de fazer já.²¹⁴

Como mencionado acima, a morosidade das ações ministeriais do governo é um dos temas recorrentes no segundo período e Vieira, nesse sentido, compara-a às ações de Elias de estar em um lugar quando deveria estar em outro, segundo o desejo de Deus que o havia constituído profeta.

O terceiro período dos escritos de Vieira diz respeito ao período dos anos cinquenta. Nele, Vieira continua fazendo inúmeras denúncias: a mudança dos objetivos com os índios (da possibilidade do ensino para a dura escravidão), do genocídio contra os chamados povos primitivos (teria sido o próprio Vieira a utilizar o termo genocídio, segundo Pécora) e da corrupção governamental. Também nesse período Vieira lança algumas propostas a respeito da relação entre os índios e os colonos, sugerindo, por exemplo, que os portugueses não exercessem uma autoridade externa sobre os nativos, coordenando as aldeias apenas os jesuítas e as chefias indígenas.²¹⁵

Sobre a crítica à corrupção governamental desse período, à guisa de exemplo, Vieira produz uma alegoria no Sermão de Santo Antônio, de 1654, comparando os governantes aos tubarões:

<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=49787>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

²¹⁴ VIEIRA, 1650, não paginado.

²¹⁵ VIEIRA, 2002, p. XVII-XXI.

Rodeia a nau o tubarão nas calmarias da linha com os seus pegadores às costas, tão cerzidos com a pele, que mais parecem remendos ou manchas naturais, que os hóspedes ou companheiros. Lançam-lhe um anzol de cadeia com a ração de quatro soldados, arremessa-se furiosamente à presa, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre meia campanha a alá-lo acima, bate fortemente o convés com os últimos arrancos, enfim morre o tubarão, e morrem com ele os pegadores.²¹⁶

Com o objetivo de criticar a corrupção de alguns governantes, Vieira compara a humanidade com o termo *peixe* e os governadores com *tubarão*. Considerando que há, na natureza, animais parasitas, que dependem da existência de outros, Vieira chama os parasitas (bajuladores) de *pegadores* e afirma, com veemência, que quando o tubarão morre, morrem os que dele dependem para sobreviver, ou seja, quando os governadores perdem seus poderes, os bajuladores enfim perecem.²¹⁷

É também do mesmo período o chamado Sermão do Bom Ladrão. Nele, Vieira interpreta alegoricamente um trecho de Isaías, certamente comparando com a situação do governo português:

Antigamente os que assistiam ao lado dos príncipes, chamavam-se laterones. E depois, corrompendo-se este vocábulo, como afirma Marco Varro, chamaram-se latrones. [...] O que só digo e sei, por ser teologia certa, é que em qualquer parte do mundo se pode verificar o que Isaías diz dos príncipes de Jerusalém: [...] Os teus príncipes são companheiros dos ladrões. — E por quê? [...] porque os dissimulam; [...] porque lhes dão os postos e os poderes; [...] porque talvez os defendem, e são, finalmente, [...] porque os

²¹⁶ VIEIRA, Antônio. **Sermão de Santo Antônio**. 1654. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-02092.html>. Acesso em: 08 mai. 2019.

²¹⁷ CARVALHO, 2007, p. 184.

acompanham e hão de acompanhar ao inferno, onde os mesmos ladrões os levam consigo.²¹⁸

O quarto período é correspondente aos anos 60. Foi nessa década que Vieira foi entregue à Inquisição, que já possuía algumas denúncias contra sua ação e pregação. De todo modo, também é nesse período que sustenta a tese de Portugal como Quinto Império: a expansão imperial portuguesa estava preparando a nova cristandade universal para a vinda de um tempo milenar de harmonia e paz, ou seja, após os assírios, os persas, os gregos e os romanos, Portugal se consolidaria como grande império mundial.²¹⁹

Uma obra póstuma de Vieira, publicada apenas em 1718, revela sua tese do Quinto Império, conforme se mencionou anteriormente. Nela, Portugal assumiria a liderança do mundo civilizado como quinto grande império da história:

Este foi o Mundo passado, e este é o Mundo presente, e este será o Mundo futuro; e destes três mundos unidos se formará (que assim o formou Deus) um Mundo inteiro. Este é o sujeito da nossa História, e este o império que prometemos do Mundo. Tudo o que abraça o mar, tudo o que alumia o Sol, tudo o que cobre e rodeia o Sol, será sujeito a este Quinto Império; não por nome ou título fantástico, como todos os que até agora se chamaram impérios do Mundo, senão por domínio e sujeição verdadeira. Todos os reinos se unirão em um centro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as coroas se rematarão em uma só diadema, e esta será a peanha da cruz de Cristo.²²⁰

Portugal havia estado sob o jugo espanhol entre 1580 e 1640. A restauração da coroa portuguesa após esse período era intuída por

²¹⁸ VIEIRA, Antônio. **Sermão do Bom Ladrão**. 1655. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000025pdf.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

²¹⁹ VIEIRA, 2002, p. XXI-XXIII.

²²⁰ VIEIRA, Antônio. **História do futuro**. 1718. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000253.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

Vieira como um verdadeiro sinal. Assim, o jesuíta encontrava convincentes fundamentos para sustentar que, após os impérios persa, assírio, grego e romano, Portugal seria o Quinto Império, com a diferença de levar o reino cristão a todos os povos do globo.²²¹

Por ocasião da Inquisição, Vieira decide ir a Roma, depois retorna a Portugal e, de lá, vem ao Brasil. A essa época Pécora denomina quinto período. Mesmo mudando o rei de Portugal (dom Afonso VI que o deixou à mercê da Inquisição é golpeado por seu irmão Pedro), Vieira não conseguiu juntar-se às decisões políticas do reino português e, com isso, vai a Roma obter a satisfação sobre as denúncias contra ele. Dom Pedro e Dona Francisca de Sabóia, então rei e rainha de Portugal, não tiveram pelo jesuíta o mesmo apreço que seus pais. Nesse sentido, Vieira escreve sobre a grande ingratidão de Dom Pedro e de sua pátria, Portugal, a qual nunca mais retornaria.²²²

Finalmente, o sexto período corresponde aos últimos anos de Vieira, que ele passou apenas no Brasil, de 1681 a 1697. Nesse tempo, Vieira continuou com seus escritos contra a sujeição dos indígenas e ainda outros escritos proféticos, como a chamada *Clavis Prophetarum*, obra incompleta sobre temas bastante revolucionários e polêmicos.²²³

Como mencionado anteriormente, Vieira é um homem de seu tempo e, nesse caso, precisa ser lido e compreendido a partir dessa perspectiva. Sua crença cristã de que Deus haveria de criar um novo céu e uma nova terra (crença religiosa) se liga profundamente às próprias perspectivas políticas, considerando que os portugueses ajudariam a Deus nessa missão.²²⁴ A utopia de um reino universal onde houvesse justiça e paz poderia levar mais facilmente todo o povo à salvação, segundo Vieira, ao contrário do que acontecia em outras fases da história.²²⁵

A partir dessa perspectiva, por exemplo, o Brasil seria o mundo de trevas ao qual os portugueses viriam para salvar aquelas gentes estranhas e acabar com as seitas pagãs de um povo que andava

²²¹ PIRES, 2008, p. 1.

²²² VIEIRA, 2002, p. XXIII-XXIV.

²²³ VIEIRA, 2002, p. XXIV-XXVI.

²²⁴ GONÇALVES FILHO, Antônio. Após quatro séculos, sermões se mantêm atuais. **A notícia**, Joinville, 17 de fevereiro de 2008, p. 4.

²²⁵ MAC DOWELL, João Augusto A. A. Vieira contravertido. **Jesuítas**, Porto Alegre, n. 259, jul-set 2008, p. 20.

nú, às escuras e devorando bispos. Como reconhece Gonçalves Filho, essa ideia encontra-se presente no Sermão da Epifania.²²⁶

²²⁶ GONÇALVES FILHO, 2008, p. 4.

3 SEMEANDO PERSPECTIVAS: A APLICAÇÃO DO MÉTODO ALEGÓRICO

Nos dois primeiros capítulos desta pesquisa, como se pode perceber a partir da leitura, a metodologia empregada consistiu, sobretudo, em uma forma mais descritiva de argumentação. Desse modo, lançando os fundamentos teóricos e histórico-teológicos da alegoria, propuseram-se as bases de um método alegórico próprio de Antônio Vieira e, em seguida, as principais funções pelas quais o jesuíta desenvolve seus Sermões e, conseqüentemente, suas alegorias.

O terceiro capítulo, por sua vez, utilizará uma metodologia mais reflexiva que os outros dois, não abandonando, porém, as bases descritivas necessárias para as proposições. Assim, partindo do contexto seiscentista,²²⁷ e relacionando sempre com o Padre Antônio Vieira, este capítulo proporá uma aplicação da alegoria à realidade atual, que apresenta características bastante singulares, como se verá. Desse modo, o capítulo encontra-se dividido em dois pontos, que apresentará primeiro, as razões para utilizar o artifício alegórico e, depois, o método e locais mais adequados para aplicá-lo.

3.1 AS RAZÕES DO MÉTODO ALEGÓRICO

A tese para o uso do método alegórico parece estar sustentada, ao menos, sobre quatro razões, a saber: em primeiro lugar há uma problemática de contexto. Vieira foi um jesuíta atento às necessidades do século XVII, em suas preleções, como se mencionou no primeiro capítulo desta pesquisa, o contexto social sempre foi levado em consideração. Da mesma forma, a sociedade atual, além de pluralista, apresenta uma realidade de desinteresse, e mesmo desconhecimento, por conteúdos filosófico-teológicos, o que dificulta a transmissão da mensagem cristã quando feita por métodos mais complexos que o uso das imagens, como no caso do método alegórico.

Em segundo lugar há a necessidade da observância das instruções eclesiais. Ao pensar no jesuíta português, reconhece-se que ele foi atento à proposta da Companhia de Jesus, a qual estava vinculado, que tinha por objetivo (naquele contexto) a conversão dos povos recém descobertos e daqueles que no Brasil Colônia se encontravam. Do mesmo modo, a Igreja contemporânea continua com

²²⁷ Referente ao século XVII.

recomendações para seus pregadores entre as quais a do uso das imagens, forma eficiente de comunicação, também visando a conversão e o anúncio da fé.

Em terceiro lugar, encontra-se a Sagrada Escritura, importante texto para os cristãos, que se utilizou de artifícios linguísticos para a transmissão da fé. No contexto bíblico, há inúmeros textos de tradição sapiencial, que se desenvolveram ao longo da história desencadeando provérbios, parábolas, metáforas e alegorias. Necessário perceber, neste item, a importância do texto bíblico para o jesuíta português e, nesse desenvolvimento, a autoridade que esse texto exerce sobre todos os cristãos, de ontem e de hoje.

Finalmente, a quarta razão, retornando ao âmbito literário, donde se partiu no primeiro capítulo, versa sobre as virtudes retóricas da brevidade e da clareza, consideradas internas do método alegórico. Quanto a Vieira, cabe o questionamento se era claro e breve em suas alegorias e, ao mesmo tempo, se hoje é possível ao pregador, abandonar tais virtudes em suas prelações.

3.1.1 A problemática do contexto

Como mencionado anteriormente, a primeira razão pela qual se fundamenta o uso do método alegórico é a problemática do contexto: parece muito necessário que o pregador esteja atento às realidades contextuais que encontra nos ouvintes da pregação. Fundamentando bíblicamente, é possível encontrar a afirmação paulina na primeira carta que envia aos coríntios: “Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo”²²⁸.

Diversas podem ser as interpretações desse versículo bíblico. Não parece errado, portanto, entendê-lo como instrução da necessidade da inculturação: para atingir os diversos grupos é necessário tomar parte na realidade de cada um, já que isso fará da pregação um artifício mais eficaz de evangelização.

Emerge daqui a discussão a respeito do ser humano e seu contexto. Diante dos problemas de sua contemporaneidade, como Vieira se comportou? Como ele se colocou? O que fez para relacionar sua fé às realidades de seus atentos ouvintes? Pensando no Barroco, de que modo sua reflexão foi sedimentada? Ao avançar à Contemporaneidade, a

²²⁸ 1 Cor 9,22.

problemática continua se impondo: pode o pregador contemporâneo esquecer-se da realidade que o cerca?

Padre Antônio Vieira, jesuíta de educação e formação desde tenra idade, iniciando suas pregações, precisou não se esquecer das conjunturas que o rodeavam: falou, portanto, aos eruditos, utilizando uma linguagem mais rebuscada; discursou, também, aos reis, empregando figuras monárquicas; pregou, mesmo, aos escravos, citando seus sofrimentos, relacionando-os aos de Cristo na sua paixão.

No final do primeiro capítulo, quase com tons conclusivos, mencionou-se que o método alegórico de Vieira foi composto pelas ideias presentes na alegoria dos poetas, dos teólogos e de Renascimento. Além disso, que seus sermões contavam sempre com três pontas, como reconheceu Pécora: o Evangelho do dia, o tempo litúrgico e as circunstâncias da pregação. Na temática do ser humano e seu contexto, e pensando na relação entre esse último e o pregador, é importante recordar essa terceira ponta antes mencionada: as circunstâncias presentes no contexto da pregação foram levadas em conta por Vieira e, decorrente disso, também devem ser consideradas na atualidade.

Ademais, Vieira foi um inovador em seu contexto. Quando se pensa no Barroco e, de modo mais específico, em seu âmbito literário, Vieira é visto assim por ter criado nova linguagem, inserindo no Barroco seus novos elementos alegóricos e, nesse caso, sendo facilmente correlacionado com ele. Atualmente, o pregador é também chamado a ser um transformador da realidade, reconhecendo, superando e criando nova linguagem, sempre melhor adaptada às problemáticas de seu tempo.

A tese que se busca sustentar, agora, é a de que a sociedade contemporânea, com seus inúmeros desafios e especificidades, apresenta uma constante transformação no contexto histórico e cultural, contribuindo no surgimento de uma sociedade pluralista, seja em âmbito cultural, seja na esfera religiosa, e no aparecimento de um ser humano desconhecedor e desinteressado de grandes reflexões eruditas e conteúdos filosófico-teológicos na transmissão de uma mensagem. É claro que se reconhece que nem o pluralismo cultural e religioso, nem o desconhecimento e o desinteresse por conteúdos filosófico-teológicos são característicos de toda a sociedade, entretanto, eles estão presentes em um número considerável de grupos sociais.

A Igreja Católica, à vista disso, vem reconhecendo na sociedade atual tais particularidades elencadas acima. O papa Francisco, por exemplo, em audiência para os participantes da plenária da Congregação para a Educação Católica, em fevereiro de 2014, afirmou

que “a educação católica é um dos desafios mais importantes da Igreja, hoje comprometida na promoção da nova evangelização **num contexto histórico e cultural em transformação constante**”.²²⁹

O que se propõe, diante de uma sociedade pluralista, é uma nova postura. Nesse contexto, alterando-se as formas sociais de conceber o ser humano, as realidades temporais e as relações interpessoais, a comunicação também parece estar em constante transformação. Se o cristianismo deseja que sua mensagem continue ecoando pelo mundo, necessita portar-se de modo diferente, não negando o que lhe é essencial, mas atualizando a forma de transmiti-lo. Afirma o *Documento de Aparecida*:

Na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral, persistem também linguagens pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens. Muitas vezes as linguagens utilizadas parecem não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e **marcadas por amplo pluralismo social e cultural**.²³⁰

Quando, mesmo diante de uma sociedade que passa por transformações sociais e culturais, a linguagem utilizada para a comunicação não se atualiza, surgem algumas dificuldades graves:

As mudanças culturais dificultam a transmissão da Fé por parte da família e da sociedade. Frente a isso, não se vê uma presença importante da Igreja na geração de cultura, de modo especial no

²²⁹ FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica**. Vaticano, 13 fev. 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papafrancesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html>. Acesso em: 10 jan. 2018, grifo nosso.

²³⁰ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. Brasília: CNBB, 2008. p. 56; DAp 100.

mundo universitário e nos meios de comunicação social.²³¹

Desde sua origem, o cristianismo é convidado a inculturar-se nas realidades temporais e a incutir, nas sociedades, os valores propriamente cristãos ou aqueles cristianizados, que vêm unidos à mensagem evangélica: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”.²³² Conforme mencionou o *Documento de Aparecida*, a linguagem hoje utilizada para alcançar esse objetivo parece pouco significativa, justamente por não levar em consideração as mudanças da sociedade. Ainda assim, é preciso manifestar a presença viva do Evangelho: “É necessário que [...] não se isolem do mundo, mas saibam entrar intrepidamente no areópago das culturas contemporâneas e estabelecer um diálogo, conscientes do dom que podem oferecer a todos”,²³³ afirma Francisco quando se refere às instituições católicas de ensino.

As afirmações de Francisco estão centradas na perspectiva da nova evangelização, conforme ele afirma ao encerrar o discurso acima citado,²³⁴ perspectiva que aparece desde o princípio da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, publicada em 2013.²³⁵ Essa nova evangelização, segundo o pontífice, não pode ser vista como obrigação, mas como quem partilha uma alegria, já que a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração, conforme afirmou Bento XVI.²³⁶

Ainda na mesma exortação, Francisco revela sua perspectiva acerca dos desafios encontrados pela fé. Entre os muitos citados, destacam-se os culturais, os da inculturação da fé e os das culturas urbanas, pois se relacionam mais estreitamente ao contexto do pluralismo cultural e religioso.

Sobre os desafios culturais, a fé católica encontra-se perante o da proliferação de novos movimentos religiosos, uns tendentes ao fundamentalismo e outros a certa espiritualidade sem Deus. De acordo com Francisco, esses movimentos emergem do vazio deixado pelo

²³¹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, p. 56; DAp 100.

²³² Mc 16,15.

²³³ FRANCISCO, 2014, não paginado.

²³⁴ FRANCISCO, 2014, não paginado.

²³⁵ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 9; EG 1.

²³⁶ FRANCISCO, 2013, p. 17; EG 14.

racionalismo secularista. Ainda nesse aspecto, o papa destaca a existência de estruturas pouco acolhedoras e muito burocráticas em algumas paróquias, onde o aspecto administrativo predomina, em detrimento do pastoral, e a sacramentalização sobre outras formas de evangelização.²³⁷

A respeito dos desafios da inculturação da fé, Francisco cita o de recriar a adesão mística da fé num cenário religioso pluralista, mas também propõe uma evangelização das culturas para a inculturação do Evangelho. Para ele, “[...] toda a cultura e todo o grupo social necessitam de purificação e amadurecimento”.²³⁸

Por fim, entre os desafios das culturas urbanas, o Papa propõe o sentido unitário e completo da vida humana proposto pelo Evangelho como melhor remédio para os males urbanos, porém, sem um estilo uniforme e rígido de evangelização. É preciso viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento de testemunho.²³⁹

Além desses desafios, outra dificuldade que emerge e se coloca sob o prisma do contexto atual é o desconhecimento ou a falta de instrução e interesse sobre conteúdos filosófico-teológicos que não sejam palpáveis, concretos e mais sensíveis. Urge, neste sentido, a necessidade de comunicar de um modo mais simples e direto, que fale ao ser humano contemporâneo. Não é justo pensar, ao mesmo tempo, que o povo seja ignorante, mas parece que o ser humano contemporâneo não compreenderá, ou ao menos não se interessará pela mensagem a partir de divagações filosófico-teológicas.

Já dizia Paulo VI que os fiéis “esperam muito desta pregação e dela poderão tirar fruto, contanto que ela seja simples, clara, directa, adaptada”. A simplicidade tem a ver com a linguagem utilizada. Deve ser linguagem que os destinatários compreendam, para não correr o risco de falar ao vento. Acontece frequentemente que os pregadores usam palavras que aprenderam nos seus estudos e em certos ambientes, mas que não

²³⁷ FRANCISCO, 2013, p. 46; EG 63.

²³⁸ FRANCISCO, 2013, p. 49; EG 69.

²³⁹ FRANCISCO, 2013, p. 52; EG 75.

fazem parte da linguagem comum das pessoas que os ouvem.²⁴⁰

Diante desse desafio do desinteresse ou do desconhecimento de uma linguagem excessivamente técnica, surge a necessidade de desenvolver ou adaptar um método capaz de comunicar, com excelência, a mensagem cristã, independente do grupo social que a receberá. O método alegórico, sobretudo aquele nos moldes do Padre Antônio Vieira, foi capaz de transmitir a mensagem em seu tempo, mesmo que houvesse grupos com as mais distintas instruções: dos mais eruditos aos menos conhecedores, dos cristãos mais fervorosos aos que nunca haviam escutado falar o nome de Jesus Cristo.

Diante de todo o apresentado, partindo do exemplo de Vieira, que sempre levou em consideração seu contexto, para o pregador contemporâneo é imprescindível considerar a realidade que o cerca. Como afirmou Karl Barth, teólogo reformado presente no Concílio Vaticano II, “é preciso segurar numa mão a Bíblia e na outra o jornal”,²⁴¹ para não esquecer que o teólogo/pregador precisa ser um homem de sua época.

3.1.2 A recomendação eclesial do uso de imagens

A segunda razão para o uso do método alegórico é a recomendação eclesial sobre o uso de imagens, base de toda alegoria. A fundamentação de tal conselho estende-se do âmbito universal ao âmbito local, das indicações da Igreja como um todo, bem como as orientações dadas pelas conferências episcopais, regionais e mesmo pelas dioceses.

Padre Antônio Vieira também recebia orientações e atuava em esfera universal e em esfera local. Enquanto atuação, ele toma o Evangelho como texto destinado a todo o mundo e o transmite em seu nível local. Sobre as orientações acolhidas, o jesuíta recebia instruções claras a respeito de sua atividade dadas pela Companhia de Jesus. Este subtítulo também deseja questionar: o que a Igreja lhe propunha? Qual o teor das orientações dadas pela Companhia de Jesus para seus

²⁴⁰ FRANCISCO, 2013, p. 97, grifo nosso; EG 158.

²⁴¹ BLANCO, Reinaldo Elario. **Bíblia e Jornal nas mãos**. Disponível em: <<https://www.stnbhortolandia.com.br/biblia-e-jornal-nas-maos/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

membros? Como Vieira agiu para tornar as direções recebidas, realidades factuais?

Através de algumas pesquisas, é possível reconhecer a conjuntura da época e, portanto, os objetivos da Igreja e, especificamente, da Companhia de Jesus, para seus pregadores. A Igreja vivia, a partir do século XVI, o impacto da Reforma Protestante. Nesse ínterim, atuava em atitude de Contrarreforma. Em 1540, quando a Companhia de Jesus foi aceita oficialmente pela Igreja, as missões jesuíticas tinham por objetivos claros a evangelização e a conversão, sobretudo no tocante aos povos e territórios recém descobertos.²⁴²

Portanto, solucionando os questionamentos antes levantados, a Igreja propunha uma forte defesa do catolicismo frente às afirmações protestantes inauguradas pelos reformadores. A Companhia de Jesus, ao mesmo tempo, tomava os objetivos da Igreja e os tornava práticos, ou seja, buscava defender o catolicismo através da evangelização dos homens e mulheres de seu tempo e da conversão dos povos recém descobertos (índios) e daqueles trazidos nos navios negreiros (negros advindos do continente africano).

A metodologia utilizada por Vieira para realizar as instruções recebidas consistiu naquilo que, até então, nesta pesquisa, denominou-se método alegórico vieiriano. De fato, os textos barrocos de Vieira interessaram a área de pesquisa em literatura portuguesa. Apesar disso, para o jesuíta, como sacerdote católico, permaneciam objetivos de evangelização e conversão, mesmo usando os belos florões que desenvolvia.

Considera-se, portanto, que Vieira tomou as recomendações eclesiais de sua época sobre a evangelização e a conversão e desenvolveu um método alegórico para atingir o fim proposto. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que a Igreja atualmente continua insistindo na evangelização, por ser algo inerente a sua missão. Como se verá abaixo, a Igreja contemporânea recomenda para a melhor transmissão da fé, o uso de imagens.

O *Documento de Aparecida*, resultado da V Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe, realizada em 2007, afirma que

²⁴² COSTA, Célio J.; CRUBELATI, Ariele M.; MONTAGNOLI, Gilmar A. **A história da Companhia de Jesus em Portugal no século XVI**: consideração sobre Inácio de Loyola. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/8U37gL1x.doc>. Acesso em: 17 jun. 2019.

“Conhecer a Jesus Cristo pela fé é a nossa alegria, segui-lo é uma graça e transmitir esse tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher”.²⁴³ Nesse sentido, o conhecimento e o seguimento do Senhor são, para o povo que o segue, alegria e graça. Ao mesmo tempo, a transmissão desse tesouro corresponde a uma tarefa essencial de cada um que se considera encontrado com o Senhor e, por isso, chamado e escolhido.

Como tarefa essencial, é necessário um duplo conhecimento assinalado por Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* e confirmado pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*: do conteúdo a ser apresentado, ou seja, o querigma cristão²⁴⁴ e, do mesmo modo, da metodologia empregada para anunciá-lo. Conforme Paulo VI, “a evidente importância do conteúdo da evangelização não deve esconder a importância dos métodos e dos meios da mesma evangelização”.²⁴⁵

O papa Francisco assim recomenda:

[...] recordemos alguns recursos práticos que podem enriquecer uma pregação e torná-la mais atraente. Um dos esforços mais necessários é aprender a usar imagens na pregação, isto é, a falar por imagens. [...] Uma imagem fascinante faz com que se sinta a mensagem como algo familiar, próximo, possível, relacionado com a própria vida. Uma imagem apropriada pode levar a saborear a mensagem que se quer transmitir, desperta um desejo e motiva a vontade na direção do Evangelho. Uma boa homilia, como me dizia um antigo professor, deve conter “uma ideia, um sentimento, uma imagem”.²⁴⁶

Certamente preocupado com o anúncio do Evangelho, o Papa Francisco dedicou todo um capítulo para esse assunto em sua exortação apostólica já mencionada. Considere-se também, por conseguinte, que o

²⁴³ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, p. 17; DAp 18.

²⁴⁴ Primeiro anúncio do conteúdo essencial da fé cristã.

²⁴⁵ PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***. Vaticano: 1975. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 03 jun. 2019; EN 40.

²⁴⁶ FRANCISCO, 2013, p. 96-97; EG 157.

local destinado a esse capítulo é o central da exortação (o terceiro de cinco). Por ele se compreende que todo o povo de Deus deve se perceber como anunciador do Evangelho, nele se discute acerca da homilia e de sua preparação e, finalmente, ele convida ao aprofundamento do querigma cristão, considerando que o primeiro anúncio precisa desencadear um processo de formação e amadurecimento.²⁴⁷

Para a evangelização, portanto, é necessária uma correta preparação do pregador. Deve, aquele que evangeliza, preparar-se com um longo tempo de estudo, de oração e de reflexão e, além disso, usar da chamada criatividade pastoral.²⁴⁸ Tal criatividade seria, nesse caso, o uso discernido de formas compreensíveis para anunciar a mensagem desejada. No caso desta pesquisa, o objetivo é inserir o método alegórico, e especificamente, aquele desenvolvido por Vieira, como exemplo de tal criatividade:

Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre *nova*.²⁴⁹

Entende-se, desse modo, que dominar muito bem o conteúdo do anúncio não é o suficiente para alguém se considerar e ser considerado um excelente pregador. É necessário, do mesmo modo, utilizar uma correta metodologia de anúncio, considerando que isso corresponde a uma resposta ao amor de Deus, que oferece dons ao pregador, e um exemplo de amor ao próximo, já que o anunciador oferece algo de boa qualidade daquilo que de Deus recebeu. Segundo Paulo VI, os evangelizadores têm a constante tarefa de remodelar, com ousadia, prudência e fidelidade ao conteúdo, os processos de comunicação da mensagem evangélica.²⁵⁰

Além dessas considerações de Paulo VI e Francisco nas duas exortações apostólicas já mencionadas, também outros escritos eclesiais

²⁴⁷ FRANCISCO, 2013, p. 71-106; EG 110-175.

²⁴⁸ FRANCISCO, 2013, p. 89; EG 145.

²⁴⁹ FRANCISCO, 2013, p. 15; EG 11, grifo do autor.

²⁵⁰ Paulo VI, 1975, não paginado; EN 40.

recomendam o uso das imagens e, inclusive, citando o sentido alegórico, em alguns casos. A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, do Papa Bento XVI, por exemplo, recorrendo ao *Catecismo da Igreja Católica*, menciona os dois sentidos de compreender as Escrituras, a saber: literal e espiritual, reconhecendo que no segundo há os sentidos alegórico, moral e anagógico.²⁵¹

Portanto, o *Catecismo da Igreja Católica* insere o sentido alegórico como o primeiro dentro do espiritual, considerando-o como compreensão mais profunda do texto bíblico, orientação daquilo que se deve crer, além de ser relacionável com Cristo e, portanto, ponte entre os escritos vetero e neotestamentários.²⁵²

O *Diretório Homilético*, inspirado pela *Evangelii Gaudium* e publicado em 2014 pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, menciona, ao tratar da preparação da pregação, que é preciso ter o constante cuidado de transpor o resultado de tudo aquilo que foi estudado para uma linguagem que possa ser entendida por seus ouvintes.²⁵³ A familiaridade dos ouvintes com os termos utilizados é de suma importância para que se compreenda o discurso, como afirma a Exortação Apostólica de 2013:

Há palavras próprias da teologia ou da catequese, cujo significado não é compreensível para a maioria dos cristãos. O maior risco de um pregador é habituar-se à sua própria linguagem e pensar que todos os outros a usam e compreendem espontaneamente. Se se quer adaptar à linguagem dos outros, para poder chegar até eles com a Palavra, deve-se escutar muito; é preciso partilhar a vida das pessoas e prestar-lhes benévola atenção.²⁵⁴

²⁵¹ BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 73-75; VD 37.

²⁵² CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 42; CIC 115-117.

²⁵³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório Omilético**. Vaticano: 2014. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccd_ds_doc_20140629_diretorio-omiletico_it.html> Acesso em: 04 jun. 2019.

²⁵⁴ FRANCISCO, 2013, p. 97; EG 158.

No capítulo dedicado à catequese como educação da fé, do *Diretório Nacional de Catequese*, entre os métodos apresentados para a transmissão da mensagem cristã, pede-se continuamente o uso de uma linguagem adequada e de meios didáticos. Nesse sentido, é necessário saber adaptar-se aos interlocutores, considerando de cada um a idade, a cultura e as circunstâncias pessoais:²⁵⁵ “Às vezes a transmissão da mensagem evangélica fica prejudicada pelo uso de uma linguagem inadequada”.²⁵⁶ O mesmo item estimula a utilização de linguagens renovadas:

É preciso, porém, estimular novas expressões do Evangelho com linguagens renovadas e comunicativas como a linguagem **sensorial** e midiática (rádio, TV, internet) e outras. O emprego dos meios didáticos e o uso de instrumentos de trabalho são úteis e mesmo necessários para a educação da fé.²⁵⁷

É preciso, nesse sentido, tomar os novos frutos das comunicações sociais e colocá-los a serviço da evangelização, já que “surge uma variedade, cada vez maior, de linguagens e símbolos, métodos dinâmicos para a comunicação de todo tipo de mensagem”.²⁵⁸

O que se deve fazer, nesse sentido, é elaborar um processo de adaptação e inculturação da fé. Tal processo é, segundo o *Diretório Nacional de Catequese*, em certos aspectos, obra da linguagem. Portanto, é necessário encontrar uma linguagem adaptada para cada pessoa, levando em conta as mais diversas características sociais dos ouvintes.²⁵⁹

Da Bíblia e da liturgia aprende-se que Deus não se contenta com a comunicação verbal, mas se comunica também e ainda mais eficazmente por ações e linguagem corporal e **simbólica**, fortemente marcada pela cultura. Os meios de

²⁵⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: CNBB, 2005. p. 121; Doc. 84,163.

²⁵⁶ CNBB, 2005, p. 121; Doc. 84,163.

²⁵⁷ CNBB, 2005, p. 122; Doc. 84,163, grifo nosso.

²⁵⁸ CNBB, 2005, p. 124; Doc. 84,168.

²⁵⁹ CNBB, 2005, p. 153-154; Doc. 84,230.

comunicação social estão intimamente ligados à linguagem corporal, verbal, simbólica.²⁶⁰

Como se vem mencionando desde o início desta pesquisa, o método alegórico é uma forma de linguagem em que se pronuncia uma imagem buscando representar outra, que se encontra oculta. Essa concepção serve tanto para o que se denominou aqui alegoria dos poetas, dos teólogos e de Renascimento. Serve, portanto, para o método alegórico desenvolvido por Antônio Vieira, como resposta à Igreja em sua época, servindo também para a Igreja na contemporaneidade, que pode aproveitar-se do método de Vieira, alargando-o com as novas perspectivas apresentadas.

3.1.3 Artíficos linguísticos no contexto bíblico

A terceira razão para o uso do método alegórico consiste na utilização dos artifícios linguísticos como pedagogia da Sagrada Escritura. Nesse tópico, emerge a reflexão sobre a relação entre a Bíblia e Antônio Vieira, sobre o poder e o impacto que os textos sagrados exerciam sobre ele e sobre seus contemporâneos, durante o século XVII. Ao mesmo tempo, será desenvolvida uma reflexão acerca dos chamados Gêneros Literários bíblicos e, a partir deles, apresentar os ditos de sabedoria, as parábolas e as alegorias.

Padre Antônio Vieira, como se poderá perceber nos Sermões, possuía um grande apreço pelas Sagradas Escrituras e, nesse sentido, iniciava todo sermão mencionando um trecho bíblico e, além disso, citando e interpretando passagens do texto sagrado. Ademais, conforme Pécora, uma das pontas que organizava todo o sermão do jesuíta era a consideração do Evangelho escolhido pela Igreja, para o dia da pregação. Portanto, mesmo temas eclesiásticos ou qualquer outro possuíam fundamentação escriturística.

O pregador contemporâneo também deve possuir um grande apreço pelo texto sagrado. Muitos documentos eclesiais e outras publicações continuamente recomendam que a pregação seja fundamentada na Sagrada Escritura, utilizando também os artifícios modernos para sua correta compreensão ao longo da história.

Nesse sentido, quando se toma um texto bíblico e se faz sua leitura, sobretudo a partir da exegese contemporânea, é necessário

²⁶⁰ CNBB, 2005, p. 154; Doc. 84,230, grifo nosso.

perceber que há, entre os textos, algumas distinções e que, para uma correta interpretação, é necessário levá-las em consideração.²⁶¹ Este exercício de ler e interpretar segundo o contexto do escrito e sua respectiva intenção é denominado, pela exegese, crítica dos Gêneros Literários. O trabalho teve início nos primeiros anos do século XX e foi desenvolvido por um grupo de exegetas, no qual Hermann Gunkel foi o precursor.²⁶²

Segundo Gunkel, o trabalho de identificação do respectivo gênero bíblico deveria consistir em determinar a estrutura formal de um texto, compará-lo a outros estruturalmente semelhantes, determinar em que situação concreta tal gênero era utilizado e, por fim, perceber a finalidade do gênero e do texto estudados.²⁶³

Afirma-se que, em geral, os métodos exegéticos modernos abordam três tópicos. O primeiro é a crítica textual, ou seja, um levantamento de questões acerca do texto e de seu desenvolvimento histórico, o segundo é o *sitz im leben*, isto é, a situação na vida da comunidade em que surgiu o texto na história e, por fim, o terceiro é a história da redação, quer dizer, os questionamentos sobre a existência, ou não, de determinados termos em alguns textos em relação a outros, como nos Evangelhos.²⁶⁴

Na história, os exegetas já realizaram um trabalho de ordenação e catalogação desses Gêneros Literários, o que se constitui como um trabalho precioso.²⁶⁵ Essa ordenação e catalogação acima mencionadas serão aqui tratadas, sobretudo, a partir de Cassio Murilo Dias da Silva, que publicou *Metodologia da exegese bíblica*, onde afirma:

Uma boa exposição do assunto, não trará somente o esquema do Gênero Literário em questão. Mais que isso, discutirá também o contexto existencial no qual, provavelmente, tal Gênero Literário era utilizado, bem como sua finalidade. Manuais de

²⁶¹ SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 187.

²⁶² SILVA, 2000, p. 185-186.

²⁶³ SILVA, 2000, p. 186.

²⁶⁴ VERITATIS Splendor. **As formas e os gêneros literários da Bíblia**. 2010. Disponível em: < <https://www.veritatis.com.br/as-formas-e-os-generos-literarios-da-biblia/>>. Acesso em 05 jun. 2019.

²⁶⁵ SILVA, 2000, p. 188.

metodologia procurarão identificar dentro de cada tradição bíblica [...] quais os Gêneros Literários que lhe são típicos.²⁶⁶

Nesse sentido, os principais Gêneros Literários são apresentados unidos às tradições bíblicas nas quais mais estão vinculados. No caso do Antigo Testamento, as tradições principais são histórica, jurídica, profética, hínica e sapiencial. No Novo Testamento, por sua vez, há a apocalíptica, a epistolar e a dos evangelhos.²⁶⁷

Caracterizada pelas releituras teológicas, a tradição histórica traz consigo os gêneros de novela, narrativa, saga e lenda e procura, na história de Israel, demonstrar a ação de Deus. A releitura teológica que se faz é constituída por um fato real e, a partir dele, contrói-se uma história que o interpreta e o atualiza.²⁶⁸

Marcada pela dimensão ética da fé javista, a tradição jurídica traz consigo os chamados direito apodítico e casuístico, que exprimem uma mentalidade canônica mesmo não sendo apenas marcados por leis no sentido estrito da palavra. Os textos normativos que compõem essa tradição vão de máximas de vida até pactos e contratos.²⁶⁹

Com os gêneros de palavras de desgraça, de salvação e relatos de ação simbólica, a tradição profética se apresenta com oráculos que anunciam um castigo, uma ação salvadora, ou como representação pedagógica para captar os sentimentos de Deus e penetrar em seus planos.²⁷⁰ Sermões, sinais, exortações e oráculos marcam a ação dos profetas como manifestação ao povo da vontade de Deus.²⁷¹

Assim como os diversos momentos da vida nas sociedades contemporâneas são marcados por cantos, também o povo bíblico possui uma tradição na qual se canta na guerra, na vitória, na morte, no amor e no culto. Essa tradição é chamada hínica, e é marcada pelos cantos nos momentos da vida cotidiana ou mesmo cultuais.²⁷²

Por fim, a última das principais tradições bíblicas do Antigo Testamento é chamada sapiencial. Possuindo uma finalidade eminentemente didática, os gêneros literários utilizados nessa tradição

²⁶⁶ SILVA, 2000, p. 188.

²⁶⁷ SILVA, 2000, passim.

²⁶⁸ SILVA, 2000, p. 189.

²⁶⁹ SILVA, 2000, p. 194.

²⁷⁰ SILVA, 2000, p. 196.

²⁷¹ VERITATIS Splendor, 2010, não paginado.

²⁷² SILVA, 2000, p. 201-202.

são marcados por ilustrar uma cosmovisão ou doutrina, exortar a assumir um comportamento, satirizar uma conduta ou ajudar na memorização de um ensinamento.²⁷³

No Novo Testamento, a tradição apocalíptica (presente no Apocalipse de São João) possui, segundo Silva, uma estruturação complexa e altamente elaborada. Um exemplo dos Gêneros Literários dessa tradição são as cartas às sete Igrejas, apresentadas como um ditado de Cristo ao profeta.²⁷⁴

A tradição epistolar, que pode ser considerada um Gênero Literário, é marcada por um material litúrgico (de origem cristã), com hinos e confissões de fé e um material parenético (de origem judaica e helenística), com catálogos de vícios e virtudes, moral familiar e catálogos de deveres.²⁷⁵

Finalmente, a última tradição neotestamentária aqui mencionada é a dos evangelhos. Utilizando-se de Bultmann, Silva propõe para os evangelhos a divisão em tradição da história e tradição da Palavra. No primeiro grupo, há um material narrativo dos feitos de Jesus. No segundo, por sua vez, há um material discursivo, contendo suas frases e ditos.²⁷⁶

Dentre as tradições acima mencionadas duas merecem destaque, ao considerar o objetivo deste item da pesquisa: a tradição sapiencial (do Antigo Testamento) e a dos evangelhos (do Novo Testamento). Na tradição sapiencial, que merece destaque porque possui uma finalidade didática, o Gênero Literário que se aprofundará é o *mashal*, isto é, um paradigma ou regra para o entendimento a partir de provérbios breves.²⁷⁷ Na tradição dos evangelhos, por sua vez, que se dará ênfase pelo fato de conter os ditos e frases de Jesus, o Gênero Literário tratado será o das comparações, parábolas, alegorias e fábulas.

Literamente, o termo *mashal* significa *comparação* e seu original *möl* vem do verbo *reger*. No *mashal* estão contidas algumas formas literárias que tem por finalidade obter o entendimento de uma

²⁷³ SILVA, 2000, p. 198.

²⁷⁴ SILVA, 2000, p. 213.

²⁷⁵ SILVA, 2000, p. 210-212.

²⁷⁶ SILVA, 2000, p. 206-208.

²⁷⁷ CERESKO, Anthony R. **A sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora**. São Paulo: Paulus, 2004. p. 41.

situação por meio da comparação ou da analogia. Inclui também, nesse sentido, a parábola e a alegoria.²⁷⁸

No Antigo Testamento, o provérbio não é surgido principalmente da espontaneidade das pessoas, mas tem origem nos chamados *sábios* de Israel. Esses mestres de sabedoria compunham os provérbios com o objetivo de ensinar aos seus alunos o que deviam e o que não deviam fazer.²⁷⁹

Tais ensinamentos possuem algumas especificidades, ou seja, contêm paralelismos com rimas de ideias (seja por sinônimo, antônimo ou avanço de conceitos), formas valorativas que expressam estima ou reprovação (através da sentença *bom* ou *bem-aventurados*) e perguntas retóricas, que apresentam respostas não necessárias com o objetivo de exprimir uma convicção generalizada.²⁸⁰

Como se mencionou acima, relacionada aos provérbios está a ideia de parábola que, de acordo com Ceresko, é sua forma ampliada. Também a parábola possui características próprias:

A abordagem do conhecimento e da compreensão entre os autores sapienciais é talvez mais bem observada na forma ampliada do provérbio, a parábola. No modo de funcionamento das parábolas, pode-se observar o uso da analogia e da comparação, bem como a consciência da força da linguagem, da metáfora e da história. Pode-se apreciar de que maneira a própria *experiência* do ouvinte ou leitor é envolvida e como o elemento humanizador do humor costuma estrar em ação.²⁸¹

Do mesmo modo como a parábola é a forma ampliada do provérbio, a alegoria é a forma ampliada da metáfora, ou como se disse anteriormente, a alegoria é uma metáfora continuada. De acordo com Silva, mesmo que os evangelistas utilizassem o termo *parábola* para designar as histórias ou comparações que Jesus contava ou fazia, é necessário prestar atenção em alguns aspectos que distinguem essas

²⁷⁸ CERESKO, 2004, p. 41.

²⁷⁹ PLOEG, J. P. M. van der. **Jesus nos fala**: as parábolas e alegorias dos quatro evangelhos. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 13.

²⁸⁰ SILVA, 2000, p. 198-199.

²⁸¹ CERESKO, 2004, p. 47, grifo do autor.

histórias em, ao menos, quatro grupos: a comparação, a parábola, a alegoria e a fábula.

Quanto à extensão, a comparação pode ser uma única frase, a fábula uma frase ou história e a parábola e a alegoria são comparações ampliadas em forma de história. Quanto ao significado dos elementos, os da comparação e da parábola encontram seu sentido no todo, os da fábula são nitidamente simbólicos e na alegoria o sentido está em cada um deles. Quanto à verdade, na comparação há um fato comum: na parábola, é narrado um fato verossímil e, na alegoria, o fato não necessita ser minimamente plausível. Sobre os termos utilizados, a parábola utiliza *é como* e *é semelhante* e a alegoria apenas *é e são*. Finalmente, o objetivo da parábola é persuadir e comparar a história com a própria vida, o da alegoria é convencer e transmitir um ensinamento e o da fábula é atingir os sentimentos e instruir.²⁸²

Nesse sentido, mesmo considerando que parábola e alegoria se desenvolvem como histórias, pode-se perceber que elas possuem diferenças essenciais acima citadas: a parábola encontra sentido no todo de sua história, enquanto a alegoria possui um significado para cada elemento. A história da parábola deve ser possível, ao passo que a da alegoria não tem essa necessidade. A parábola sempre será uma comparação ou semelhança, já a alegoria será mais essencialista e utilizará a cópula²⁸³. Por fim, o objetivo da parábola é persuadir, atingindo a vontade, enquanto a alegoria procura convencer e ensinar, atingindo a inteligência.

Cada um desses artifícios, presentes no Antigo e no Novo Testamento, possuem características próprias que, em seu tempo, foram capazes de corresponder aos seus objetivos. Nesse sentido, quando no *Evangelho segundo Lucas* se apresenta a parábola da ovelha perdida e encontrada, que é como o pecador que se converte²⁸⁴, ou quando em Marcos se expõe a alegoria dos vinhateiros assassinos, que são a parte do povo de Israel que não aceitou o projeto de Jesus,²⁸⁵ se está fazendo uma pedagogia do ensinamento cristão, proposta deste item da pesquisa relacionado ao contexto bíblico.

²⁸² SILVA, 2000, p. 209.

²⁸³ Termos como “é” e “são”, pelos quais seu significado se torna quase metafísico. SILVA, 2000, p. 209.

²⁸⁴ Lc 15,4-7.

²⁸⁵ Mc 12,1-11.

A proposta bíblica do uso desses artifícios possui, como se disse, caráter pedagógico. Vieira percebia a Escritura, certamente, como normativa de fé. Também o pregador contemporâneo precisa perceber os melhores artifícios para transmitir a fé, a exemplo da Sagrada Escritura, que assim o fez.

3.1.4 As virtudes retóricas da brevidade e clareza

Finalmente, a quarta razão reconhecida para o uso do método alegórico na atualidade é a presença de duas virtudes retóricas vistas no interno da alegoria: a brevidade e a clareza. Entretanto, ao tomar os textos de Vieira, considerando que eram preleções antes da produção textual, questiona-se: Antônio Vieira era claro e breve em seus Sermões? É possível ao pregador contemporâneo abandonar tais virtudes e, pregando de modo obscuro e prolixo, alcançar eficácia em sua pregação?

Seja em uma comunidade de fiéis, seja em outras realidades sociais, a normalidade de um orador é que, quando pronuncia seu discurso, faça-o desejando que o maior número de ouvintes compreenda sua preleção. Nesse sentido, um bom discurso carrega consigo o que Cícero denomina as cinco luzes da elocução: clareza, brevidade, probabilidade, brilho e suavidade.²⁸⁶ Outros autores, ao invés de as denominarem luzes, as chamam de virtudes retóricas ou virtudes “para bem dizer ou bem fazer”.²⁸⁷

Portanto, ao mesmo tempo em que há o que se nomeiam virtudes morais e virtudes intelectuais, há também o que se pode chamar virtudes retóricas, responsáveis por produzir bons discursos, que sejam claros, breves, compreensíveis, acessíveis e de fácil assimilação aos ouvintes.

De acordo com Freitas, o método alegórico traz consigo ao menos duas dessas virtudes, essenciais para a boa argumentação: a brevidade e a clareza,²⁸⁸ como se disse anteriormente. Desse modo, compreende-se que, quando um pregador utiliza a alegoria em suas pregações, ela é capaz de tornar um discurso profundamente claro (o

²⁸⁶ CÍCERO. **Partições oratórias**. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/11690218/C%C3%ADcero._Parti%C3%A7%C3%B5es_orat%C3%B3rias_Tradu%C3%A7%C3%A3o_>. Acesso em: 07 jun. 2019.

²⁸⁷ HANSEN, 2006, p. 44-54.

²⁸⁸ FREITAS, 2014, p. 254.

que gera a compreensão no ouvinte), mesmo utilizando uma fala breve (que captura os espectadores por meio do discurso).²⁸⁹

Brevidade e clareza, nesse sentido, são trabalhadas no tema da metáfora como critérios de determinação. Cada uma delas possui objetivos claros nos discursos: a brevidade deseja, como se disse, capturar os espectadores por meio da fala. A clareza, por sua vez, utilizando palavras claras e de fácil compreensão, quer fazer com que os espectadores não apenas sejam tocados pelo discurso, mas o compreendam completamente.²⁹⁰

Hansen assim caracteriza a brevidade:

Sabe-se que pela convenção de *brevidade*, o orador antigo conseguia certa *captatio benevolentiae* dos ouvintes, predispostos favoravelmente ao discurso. Pela brevidade, pretendia-se facilitar a compreensão do exposto pela memorização fácil. A convenção, como toda convenção, é ideal, passível de transformação, apagamento e desloamento na aplicação prática e nos usos.²⁹¹

Quando fala a respeito da clareza, Hansen assim a conceitua:

Quanto à convenção de *clareza*, efetuava-se através dela uma espécie de preestabelecimento da cognição do ouvinte articulada na própria ordem do discurso, de tal modo que, na *facilidade* de compreensão do que era dito, o ouvinte reconhecia a prescrição de um bom desempenho.²⁹²

Entretanto, nem sempre os discursos de Vieira continham as virtudes retóricas da brevidade e da clareza presentes no método alegórico. Conforme reconhece Hansen, “sabe-se que o público [...] português do século XVII, por exemplo, tinha um gosto acentuado por sermões longos”²⁹³ e, ao mesmo tempo, que sobre a clareza a convenção

²⁸⁹ FREITAS, 2014, p. 254-255.

²⁹⁰ FREITAS, 2014, p. 254-255.

²⁹¹ HANSEN, 2006, p. 46, grifo do autor.

²⁹² HANSEN, 2006, p. 46, grifo do autor.

²⁹³ HANSEN, 2006, p. 46.

é diferencial em muitos contextos, “lembrem-se os sermões qualificados de ‘mata brava’, ‘confusão verde’, ‘negro boçal’, ‘estilo escuro’ etc. no ‘Sermão da Sexagésima’, pregado por Vieira”.²⁹⁴

Por isso é sempre necessário levar em conta a questão contextual. Se o objetivo é utilizar o método alegórico segundo os moldes de Vieira, como se propõe nesta pesquisa, também é necessário fazer como o jesuíta português fez no século XVII: levar em conta a realidade e ser capaz de contextualizar conforme os ouvintes.

Ao pregador contemporâneo, portanto, não se recomenda que seja obscuro e prolixo, mas que pregue considerando a necessidade de que o ouvinte compreenda a pregação por inteiro e seja capturado por um discurso curto e claro, como no método alegórico bem empregado.

3.2 OS MÉTODOS E MOMENTOS DE APLICAÇÃO ALEGÓRICA

Conforme anteriormente mencionado, o terceiro capítulo desta pesquisa tem por objetivo apresentar novas perspectivas para a utilização do método alegórico na contemporaneidade. Nesse sentido, ele foi dividido em dois itens apresentando, no primeiro, as quatro razões pelas quais o método de Vieira parece adequado (partindo de uma problemática comum entre Vieira e o século XXI) e, no segundo, a metodologia mais correta e eficaz para sua utilização.

Nesse sentido, propõe-se um conjunto de provocações a respeito da relação entre o século XVII, no qual estava inserido Vieira como pregador de seu tempo, e o século XXI, a contemporaneidade com suas inúmeras reflexões já apresentadas e atualizações e inovações midiáticas para a transmissão da mensagem cristã.

Assim, entre o contexto seiscentista e o contemporâneo existe uma gama de diferenças que alcançam, em certos aspectos, níveis abissais. Paradoxos linguísticos, midiáticos, instrumentais e reflexivos, por exemplo, instauram-se com facilidade. Na reflexão que se procura traçar, ou seja, sobre a metodologia e locais de aplicação do método de Vieira, alguns itens precisam ser levados em consideração, para poder responder à seguinte pergunta: foi o jesuíta Antônio Vieira um importante homem de seu tempo, mas que deve ser ancorado em seu contexto pois não possui nenhuma mensagem para o período contemporâneo?

²⁹⁴ HANSEN, 2006, p. 46.

No século XVII, a mídia instrumental era bastante rudimentar, não havendo ainda elementos tão importantes quanto os utilizados na atualidade. Pensando que Vieira não pode utilizar itens como microfones, caixas de som, rádios, televisores e *internet*, por exemplo, poderia seu método ser transposto à contemporaneidade, mesmo depois de cinco séculos e uma explosão tecnológica? Além disso, é possível ao pregador contemporâneo prescindir de elementos como as técnicas midiáticas da atualidade?

É verdade que, no decorrer dos tempos, a igreja Católica fez um percurso até chegar a uma visão bastante positiva a respeito das comunicações. A mídia, para o catolicismo, auxilia como meio para desenvolver sua missão pastoral, tornando-se praticamente imprescindível na atualidade.²⁹⁵

Diante de tudo isso, o sentido que não se pode esquecer é a necessidade de contextualização: do mesmo modo que as igrejas barrocas eram construídas com um espaço único e bem disposto para a pregação do sacerdote, o púlpito, as igrejas contemporâneas, que talvez artisticamente não catequizam tanto quanto as do século XVII, já são construídas com um aparato especialmente preparado para receber as técnicas midiáticas como caixas de som e microfones. Ao mesmo tempo em que, no século XVII, havia os arquitetos que faziam uma espécie de engenharia acústica no desenho das próprias construções, a atualidade vê nas igrejas, profissionais especializados em engenharia de som, que não deixam a mensagem se perder antes que corra os quatro cantos (ou mais) de um espaço sagrado. Entretanto, do mesmo modo em que das igrejas barrocas com seus púlpitos, retábulos e pinturas rebuscadas os pregadores anunciavam, junto à mensagem cristã, um conteúdo ético, também os pregadores da contemporaneidade, com seus microfones, altares de pedra e igrejas *clean*²⁹⁶ continuam buscando transformar o *ethos* da sociedade.

Na ponte entre a sociedade barroca do século XVII e a contemporânea, do século XXI, percebe-se um novo paradigma, marcado por certa fragmentação. Essa constatação pode ser exemplificada a partir de construções atuais em que aparecem elementos díspares, como o caso de igrejas em que, além de haver um púlpito para

²⁹⁵ GOMES, Pedro Gilberto. **Da Igreja eletrônica à sociedade em midiaticização**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 81.

²⁹⁶ Estilo contemporâneo de algumas igrejas que prezam pela clareza visual em seus interiores.

a prédica do pregador, há nele instalado um recurso midiático atual, como um microfone, por exemplo. Segundo Calabrese, a sociedade contemporânea é justamente marcada por ideias de fragmentação, mutabilidade e estabilidade, que o autor denomina “neobarroco”.²⁹⁷

De forma proeminente, a alegoria pode ser aplicada nos discursos, pertencentes ao âmbito da retórica. Quando se pensa na aplicação delas em Vieira, por exemplo, os discursos são os principais meios pelos quais o jesuíta faz uso de seu método, ao considerar que seus Sermões (antes da publicação) pertenciam ao contexto litúrgico da celebração católica. Como se viu durante a pesquisa, o método de Vieira consiste em interpretar alegoricamente trechos bíblicos e em criar alegorias, para fins pedagógicos.

Atualmente, porém, os discursos podem ser realizados não apenas, quando pensados em âmbito católico, durante a celebração eucarística como homilia. De fato, como afirmou o papa Francisco, “a homilia pode ser, realmente, uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento”,²⁹⁸ ocupando um lugar central no anúncio da Palavra por meio da preleção. Entretanto, o atual discurso católico como anúncio pode ultrapassar o contexto litúrgico, chegando aos diversos âmbitos da sociedade, inclusive àquelas pessoas que não frequentam o culto católico.

Pode-se pregar a Palavra, sempre pensando em anunciá-la também com o método alegórico vieiriano, em um contexto de missões, por exemplo, já que “a evangelização é a missão essencial da Igreja”,²⁹⁹ conforme a passagem bíblica do *Evangelho segundo Marcos*: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”.³⁰⁰

Além das missões, é possível pronunciar alegorias em um contexto catequético, considerando, por exemplo, que “a catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral

²⁹⁷ CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. São Paulo: Martins fontes, 1987. p. 10.

²⁹⁸ FRANCISCO, 2013, p. 84-85; EG 135.

²⁹⁹ VATICAN NEWS. **Santa Sé**: a evangelização é a missão essencial da Igreja. 2018. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-07/amacea-rugambwa-missao-igreja.html>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

³⁰⁰ Mc 16,15.

de maneira orgânica e sistemática, com o fim de os iniciar na plenitude da vida cristã”.³⁰¹

Outro meio pelo qual se pode discursar alegoricamente é o espaço educacional, seja propriamente em aulas (nas instituições católicas de ensino), seja em formações que periodicamente ocorrem nas comunidades eclesiais. De acordo com Francisco, “o terreno da educação é um grande canteiro aberto, no qual a Igreja está sempre presente mediante as suas instituições e os seus programas”.³⁰² E o papa vai além, pois exorta a uma educação de qualidade, que saiba utilizar os melhores recursos, já que educar é um sinal de amor e doação: “E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão e que nos coloquemos a caminho com paciência, juntamente com os jovens”.³⁰³

Por fim, embora não desejando esgotar as reflexões que daqui surgem, pode-se também pensar o discurso católico em encontros e reuniões, frequentes no contexto eclesial. Embora nem sempre seja a prática comum, as reuniões de âmbito eclesial deveriam sempre iniciar com uma bela oração, que traz consigo alguns momentos essenciais, inclusive a leitura e reflexão de um trecho bíblico. Algumas orientações encontradas na *internet*, por exemplo, sugerem que toda reunião inicie com uma oração que conste a invocação da Santíssima Trindade, do Espírito Santo e “a leitura de um trecho bíblico, especialmente escolhido [...] e que haja um momento de partilha e reflexão da Palavra”.³⁰⁴

Como se mencionou, o discurso é o modo proeminente de pregar através de alegorias, entretanto, não somente por ele é que se pode fazer isso. Ainda outras realidades são capazes de transmitir a mensagem cristã pelo método alegórico.

Embora apenas com fins de citação para conhecimento e possibilidade de novas pesquisas, o método alegórico fora dos discursos pode ocorrer no âmbito das artes, por exemplo, com a possibilidade da poesia alegórica. Há também, nesse mesmo sentido, o teatro religioso

³⁰¹ JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae***. Vaticano: 1979. Não paginado. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html>. Acesso em: 08 jun. 2019.

³⁰² FRANCISCO, 2014, não paginado.

³⁰³ FRANCISCO, 2014, não paginado.

³⁰⁴ OLIVEIRA, José Geraldo. **Reunião Pastoral: como planejar e executar**. 2017. Disponível em: < <https://arqmariana.com.br/noticia/1278/reuniao-pastoral-como-planejar-e-executar>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

que, utilizando as artes cênicas, representa visualmente o que um discurso alegórico faz por meio da retórica. Por fim, é possível elencar também a pintura, a escultura e a arquitetura, capazes de desempenhar a mesma função, segundo suas particularidades.

Outra importante temática que pode emergir dessa reflexão é a questão da semiologia. A partir da compreensão linguística, esse termo faz referência à ciência sobre a produção, o funcionamento e a recepção dos diferentes sistemas de sinais comunicativos entre os indivíduos ou sociedades.³⁰⁵

Conforme profetizou Isaías há uma voz que clama no deserto.³⁰⁶ Etimologicamente, deserto provém do termo hebraico *midbar* que significa “o lugar da palavra”. É no deserto que Deus faz ouvir sua palavra. É nele que o Senhor faz cessar as palavras dos homens para que se compreenda sua vontade ao ser humano.³⁰⁷

A voz que clama no deserto é a dos pregadores que clamam nos diversos ambientes. Campos sedentos, necessitados da água pura que é a palavra de Deus proclamada. O púlpito e o microfone são os artifícios necessários para que a voz clamada seja ouvida na aridez do ermo. O século XVII e a contemporaneidade são os desertos, cada um a seu modo, onde o pregador deseja fazer ouvir sua voz. Vieira e o pregador contemporâneo são essas vozes, que reconhecem a necessidade de clamar nos desertos da sociedade.

Cada qual segundo sua realidade, entre Vieira e o pregador contemporâneo há, de fato, uma diferença abissal no tangente à cultura, à religiosidade e à forma de proceder em muitos aspectos. Entretanto, fazendo as devidas contextualizações, abandonando certos aspectos que parecem negativos para a contemporaneidade e contextualizando itens primordiais das reflexões vieirianas, é possível trazer Vieira do século XVII para a atualidade, ao menos como exemplo de pregador e inaugurador de um método alegórico possível de ser utilizado pela sociedade atual.

Todo esse esforço, porém, tanto em Vieira quanto no pregador contemporâneo, não tem por objetivo fixar-se na linguagem ou mesmo

³⁰⁵ DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. **Semiologia**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/semiologia>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

³⁰⁶ Is 40,3.

³⁰⁷ ANDRADE, Aíla L. P. de. **A presença de Deus no deserto**. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/download/4/5>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

na produção de belos discursos. A finalidade da pregação deve sempre transcender à linguagem, ou seja, busca-se transpor o discurso, sair da lingüística para atingir o *ethos* da sociedade ouvinte da preleção.

CONCLUSÃO

A evangelização é um compromisso assumido por todo batizado que busca viver bem sua fé cristã. Seja na família, na comunidade eclesial ou na sociedade, o cristão é convidado a proclamar a boa notícia da salvação anunciada por Jesus Cristo e perpetuada, ao longo dos séculos, pela Igreja.

Com o advento da secularização, sobretudo, acha-se na época presente uma sociedade que, em certos aspectos, rejeita essa mensagem proclamada pelo cristianismo. Um dos motivos pode ser a falta de um método de anúncio suficientemente atrativo. É necessário, portanto, para por fim, ou diminuir, o contrassenso entre a necessidade do anúncio e a rejeição dos que o receberiam, encontrar ou desenvolver um método mais atrativo que fale claramente à realidade das pessoas, pois se a Palavra de Deus é eficaz, certamente não é ela o problema, mas sim o método de anunciá-la.

Diante de tal problemática, a presente pesquisa abordou uma questão: o método alegórico desenvolvido pelo Padre Antônio Vieira, um jesuíta português do século XVII, que viveu grande parte de sua vida no Brasil Colônia. Aos índios, negros e nobres pregava sermões que tocavam as distintas realidades contextuais que encontrava.

Assim, o primeiro momento foi de lançar os fundamentos. No primeiro capítulo da pesquisa, foram apresentadas as bases teóricas, histórico-teológicas e propriamente vieirianas do seu método alegórico. Para isso, foi exposta a história do conceito e a alegoria sob a ótica de alguns teóricos e teólogos ao longo da história, como João Adolfo Hansen e Fílon, Clemente, Orígenes, Agostinho, Beda e Tomás de Aquino. Finalmente, relacionou-se Vieira com a concepção de Hansen sobre a alegoria dos poetas, dos teólogos e de Renascimento.

O resultado do primeiro capítulo indicou propriamente o método alegórico do jesuíta português: Vieira interpreta alegorias já dadas em contexto bíblico (como um alegorista teólogo), cria novas alegorias (como um alegorista poeta) e relaciona seus escritos não somente como tipologia entre o Antigo e o Novo Testamento, mas entre as Escrituras, a história dos portugueses e a natureza (como um alegorista de Renascimento). Por fim, o primeiro capítulo também apontou que o jesuíta considera três pontas em todos os seus sermões: o ano litúrgico, o Evangelho do dia e as circunstâncias presentes na enunciação do sermão.

O segundo momento, nesse sentido, consistiu em considerar os escritos. No segundo capítulo foram apresentadas as cinco funções

para as quais o Padre Antônio Vieira desenvolve seus sermões e suas alegorias, a saber: a transmissão dos conteúdos da fé, as instruções aos pregadores, a valorização da figura feminina, a conversão e a valorização dos negros e índios e, por fim, o caráter político e a superioridade do Reino de Portugal.

Assim, os resultados do segundo capítulo demonstraram propriamente um Vieira teólogo, talvez ainda esquecido pela ciência teológica. A partir da leitura e interpretação de alguns de seus textos, reconheceu-se que Vieira prega por alegorias para transmitir os conteúdos mais essenciais da fé cristã, para instruir os pregadores a respeito do modo como proceder na pregação, para valorizar a figura feminina que deve abandonar Eva e seguir Ave, a Virgem Maria. Prega também para converter e valorizar os negros e índios que também teriam direito à fé cristã e à salvação e para demonstrar suas concepções políticas e a superioridade do Reino de Portugal, que deveria ser o Quinto Império, de onde a fé cristã se expandiria para o mundo. Importante recordar que as cinco funções não se encontram dadas em bibliografias, mas são resultados próprios da pesquisa desenvolvida.

Por fim, o terceiro momento foi de semear perspectivas. Nesse sentido, foram apresentadas as quatro razões do método alegórico, ou seja, os quatro fundamentos que sustentam a sociedade contemporânea a utilizar alegorias, e os métodos e momentos de aplicação alegórica. Em todo o capítulo apresentou-se um panorama entre a sociedade barroca e a contemporânea, demonstrando semelhanças e contrastes entre ambas, com o fim de questionar: deveria o método de Vieira ficar no século XVII ou se poderia trazê-lo ao século XXI?

Os resultados desse capítulo demonstraram as possibilidades e impossibilidades a respeito do questionamento anterior. Quanto às razões para o uso do método alegórico, percebeu-se uma problemática de contexto, uma recomendação eclesial pelo uso de imagens, uma sugestão bíblica que utiliza artifícios linguísticos e uma sugestão literária que afirma ter a alegoria as virtudes da brevidade e da clareza.

Na problemática de contexto, tanto Vieira quanto o pregador contemporâneo têm a necessidade de serem homens de seu tempo, que falem às problemáticas de sua contemporaneidade. Na recomendação eclesial, a Igreja, tanto no tempo do jesuíta quanto na atualidade, recomenda artifícios pedagógicos para a evangelização. Sobre os artifícios bíblicos, a Sagrada Escritura é regra de ação e imitação em Vieira e para o pregador de hoje. Finalmente, a brevidade e a clareza, que não são tão presentes em Vieira, são imprescindíveis para o

evangelizador contemporâneo. O terceiro capítulo revela, a partir de contrapontos apresentados, que entre o barroco e o século atual há muitas divergências, mas que com a devida contextualização, o método de Vieira pode ser adequado às problemáticas atuais.

A relevância e a contribuição que a pesquisa encontrou consistem em dois aspectos. Em primeiro lugar, de ordem científica, é preciso atualmente reconhecer em Vieira seu caráter teológico (como já aludido nesta conclusão), considerando que ele foi muito mais pesquisado na área da literatura portuguesa e esquecido, de certo modo, pela teologia. Em segundo lugar, sobre a missão da Igreja, o método alegórico é proposta para uma sociedade desinteressada por conteúdos altamente complexos na evangelização, pedindo um método mais atrativo para transmitir os conteúdos cristãos.

Frente à teologia, o método alegórico vieiriano encontra ainda muitos campos de pesquisa e atuação científica. Dessa forma, também é possível perceber todos os meios de desenvolver as alegorias aos moldes vieirianos em âmbitos que ultrapassam o discurso. As artes cênicas e a poesia, conforme já mencionado no terceiro capítulo, são dois exemplos. Além disso, pode-se desenvolver uma pesquisa na área da semiologia e também propor uma relação entre a Escritura e Vieira, entendendo qual texto bíblico ele utilizava, e percebendo as concepções que o jesuíta tinha do texto sagrado.

Vieira é um teólogo, que possui um método alegórico possível ser utilizado no século XXI, desde que seja feita a devida contextualização, assumindo perspectivas e rejeitando outras não cabíveis: com ele se pode interpretar e criar alegorias, relacionando o Evangelho, o tempo litúrgico e os problemas sociais. Pode-se também pregar com fins de transmitir a fé, instruir os pregadores, valorizar as pessoas, converter novos cristãos e instruir a respeito de assuntos políticos. Como ele, entretanto, não se pode ser obscuro e prolixo, pois se seu contexto assim pedia, o atual recusa.

Padre Vieira foi um homem à frente de seu tempo, que tomou as diversas realidades encontradas em Portugal, na Itália e, sobretudo, no Brasil Colônia. Nessa tomada soube contextualizar seus discursos, tornando-se conhecido e apreciado nos muitos contextos em que pregou, seja na corte portuguesa aos nobres, seja no Brasil Colônia aos índios e aos negros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANDRADE, Afila L. P. de. **A presença de Deus no deserto**. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/download/4/5>>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLANCO, Reinaldo Elario. **Bíblia e Jornal nas mãos**. Disponível em: <<https://www.stnbhortolandia.com.br/biblia-e-jornal-nas-maos/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. São Paulo: Martins fontes, 1987.
- CÂNDIDO, Edinei da R. Duas chaves e uma porta: na casa da Palavra. **Cadernos Patrísticos**: textos e estudos, Florianópolis, v. 4, n. 7, p. 45-62, maio 2009.
- CARVALHO, M. V. Vieira e a alegoria dos teólogos e do Renascimento. In: MEDEIROS, A., org. **Travessias pela literatura portuguesa**: estudos críticos de Saramago a Vieira. Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 207-240, p. 225. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8n8gb/pdf/medeiros9788578792794-10.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- CARVALHO, Marcelle Ventura. Vieira e a construção alegórica. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 9, nº. 1, p. 181-187, jan-jul. 2007. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/4724/3588>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CAZEAUX, Jacques. **Filon de Alejandria**: de la gramática a la mística. Estella: Verbo Divino, 1984.

CERESKO, Anthony R. **A sabedoria no Antigo Testamento**: espiritualidade libertadora. São Paulo: Paulus, 2004. p. 41.

CÍCERO. **Partições oratórias**. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/11690218/C%C3%ADcero._Parti%C3%A7%C3%B5es_orat%C3%B3rias_Tradu%C3%A7%C3%A3o_>. Acesso em: 07 jun. 2019.

COBRA, Rubem Queiroz. **Padre Antônio Vieira**. 1997. Disponível em: <<https://www.cobra.pages.nom.br/fbp-vieira.html>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. Brasília: CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: CNBB, 2005.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório Omiletico**. Vaticano: 2014. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20140629_direttorio-omiletico_it.html> Acesso em: 04 jun. 2019.

COSTA, Célio J.; CRUBELATI, Ariele M.; MONTAGNOLI, Gilmar A. **A história da Companhia de Jesus em Portugal no século XVI**: consideração sobre Inácio de Loyola. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/8U37gL1x.doc>. Acesso em: 17 jun. 2019.

CROUZEL, H. Fílon de Alexandria. In: BERARDINO, Angelo Di (org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. **Semiologia**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/semiologia>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

FERNANDES, Márcio Luiz. O Padre Antônio Vieira e o método da pregação. **Revista Pistis & Praxis: teologia e pastoral**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 211-230, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/4497/449749239012/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

FERREIRA JÚNIOR, Amarílio; BITTAR, Marisa. A pedagogia da escravidão nos *Sermões* do Padre Antonio Vieira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 84, n. 206/207/208, p. 43-53, jan.-dez. 2003a.

_____. **O Padre Antonio Vieira e a pedagogia da escravidão**. 2003b. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/A/NPUH.S22.035.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica**. Vaticano, 13 fev. 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papafrancesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.

_____. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCO, José E.; MORÁN CABANAS, Maria I. **O Padre Antônio Vieira e as mulheres: o mito barroco do universo feminino**. São Paulo: Arké, 2008.

FRANGIOTTI, Roque. **História da Teologia: período medieval**. São Paulo: Paulinas, 1992.

FREITAS, Jorge de. Considerações sobre a alegoria, a partir de João Adolfo Hansen em *Alegoria: Construção e interpretação da metáfora*. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 2, nº 3. p. 249-260, jul-dez. 2014.

Disponível em:

<<http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol203/249JorgeDeFreitas.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

GIOVANNINI, Luciana B. Eva e Ave, o veneno e o antídoto: a iconografia da anunciação da capela do rosário dos pretos da vila de São José. **MEMENTO: revista de Linguagem, Cultura e Discurso**, Betim, v. 8, n. 2, p. 1-22, julho-dezembro de 2017.

GOMES, Pedro Gilberto. **Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GONÇALVES FILHO, Antônio. Após quatro séculos, sermões se mantém atuais. **A notícia**, Joinville, 17 de fevereiro de 2008.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. São Paulo: Hedra, 2006.

_____. **O processo para a construção de metáforas. Uma entrevista com João Adolfo Hansen**. 2009. Disponível em: <<http://unisinis.br/blogs/ihu/invencao/o-processo-de-construir-metaphoras-uma-entrevista-com-joao-adolfo-hansen/>>. Acesso em: 19 dez. 2018. Entrevista concedida a André Dick.

HEXAG MEDICINA. **Literatura – Padre Antônio Vieira**. 2015. (9m41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9PuihwScvIk>>. Acesso em 12 fev. 2019.

HINRICHSEN, Luís Evandro. A arte homilética segundo Antônio Vieira: Estudo do Sermão da sexagésima ou sobre o poder e alcance da Palavra. **Cadernos da ESTEF**, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, n.51, p. 43-54, 2013.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae***. Vaticano: 1979. Não paginado. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/john-paul->

ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html>. Acesso em: 08 jun. 2019.

LIBÂNIO. João Batista. Padre Antônio Vieira. **Jesuítas**, Porto Alegre, n. 259, jul-set 2008.

LIÉBAERT, Jacques. **Os Padres da Igreja**: séculos I-IV. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

LOPES, Augustus Nicodemus. **História da Interpretação Cristã da Bíblia**. Disponível em: <http://www.monerigismo.com/textos/hermeneuticas/he_augu1.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

LOPES, Vinícius F. **O simbolismo do círculo no Sermão de Nossa Senhora do Ó de Padre Antônio Vieira**. 2016. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16266/1/2016_ViniciusFerreiraLopes_tcc.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2019.

LUFT, Joise Maria. A construção alegórica no *Sermão da Sexagésima* de Antônio Vieira. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 4, nº 7. p. 198-213, jul-dez. 2016. Disponível em: <<http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol407/13%20A%20constru%C3%A7%C3%A3o%20aleg%C3%B3rica.%20Joise%20Maria%20Luft%20PRONTO.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

LUPI, João E. P. B. Texto e contexto. **Cardernos Patrísticos**: textos e estudos, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 23-50, novembro 2014.

_____. **A Escola de Alexandria como núcleo**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/23811/21367>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

MAC DOWELL, João Augusto A. A. Vieira contravertido. **Jesuítas**, Porto Alegre, n. 259, jul-set 2008.

MARQUES, António Soares. A mulher nos Sermões do P.e. António Vieira. **Máthesis**, Viseu, 1993, p. 121-141. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/24026/1/mathesis2_artigo9.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em: 27 abr. 2019.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 14. Disponível em: <<http://www.eduardoguerreirolosso.com/Massaud-Moises-Dicionario-de-Termos-Literarios.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MEDEIROS, Aldinida. **Travessias pela literatura portuguesa**: estudos críticos de Saramago a Vieira. SciELO-EDUEPB, 2013, p. 223.

MURASHIMA, Mary K. G. Alegoria e segredo III: reinterpretando alegorias hermenêuticas: *o evangelho segundo Jesus Cristo*. **Princípios**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 25, p. 55-66, 2012.

O'DONNELL, James J. Bíblia. In: FITZGARALD, Allan D. (Coord.). **Dicionário de San Agustín**: San Agustin a traves del tiempo. Burgos : Monte Carmelo, 2001. p. 176-182.

OLIVEIRA, José Geraldo. **Reunião Pastoral**: como planejar e executar. 2017. Disponível em: < <https://arqmariana.com.br/noticia/1278/reuniaopastoral-como-planejar-e-executar>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***. Vaticano: 1975. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 03 jun. 2019.

PÉCORA, Alcir. A fala sinfônica. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 de fevereiro de 2008. Mais! n. 826.

_____. Para ler Vieira: As três pontas das analogias nos sermões. **FLOEMA**: Caderno de Teoria e História Literária, Vitória da Conquista, ano I, n. 1, p. 29-36, 2005.

PIRES, Francisco Quinteiro. O imperador da língua portuguesa. **A notícia**, Joinville, 17 de fevereiro de 2008. Ideias.

PLOEG, J. P. M. van der. **Jesus nos fala**: as parábolas e alegorias dos quatro evangelhos. São Paulo: Paulinas, 1999.

SCLIAR, Moacyr. Um homem, um século. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 de fevereiro de 2008. Mais! n. 826.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2001.

TRÓPIA, Ulysses R. L. No fundamento da alegoria bíblica: Fílon de Alexandria. **Cadernos Patrísticos: textos e estudos**, Florianópolis, v. 4, n. 7, p. 19-41, maio 2009.

VATICAN NEWS. **Santa Sé: a evangelização é a missão essencial da Igreja**. 2018. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-07/amacea-rugambwa-missao-igreja.html>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

VERITATIS Splendor. **As formas e os gêneros literários da Bíblia**. 2010. Disponível em: <<https://www.veritatis.com.br/as-formas-e-os-generos-literarios-da-biblia/>>. Acesso em 05 jun. 2019.

VIEIRA, Antônio. **Escritos históricos e políticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **História do futuro**. 1718. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000253.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

_____. **Sermão da Ascensão de Cristo Senhor Nosso**. 1998b. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=49774>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

_____. **Sermão da Epifania**. 1662. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01843.html>. Acesso em: 07 mai. 2019.

_____. **Sermão da Primeira Domingo da Quaresma**. 1653. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01941.html>. Acesso em: 07 mai. 2019.

_____. **Sermão da Primeira Domingo do Advento**. 1650. Disponível em: <

<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=49787>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

_____. **Sermão da Sexagésima**. 1655. Disponível em: <<http://www.culturatura.com.br/obras/Serm%C3%A3o%20da%20Sexag%C3%A9sima.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

_____. **Sermão de Nossa Senhora do Ó**. 1640. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=49840>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

_____. **Sermão de Santo Antônio**. 1654. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-02092.html>. Acesso em: 08 mai. 2019.

_____. **Sermão do Bom Ladrão**. 1655. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000025pdf.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

_____. **Sermão Nossa Senhora do Rosário com o Santíssimo Sacramento**. 1654. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=49901>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

_____. **Sermão Trigésimo com o Santíssimo Sacramento exposto**. 1998a. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=49766>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

_____. **Sermão XIV**. 1633. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01858.html>. Acesso em: 07 mai. 2019.

_____. **Sermão XX – Maria Rosa Mística**. 1998c. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01866.html>. Acesso em: 07 mai. 2019.

_____. **Sermão XXVII com o Santíssimo Sacramento Exposto**. 1998d. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01872.html>. Acesso em: 08 mai. 2019.

VILAR, Fernanda S.; SILVA, Tiago E. da. **A representação do círculo no Sermão do Padre Antonio Vieira**. Acesso em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/r00006.htm>> . Acesso em: 16 abr. 2019.